

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO ACADÊMICO

ANA PAULA COSTA SILVA

**NO BARCO DE CARONTE: A MORTE PELO OLHAR DOS PROFISSIONAIS DE
SERVIÇOS FUNERÁRIOS**

PORTO VELHO - RO
2021

ANA PAULA COSTA SILVA

**NO BARCO DE CARONTE: A MORTE PELO OLHAR DOS PROFISSIONAIS DE
SERVIÇOS FUNERÁRIOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Rondônia como exigência parcial para obtenção do título de Mestra em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Saúde e Processos Psicossociais

Orientador: Dr. José Juliano Cedaro

PORTO VELHO - RO
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Fundação Universidade Federal de Rondônia
Gerada automaticamente mediante informações fornecidas pelo(a) autor(a)

S586n Silva, Ana Paula Costa.

No barco de Caronte: a morte pelo olhar dos profissionais de serviços funerários / Ana Paula Costa Silva. -- Porto Velho, RO, 2021.

113 f.

Orientador(a): Prof. Dr. José Juliano Cedaro

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) - Fundação Universidade Federal de Rondônia

1.Atitudes diante da morte. 2.Tanatologia. 3.Morte. 4.Psicologia.
5.Serviço funerário. I. Cedaro, José Juliano. II. Título.

CDU 159.92

Bibliotecário(a) Renata Cortinhas Bulhões

CRB 11/1010



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

"NO BARCO DE CARONTE: A MORTE PELO OLHAR DOS PROFISSIONAIS DE SERVIÇOS FUNERÁRIOS"

ANA PAULA COSTA SILVA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia pela Fundação Universidade Federal de Rondônia.
Linha de Pesquisa: Saúde e Processos Psicossociais.
Orientador: Prof. Dr. José Juliano Cedaro

Banca examinadora:

Prof. Dr. José Juliano Cedaro – Orientador/PPGPSI/UNIR

Profª. Drª. Elizabeth Avelino Rabelo – Avaliadora externa

Profª. Drª. Maria Júlia Kovács - Avaliadora externa/IP/USP

Dissertação aprovada em: 09 de novembro de 2021.



Documento assinado eletronicamente por JOSE JULIANO CEDARO, Docente, em 10/11/2021, às 15:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Elizabeth Avelino Rabelo, Usuário Externo, em 30/11/2021, às 17:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por MARIA JULIA KOVÁCS, Usuário Externo, em 02/12/2021, às 06:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.unir.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 0805171 e o código CRC 4A1B07A2.

A todos aqueles que planejam morrer um dia.

AGRADECIMENTOS

O caminho percorrido para um título acadêmico pode ser, por vezes, solitário. Quando tentamos percorrer este caminho tentando também sobreviver a uma pandemia e à depressão, a solidão pode parecer ainda mais poderosa. É com gratidão que escrevo essas linhas, lembrando de todos que caminharam uma parte deste percurso a meu lado.

Primeiramente, sou grata à Universidade Federal de Rondônia (UNIR), local que me acolheu, mesmo vindo de uma instituição privada e sem qualquer trejeito acadêmico. Obrigada pelas noites de céu limpo em que me protegeu dentro dos teus muros e pelos dias de calor intenso em que me recebeu, meio perdida entre seus prédios.

Agradeço pelas conexões criadas no curto período de tempo que pudemos passar juntos presencialmente, principalmente à Nikolli, minha irmã de orientador, por dividir as felicidades e angústias do mestrado comigo.

Aos parceiros que todas as noites de aula me esperavam para que pudéssemos voltar pra casa juntos, em nossas motos, formando nosso clubinho de motocicleta, minha gratidão pelo afeto e companheirismo. Exponho ainda minha gratidão por cada colega de nossa grande turma, com quem tive a felicidade de partilhar um pedaço da minha jornada.

Agradeço à minha família, em especial à minha mãe e ao meu irmão William, por terem cuidado de mim quando a depressão e a ansiedade se tornaram insuportáveis. Por terem sido conforto, colo, paciência, amor e uma enorme ajuda prática com as questões da vida e do mundo. À minha mãe do coração, Marly Suave, pelo mesmo cuidado e amparo que minha própria família me proveu.

Ao meu namorado Mateus, por ter surgido no momento mais turbulento da minha vida e se provado ser tranquilidade, carinho, afeto, cuidado e companheirismo. Por sempre ter acreditado no meu potencial com a segurança que eu não tinha sobre mim mesma. Por ter assistido tantos filmes de terror ao meu lado. Por sua amizade e por seu amor.

Agradeço à minha psicóloga Patrícia por nunca ter desistido de mim e por ter segurado a minha dor com tanta delicadeza durante esse processo.

Às professoras Ivonete e Marli, por terem sido tão observadoras e cuidadosas diante das minhas crises, se preocupando e cuidando para que eu fosse cuidada. Por terem mantido o contato apesar da distância. Por checarem como eu estava andando pela vida.

Ao professor e orientador Juliano, por ter me aceito como sua orientanda, por observar que em meu período mais difícil, o ideal era deixar meu projeto inicial de pesquisa para outro momento e focar em algo menos doído. E por ter entendido que falar de morte não me dói. Por ter compreendido meus rompantes durante a pesquisa. Por ter continuado comigo e colaborado com a criação deste texto que agora entrego.

Por Curitiba, cidade onde hoje eu habito e que me habita, por ter sido curativa diante do meu sofrimento.

Pela Mel, minha cachorra e companheira de mais de uma década, pelo olhar compreensivo e por todas as vezes que deitou aos meus pés enquanto eu escrevia a dissertação.

Agradeço, enfim, aos participantes da minha pesquisa, que prontamente confiaram em uma estranha para dividir suas histórias de vida e seus pensamentos através de um aplicativo de mensagens, alguns, inclusive, virando amigos depois disso.

Por fim, agradeço a você que dedicará seu tempo para ler o que eu escrevi.

Por nossas vidas na morte!

“Vinde a mim, ó Verme tão cálido,
A meu corpo lívido,
Primeiro repasto.

Recebei, ó Verme tão tépido,
De meus lábios castos
O beijo mais pálido.

Devorai, ó Verme famélico,
O naco mais sórdido,
O corpo estático.

Concebei, ó Verme tão lúcido,
Em meu ventre oco
O filho mais pródigo.

Celebrai, ó Verme endeusado,
No templo mais pútrido
O culto mais sacro.

Ofertai a um Deus sifilítico
A hóstia de Carne
E o Pus consagrado.

Verme feito Deus”

Imago Mortis - Ultima Visio

SILVA, A. P. C. **No barco de Caronte**: a morte pelo olhar dos profissionais de serviços funerários. 2021. 113f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Porto Velho, 2021.

RESUMO

Este é um estudo sobre como a morte é vista pelos profissionais do serviço funerário. Esses, por estarem expostos ao fenômeno da morte na concretude em que ocorre e no cotidiano de suas profissões, lidam com a finitude da vida humana contínua e rotineiramente. De tal modo, objetivou-se indagar como estes trabalhadores concebem e compreendem a morte. Buscou-se investigar também como eles compreendem e lidam com o fenômeno em questão a partir do exercício de suas atividades profissionais e em suas respectivas vidas pessoais. Os dados foram colhidos a partir de entrevistas semiestruturadas com oito profissionais do serviço funerário. Também foram coletados dados sociodemográficos dos participantes. As informações foram analisadas e discutidas a partir da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011). Chegou-se às seguintes conclusões: são utilizados mecanismos de enfrentamento e adaptação ao fenômeno da morte do outro, como despersonalização dos mortos, distanciamento de postura, entre outros; a prática profissional favorece, para estes trabalhadores, o surgimento de questões sobre a finitude, tais como o significado da morte, quais providências devem ser tomadas em caso da própria morte, etc.; e a morte, enquanto conceito, ganha características muito particulares para estes profissionais, havendo confronto com a concretude deste fenômeno, fazendo com que os entrevistados passem a pensar sobre a finitude deles próprios e o que a morte representa para eles. Também foi exposta a dificuldade em lidar com a própria dor quando perdem alguém, além da dor dos familiares enlutados que atendem na prática do trabalho, e que se busca transparecer distanciamento, e até frieza, como uma forma de mostrar profissionalismo, embora nem sempre seja possível.

Palavras-chave: Atitudes diante da morte. Tanatologia. Morte. Psicologia. Serviço funerário.

SILVA, A. P. C. **In Charon's boat**: death through the eyes of funeral service professionals. 2021. 113f. Dissertation (Academic Master's Degree in Psychology) – Post-Graduation Program in Psychology. Federal University of Rondônia – UNIR, Porto Velho, 2021.

ABSTRACT

This is a study on how death is perceived by funeral service professionals. These, for they are exposed to the phenomenon of death in the concreteness in which it occurs and in the daily life of their professions, deal with the finitude of human life continuously and routinely. Therefore, the objective was to investigate how these workers conceive and understand death. It was also sought to investigate how they understand and deal with the phenomenon in question from the exercise of their professional activities and in their respective personal lives. The data were collected from semi-structured interviews with eight funeral services professionals. The participants' sociodemographic informations were also collected. The information was analyzed and discussed based on the Content Analysis proposed by Bardin (2011). The following conclusions were made: coping and adaptation mechanisms to the phenomenon of the death of the other are used, such as depersonalization of the dead and distance in posture, among others; the professional practice favors, for these workers, the emergence of questions related to finitude, such as the meaning of death, what measures should be taken in case of their own deaths, etc.; and death, as a concept, gains very particular characteristics for these professionals, confronting the concreteness of the phenomenon, making the interviewees start thinking about their own finitude and what death represents for them. The difficulty in dealing with their own pain when they lose someone, in addition to the pain of bereaved family members whom they assist in the practice of their work, was also exposed. Furthermore, it was perceived that they seek to show distance, and even coldness, as a way of showing professionalism, although it is not always possible.

Keywords: Attitudes towards death. Thanatology. Death. Psychology. Funeral service.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Caminho percorrido para seleção de trabalhos.....	23
---	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Informações referentes às publicações selecionadas e analisadas.....	23
Quadro 2 - Apresentação dos colaboradores.....	51

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAEE – Certificado de Apresentação de Apreciação Ética

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Covid-19 – *Corona Virus Disease-19*

EPI – Equipamento de Proteção Individual

Nutaf – Núcleo de Tanatologia e Antropologia Forense

OMS – Organização Mundial da Saúde

Pefoce – Perícia Forense do Estado do Ceará

PePSIC – Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia

SARS-CoV-2 – Coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave

SciELO – *Scientific Electronic Library Online*

SVO – Serviço de Verificação de Óbitos

SVS – Secretaria de Vigilância em Saúde

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIR – Universidade Federal de Rondônia

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	13
1 INTRODUÇÃO.....	13
1.1 OBJETIVOS	21
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	22
2.1 LEVANTAMENTO DE PUBLICAÇÕES REALIZADAS SOBRE O TRABALHO COM A MORTE	22
2.2 A MORTE NA CONTEMPORANEIDADE	30
2.3 AGÊNCIAS FUNERÁRIAS E CEMITÉRIOS.....	35
2.4 O TRABALHO COM O CORPO E A MORTE COMO OFÍCIO.....	37
2.5 A PANDEMIA DE COVID-19 E SEUS MORTOS	40
2.6 A AUSÊNCIA DOS RITUAIS DE DESPEDIDA NAS MORTES POR COVID-19 E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O LUTO	44
3 MÉTODO.....	49
3.1 PARTICIPANTES.....	49
3.2 PROCEDIMENTOS ÉTICOS	50
3.3 INSTRUMENTOS E COLETAS DE DADOS	50
3.4 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS	51
3.5 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES	51
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	54
4.1 O TRABALHO COM A MORTE	55
4.1.1 Coveiro x sepultador - “O real nome da profissão é coveiro.”.....	55
4.1.2 Tornar-se o que se é - “A profissão que me escolheu.”.....	56
4.1.3 Treinamento - “Tal como varrer uma casa.”.....	58
4.1.4 Atividades desempenhadas - “Não tem uma métrica de morte.”.....	61
4.1.5 Visão da sociedade - “É ele quem vai enterrar o padre, o juiz, o promotor.”.....	63
4.1.6 As mulheres e a morte - “Com o passar do tempo, as mulheres estão progredindo, tão mostrando que são capazes de fazer serviço de homem.”.....	67
4.1.7 A Pandemia de Covid-19 – “Triplicou a quantidade de enterros diários.”.....	70
4.1.8 Perspectivas em relação ao trabalho - “Não me vejo mais fazendo outra coisa.”...	72
4.2 A MORTE DE SI	73
4.2.1 O conceito de morte - “Gosto de pensar que a morte é a cereja do bolo.”.....	73

4.2.2	Significações - “Hoje encaro como algo bem natural.”	75
4.2.3	A morte de si - “Um dia serei eu aqui dentro desse buraco.”	76
4.3	A MORTE DO OUTRO	79
4.3.1	Os espaços de trabalho - “Já pensou se toda família tivesse que organizar seu próprio funeral?”	79
4.3.2	Diante da dor do outro - “A energia é sempre pesada. Sempre pesada.”	80
4.3.3	A morte de pessoas próximas - “Quando atende o telefone é o quê? Morte! É o mensageiro da desgraça.”	83
4.3.4	O contato com o corpo morto - “Aquele mau cheiro do caminhão do lixo, de ovos podres.”	85
4.3.5	Adaptações e enfrentamentos - “Pra mim é só osso que vai ser sepultado, ou qualquer tipo de carne.”	86
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
	REFERÊNCIAS	92
	APÊNDICE A – Formulário socioeconômico	99
	APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semiestruturada	101
	APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participantes maiores de 18 anos	102
	APÊNDICE D - Termo de autorização	104
	APÊNDICE E - Declaração de compromisso do pesquisador responsável	106
	APÊNDICE F – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	107

APRESENTAÇÃO

Eu tinha quatro anos quando houve a primeira de várias mortes na minha família. Apesar disso, nunca pensei que morte fosse algo que pudesse ter relação com quem eu sou e como me apresento para o mundo, mas aqui estamos. A morte e eu temos um relacionamento meio intenso, e não é só porque ela me visita com frequência, mas também pelo contrário. Era 1993 quando aconteceu a primeira morte da qual me lembro. O cemitério lotado de gente, debaixo de chuva. Daquela vez não conversei com nenhum coveiro, mas foi a primeira, de muitas vezes, que eu entrei num cemitério.

Os estudiosos da morte dizem que a gente percebe a morte primeiramente pela morte-do-outro, e não pela ideia da nossa. O outro que morre nos dá a percepção da finitude da vida. Mas, ver aquele morto não elucidou muita coisa para mim. Aos quatro anos, sem ninguém para explicar o que estava acontecendo, demorei muito para compreender o que era a morte. O conceito de morte para uma criança pode ser muito complicado, principalmente se não há algum adulto para guiá-la através de tamanha abstração. Se eu soubesse o que era morte, talvez tivesse ficado com a minha família no momento daquele enterro, mas não. Ali, decidi passear sozinha pelo cemitério, aquele lugar tão diferente e cheio de mistério. Percorri suas ruas com seus túmulos e árvores, pela primeira vez de muitas.

Ao longo da vida, passei a visitar os cemitérios com frequência. Sempre gostei da paz e do silêncio que eles proporcionavam, além das histórias dos túmulos e, com o tempo, dos coveiros. Sempre que viajava, buscava conhecer a história daquela nova cidade, e muito da história de uma cidade pode ser contada pelos seus cemitérios. Gostava de sentar e conversar com os coveiros, observar seu trabalho, ouvir seus causos. E, assim, quase que por consequência, a morte se tornou meu tema de pesquisa do mestrado.

Infelizmente, durante a pesquisa, foi declarada uma pandemia que me impediu de fazer o que mais gostava: andar pelos cemitérios e conversar pessoalmente com os coveiros. Então, foi necessário repensar os caminhos e, como ocorreu em várias ações humanas, recorremos às ferramentas da tecnologia para poder manter contato seguro com os participantes.

Assim, mesmo com esses percalços, pude ter excelentes diálogos sobre a morte e os mortos com trabalhadores e trabalhadoras que atuam diretamente com os serviços funerários e de sepultamento. E, tão prazeroso quanto ouvi-los, foi escrever sobre eles. Por isso, espero que sua leitura das próximas páginas também o seja.

1 INTRODUÇÃO

Houve um tempo em que nosso poder ante a Morte era muito pequeno. E, por isso, os homens e as mulheres dedicavam-se a ouvir sua voz e podiam tornar-se sábios na arte de viver. Hoje, nosso poder aumentou, a Morte foi definida como inimiga a ser derrotada, fomos possuídos pela fantasia onipotente de nos livrarmos de seu toque. Com isso, nos tornamos surdos às lições que ela pode nos ensinar.

Rubem Alves¹

A palavra morte origina-se do latim *mors* e refere-se ao término definitivo da vida, ou seja, ao processo irreversível de cessação das atividades biológicas necessárias para a manutenção da vida, sendo considerada o último estágio do desenvolvimento humano. Morrer é um dos únicos eventos experienciados por todos os seres vivos, mas cuja vivência é individual e intransferível (KOVÁCS, 2010). Embora tenham sido feitos grandes avanços médicos e tecnológicos que permitem mais saúde e longevidade, não é possível escapar da morte, apesar de alguns esforços da literatura para imaginar como seria se a morte fosse “pausada” ou “extinguida”, como é o caso de José Saramago em “Intermitências da Morte”.

A morte é um fenômeno que provoca reações das mais distintas. Ao mesmo tempo em que é graças à ideia da própria finitude que, muitas vezes, atribuímos sentido à existência, buscando a realização de projetos e maior qualidade de vida, a consciência desta condição pode vir acompanhada de angústia e medo que, muitas vezes, nos paralisam: “A consciência da própria morte é uma importante conquista constitutiva do homem. O homem é determinado pela consciência objetiva de sua mortalidade e por uma subjetividade que busca a imortalidade” (KOVÁCS, 2010, p. 29).

Segundo Silva e Melo (2018, p. 177), “A vivência com a ideia de morte e morrer ganha formas nas diferentes fases do desenvolvimento humano, alterando os conceitos de representação da morte de acordo com a maturidade de ideia e fator sociocultural”. Com isso, percebe-se que fatores sociais, culturais e subjetivos estão relacionados às concepções que se tem sobre a morte, e que eles afetam a todos os humanos, tanto no âmbito pessoal, quanto no coletivo: “A sociedade funciona apesar da morte, contra ela, mas só existe enquanto organizada pela morte, com a morte e na morte” (KOVÁCS, 2010, p. 29).

De acordo com Kovács (2010, p. 3), “A morte faz parte do desenvolvimento desde a mais tenra idade”. O contato com a morte de outras pessoas e a forma como a comunidade percebe e responde a esse fenômeno são fatores que influenciam na forma como uma pessoa

¹ ALVES, R. A morte como conselheira. In: CASSORLA, R. M. S. (coord.). **Da morte**: estudos brasileiros. Campinas: Papyrus, 1991.

compreende e processa a mortalidade. A relação do homem com a morte modifica-se ao longo do tempo e possui também diferenças entre as culturas. Kovács, ao citar Edgar Morin, afirma que o ato de não abandonar os corpos mortos, dando a eles um destino, é comum a todas as sociedades:

Para a espécie humana, a morte está presente durante a vida toda e se faz acompanhar de ritos. Desde o homem de Neanderthal são dadas sepulturas aos mortos. A morte faz parte do cotidiano, é concreta e fundamental. Qualquer grupo, mesmo os mais primitivos, não abandonam os seus mortos (KOVÁCS, 2010, p. 29).

No entanto, é possível observar que em determinados períodos históricos, os homens, por impossibilidade de lidar com a quantidade de mortos, modificam suas atitudes em relação aos corpos mortos, como em guerras, por exemplo. O Equador, diante da pandemia de Covid-19, enfrentou o colapso de seu sistema funerário e as pessoas no município de Guayaquil abandonaram seus cadáveres nas ruas². Desta forma, quando uma pessoa morre, cabe aos vivos definir o que será feito com o cadáver. Nesse ponto, questões religiosas exercem bastante influência, principalmente a respeito da crença na vida após a morte.

A postura da sociedade diante da morte e do morto tem um papel decisivo na formação de uma tradição cultural comum. Essa postura deixa claros seus medos, preocupações sanitárias, crenças e rituais: “Basicamente, estão registrados quatro processos funerários desde que o *Homo sapiens* começou a se ocupar com o cadáver: o da pedra tumular, o do enterro ou inumação, o do dessecamento e o da cremação.” (RABELO, 2014, p. 20).

O preparo do corpo morto leva em consideração seu destino: em busca de preservá-lo, o embalsamamento³ é utilizado e o corpo, enterrado; quando se busca a total desintegração, opta-se pela cremação. Quanto aos processos funerários, Chiavenato (1998) explica:

A pedra tumular talvez fosse usada para impedir que o morto voltasse ao mundo dos vivos: sobre o defunto jogava-se uma pedra grande o suficiente para esmagá-lo contra o solo. Já no enterro colocavam-se os mortos dentro de uma cova, cobrindo-a com terra ou pedras. No processo de dessecamento deixava-se o morto sobre uma palafita, exposto ao ar, que secava o cadáver, e

² Fonte: Mortos em casa e cadáveres nas ruas: o colapso funerário causado pelo coronavírus no Equador. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/04/01/mortos-em-casa-e-cadaveres-nas-ruas-o-colapso-funerario-causado-pelo-coronavirus-no-equador.ghtml>. Acesso em: 17 abr. 2020.

³ Embalsamar significa preparar cadáveres humanos ou animais para sua conservação indefinida, preservando-os da putrefação. Fonte: MICHAELIS. Moderno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/embalsamar/>. Acesso em: 3 dez. 2019.

aos abutres, que comiam sua carne. No processo de cremação, o corpo transformava-se em cinzas (p. 12).

As ações realizadas com o corpo morto são chamadas de rituais funerários, os quais estão muito associados às representações de morte da cultura da qual fazem parte:

Os rituais de morte buscam favorecer essa grande viagem, as orações facilitam a superação dos obstáculos, bem como servem de orientação aos mortos em sua peregrinação. O temor dos mortos, que Morin chama de “duplos”, personificados pelos espíritos, fantasmas, é associado àquelas pessoas que morreram mal, que estão privadas de sepultura e vagueiam, aterrorizando os vivos (KOVÁCS, 2010, p. 31).

Alguns rituais ocorrem por causa da crença na vida após a morte e por motivos religiosos. Segundo Kovács, Vaiciunas e Alves (2014), “os rituais têm como propósito, para os religiosos, o descanso da alma e, para os enlutados, a certeza de que os mortos repousam em paz” (p. 944).

Na atualidade, como será explorado mais adiante, vivemos em uma cultura que terceiriza o cuidado com o corpo morto, não sendo este mais realizado pelas famílias. Surgiram profissionais aos quais pedimos auxílio para questões burocráticas e estéticas, entre outras, como agentes funerários, tanatopraxistas, necromaquiadores e sepultadores. Esses profissionais lidam diretamente com o cadáver e são responsáveis por preparar, embelezar e conservar para o velório e pela posterior cremação ou enterramento. Reis (1991, p. 143) afirma que na Bahia do século XIX atribuía-se grande importância a quem fosse cuidar da toalete do morto: “pessoa comum, não iniciada no lidar com a morte, não podia tocá-lo, sob pena de também morrer”.

Muitas são as sociedades que acreditam que se deve dar um destino apropriado ao corpo morto, justificando-se com as mais diversas superstições ou crenças religiosas: “[...] e o morto sem sepultura era dos mais temidos dos mortos. Pois morrer sem enterro significava virar alma penada.” (REIS, 1991, p. 213). Reis evoca a teoria do antropólogo Arnold Van Gennep, cujo estudo sistemático aborda períodos de transição de indivíduos de um *status* a outro:

Em seu clássico estudo sobre os ritos de passagem, Van Gennep dividiu as cerimônias funerárias em ritos de separação entre vivos e mortos, e ritos de incorporação destes últimos a seu destino no além. Entre a separação e a incorporação, o morto ficaria no limite entre o aqui e o além, uma espécie de parêntese existencial a ser ritualmente preenchido pelos vivos (REIS, 1991, p. 111).

Nas mitologias grega e romana, Caronte, ferreiro de Hades, o deus dos mortos e rei do submundo, era um psicopompo⁴, que transportava em seu barco as almas dos recém-falecidos pelo rio Aqueronte, que divide o mundo dos vivos do mundo dos mortos. Uma pequena moeda de prata, chamada Óbolo, era depositada dentro ou sobre a boca ou olhos da pessoa morta para pagar a passagem a Caronte. Segundo a mitologia, os mortos que não tinham a moeda consigo, ou não haviam sido propriamente sepultados, não eram transportados por Caronte, tendo que vagar às margens dos rios até que lhes fosse permitido atravessar.

Na Divina Comédia, antes de Dante e Virgílio chegarem ao vestibulo do Inferno e passarem por seus nove círculos, há o rio Aqueronte - clássico da mitologia greco-romana - domínio do estado intermediário, que não está mais aqui, mas ainda não chegou lá. O barqueiro Caronte carrega em seu barco os mortos, levando os homens a seu destino "final", não sem antes receber sua moeda de transportador. O rio tem águas pesadas, turvas e lodosas, e prenuncia um devir tenebroso. Eis a imagem de um limiar: sombrio e instável, como as águas de Aqueronte, frio e pragmático, como o barqueiro, que exige pagamento, e, acima de tudo, misterioso, incógnito... (FRANCO, 2008, p. 38).

O “pagamento” também foi mencionado por Reis ao falar sobre velórios de famílias ricas da Bahia, que importavam costumes europeus no século XIX: “Ainda para a viagem, os mortos próximos levavam uma moeda de prata portuguesa, costume mediterrâneo, já conhecido na antiguidade grega – mas encontrado também na Inglaterra, onde se colocava um *penny* na boca para São Pedro, guardião da entrada do céu.” (1991, p. 162). Tomou-se de empréstimo o mito de Caronte para dar nome a esta dissertação, que busca compreender a percepção e o significado atribuído ao fenômeno da morte pelos profissionais dos serviços funerários – os responsáveis por conduzir os recém-falecidos ao seu destino final.

Os ofícios do necrossistema, embora extremamente necessários, são invisíveis socialmente. Nossa sociedade distanciou-se da morte a ponto de não mais reconhecê-la como acontecimento ao qual todos são passíveis, havendo uma resignação ao destino coletivo da espécie humana, como se esse pudesse ser evitado caso não se pense ou fale a respeito dele. Os trabalhadores dessa área entram em contato com o que é velado, evitado, e, portanto, seus ofícios são estigmatizados socialmente, considerados “trabalhos sujos”, levando-os a serem invisibilizados pela função que exercem.

Portanto, questiona-se: como os trabalhadores de serviços funerários, que lidam com a morte cotidianamente, se relacionam com a morte e o morrer numa cultura de morte interdita?

⁴ Palavra que tem origem no grego *psychopompós*, junção de *psyche* (alma) e *pompós* (guia), designa um ente cuja função é guiar ou conduzir almas em ocasiões de transição, por exemplo, da Terra ao Além-Vida.

O que eles pensam a respeito da morte e que aprendizados este contato pode proporcionar para aqueles que se distanciam da morte por angústia ou por medo? É plausível acreditar que o ofício realizado por tais trabalhadores possa iluminar tais questões, trazendo à tona conhecimentos inerentes às suas profissões e experiências singulares. Buscou-se, assim, entender a morte pela lente dos que trabalham com ela.

O modo de lidar com a morte na sociedade ocidental, desde o início do século XX, é de interdição e afastamento: vivemos num distanciamento coletivo da morte. O historiador francês Philippe Ariès realizou um estudo sobre a relação do homem com a morte em seus aspectos históricos e, em *História da Morte no Ocidente* (1977), chama essa atitude de morte interdita: evitamos falar sobre ela, como se pudéssemos, assim, escapar. A partir do momento histórico em que os doentes passaram a ser tratados em hospitais, afastados das famílias, a morte passou a ser vista como uma inimiga a ser derrotada; o processo de adoecimento e morte acontecia, então, de forma privada, sendo responsabilidade da medicina: institucionalizados, com o afastamento que se originava no período de doença e se estendia até o processo de morte e enterramento.

Ariès (1990) considera que a supressão do luto é o segundo grande acontecimento da morte na contemporaneidade, deixando de ser um espetáculo familiar: “a dor da saudade pode permanecer no coração do sobrevivente, não devendo este manifestá-la em público” (p. 631). No entanto, o autor afirma que tal supressão não ocorre por decisão da família enlutada, mas por pressão social: ao recusar fazer parte dos sentimentos dos enlutados, recusam-se também a atestar a presença da morte. A morte passa, então, a ser excluída. Indo além, as próprias práticas funerárias têm se modificado nas últimas décadas, ocorrendo a terceirização do manejo com o corpo morto, agora realizado pelas casas funerárias.

Faraj *et al.* (2013), ao investigarem as publicações da área da psicologia a respeito da morte, afirmaram que “a eliminação da fala sobre a morte e sobre o processo de morrer tem implicações na forma como os indivíduos sentem e lidam com a morte das pessoas próximas, o que interfere na aceitação de morte do próprio indivíduo” (p. 444). Ao notar esta forma de expressão do luto, ou a falta dela, os psicólogos e psicanalistas passaram a questionar se tal modelo era saudável, pois, considerando que a morte do outro significa uma perda, sentimentos negativos podem surgir e ficar sem a devida elaboração.

Quando a expressão do luto escapa do que é considerado adequado para a época e para a sociedade, ele ganha nomes como ‘complicado’ ou ‘patológico’, podendo acarretar severas implicações na vida do enlutado: “o luto mal elaborado está se tornando um problema de saúde pública, dado o grande número de pessoas que adoecem em função de uma excessiva carga de

sofrimento sem possibilidade de reflexão e aceitação” (SANTOS; CORRAL-MULATO; BUENO, 2014, p. 200). Contrariando tal afirmação, está Parkes (1998⁵ *apud* KOVÁCS, 2003, p. 156), que afirma ser “muita onipotência se acreditar que há um padrão único de enfrentamento das perdas, sendo necessária uma cuidadosa avaliação em cada caso”.

Profissionais da psicologia, assim como de outras áreas da saúde, apresentam dificuldades para lidar com questões relacionadas à morte e ao morrer, embora sejam fenômenos inerentes aos seus ofícios. Kovács, Vaiciunas e Alves (2014), bem como Flores e Moura (2018), trazem levantamentos bibliográficos sobre a produção acadêmica da psicologia acerca do trabalho com a morte, concluindo que a maior parte dos estudos é realizada no ambiente hospitalar com profissionais da saúde. No entanto, nesses ambientes a morte costuma ser vista como fracasso dos esforços da medicina, e não como parte normal do desenvolvimento humano. Nesse ponto, a psicologia tem a possibilidade de ampliar o olhar para esta questão:

A psicologia contribui com a possibilidade de fazer o indivíduo refletir sobre a sua condição de ser finito e o que sente com relação à perda, buscando estabelecer a compreensão do que se passa, instigando vontade de enfrentamento das situações para que aconteça o processo de ressignificação da experiência (SILVA, 2018, p. 178).

Existem algumas ocupações ainda mais negligenciadas pelas pesquisas e pela própria sociedade: aquelas ligadas ao preparo e manejo do corpo morto para as práticas funerárias. Segundo Prado (2013), quando uma morte ocorre, é preciso seguir algumas etapas, que vão desde a preparação do corpo ao velório e posterior enterramento ou cremação. Para suprir essa demanda em relação ao serviço, surgem as funerárias públicas e privadas, que se responsabilizam pelas providências práticas a serem tomadas em relação ao cadáver.

São poucas as pesquisas sobre morte com os trabalhadores responsáveis por essas etapas, como sepultadores, agentes funerários e demais indivíduos cujo objeto de trabalho é o corpo morto. Conforme Kovács, Vaiciunas e Alves (2014, p. 942) “há poucas referências na bibliografia especializada em tanatologia envolvendo o trabalho de profissionais de serviços funerários em relação à morte”. Flores e Moura corroboram: “[...] ainda são poucos os estudos que direcionam o seu olhar ao profissional agente funerário, o trabalhador que não trabalha com a pessoa ainda em vida, mas se encarrega dos cuidados desta após a sua morte” (2018, p. 327).

O Laboratório de Estudos da Morte do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), em parceria com o Serviço Funerário do Município de São Paulo, observou a

⁵ PARKES, C. M. Research: Bereavement. **Omega: Journal of Death and Dying**, v. 18, n. 4, p. 365-377, 1998.

necessidade de cuidados psicológicos para esses profissionais e realizou, em 2010 e 2011, um curso chamado "Morte e os profissionais do Serviço Funerário do Município de São Paulo", buscando promover "[...] aprofundamento de questões psicológicas para profissionais que trabalham com a morte no seu cotidiano" (KOVÁCS; VAICIUNAS; ALVES, 2014, p. 948). Os funcionários participantes afirmaram desejar conhecer mais sobre morte e luto e sobre como lidar com demandas das famílias enlutadas. Observa-se que tais profissionais não recebem o preparo psicológico necessário que é exigido para o desempenho de suas funções e, tal desamparo, é sentido e expressado por eles como uma necessidade que gostariam de suprir⁶.

Considerando o distanciamento da sociedade, inclusive acadêmica, em relação à morte e às ocupações que trabalham com a morte e o corpo morto, podemos inferir que pesquisar a morte é ir à contramão da negação: “os profissionais funerários não trabalham somente com perdas e sim com questões fundamentais da existência humana, ligadas à elaboração do luto após a morte de pessoas significativas.” (KOVÁCS; VAICIUNAS; ALVES; 2014, p. 951). Portanto, esses profissionais, igualmente pertencentes à dinâmica do processo de morte, podem oferecer importantes respostas para diminuirmos o distanciamento do tema.

Os profissionais de serviços funerários, por estarem expostos ao fenômeno da morte na concretude em que ocorre e no cotidiano de suas profissões, lidam com a finitude da vida humana contínua e rotineiramente; de tal modo, indaga-se de qual forma estes trabalhadores percebem e compreendem a morte. Questionou-se se a experiência rotineira destes trabalhadores com morte e luto norteia ou modifica suas concepções pessoais sobre a morte. Supôs-se que os trabalhadores vivenciarão embotamento ou acentuamento dos sentimentos relacionados à morte, pois o exercício de suas atividades provoca um confronto direto com questões existenciais.

Desta forma, eis os questionamentos que orientam e acompanham essa dissertação: como os trabalhadores da morte (sepultadores, cremadores, tanatopraxistas e agentes funerários) compreendem e lidam com a morte no exercício de suas atividades profissionais e na vida pessoal? Existem mecanismos de distanciamento ou aproximação desse fenômeno? Quais motivos os levaram a trabalhar com o corpo morto? Como funcionam os ambientes de trabalho destes profissionais? Essas são algumas das perguntas às quais se tentou responder, dentro das possibilidades desse estudo, ao longo do texto.

Este trabalho está dividido da seguinte forma: o capítulo I, de referencial teórico, descreve o levantamento das publicações realizadas sobre o trabalho com a morte e o corpo

⁶ Sobre esse preparo e suas condições haverá uma maior exposição mais à frente, nesta dissertação.

morto; a morte na contemporaneidade; o trabalho com o corpo e a morte como ofício nas agências funerárias e cemitérios; e as questões trazidas pela pandemia de Covid-19.

O capítulo II descreve o processo metodológico transcorrido para realização da pesquisa, informações sobre cuidados éticos, instrumentos e coletas de dados, procedimentos para análise, além da apresentação dos participantes da pesquisa. O capítulo III, por fim, descreve os resultados, divididos em três categorias: o trabalho com a morte, a morte de si e a morte do outro, cada qual com suas subcategorias.

1.1 OBJETIVOS

- Compreender como os trabalhadores da morte (sepultadores, cremadores, tanatopraxistas e agentes funerários) compreendem e lidam com a morte no exercício de suas atividades profissionais e na vida pessoal;
- Investigar se existem mecanismos de distanciamento ou aproximação desse fenômeno;
- Levantar quais motivos os levaram a trabalhar com o corpo morto e como funcionam os ambientes de trabalho destes profissionais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Em todo o caso, nada mais vivificante do que o pensamento da morte. Não terá sido este o próprio segredo da espantosa evolução do homem – das cavernas aos astros? Por isso é que os animais, por não saberem que vão morrer um dia, não inventaram nada, não progrediram, continuam no mesmo ramerrão.

Mario Quintana⁷

2.1 LEVANTAMENTO DE PUBLICAÇÕES REALIZADAS SOBRE O TRABALHO COM A MORTE

Observando os resultados de pesquisas iniciais para a elaboração desta dissertação, notou-se que muitas delas vão ao encontro da realidade hospitalar, buscando compreender como profissionais da saúde lidam com a finitude. Segundo Flores e Moura (2018) "ainda são poucos os estudos que direcionam o seu olhar ao profissional agente funerário, o trabalhador que não trabalha com a pessoa ainda em vida, mas se encarrega dos cuidados desta após a sua morte." (p. 327). Assim, entende-se ser necessário investigar o que estão pesquisando e publicando sobre essa temática.

Ante o exposto, decidiu-se realizar uma busca por publicações realizadas com a temática do trabalho com a morte no sistema funerário, a fim de verificar o que tem sido pesquisado e publicado acerca do tema. Será apresentado a seguir o percurso metodológico adotado, bem como os resultados obtidos, a discussão da temática e a síntese integradora das informações reunidas.

A fim de atingir o objetivo proposto, foram realizadas buscas utilizando diversos descritores, devido à dificuldade para encontrar artigos, teses e dissertações sobre a temática do serviço funerário e a morte com apenas dois descritores, dificuldade essa que foi atribuída à falta de um *corpus* organizado frente à temática. Foram utilizados os descritores “atitudes frente à morte” e a variável “atitudes diante da morte”, “tanatologia”, “serviço funerário”, “coveiros”, “sepultadores” e “agentes funerários”, todos em português; buscou-se por artigos, dissertações e teses que versassem sobre o trabalho com a morte e o corpo morto. Para selecioná-las, foi feita consulta ao Portal de Periódicos CAPES sobre o tema, a fim de identificar as bases de dados que indexam artigos sobre o assunto, dentre as quais foram selecionadas quatro: Portal

⁷ QUINTANA, M. As horas. In: APPEL, C. J.; QUINTANA, M. **Da preguiça como método de trabalho**. Brasil: Editora Globo, 1994.

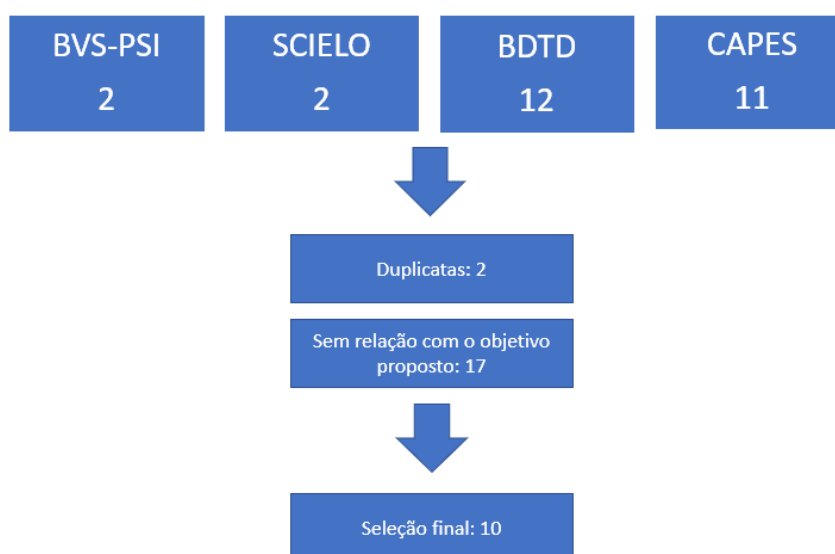
de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC); *Scientific Eletronic Library Online* (SciELO); Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e Portal de Periódicos da CAPES.

Para a análise dos dados, foi utilizada a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011), a qual consiste em um conjunto de instrumentos metodológicos aplicados à análise de discursos e comunicações, decompondo-os e elencando-os em categorias. Após a leitura dos trabalhos, foi feita a reunião e a síntese dos conteúdos e a transformação desses em categorias de análise, sendo essas construídas *a posteriori*, com base nos conteúdos, a fim de promover o melhor entendimento sobre os dados obtidos.

A pesquisa compreendeu os anos de 2014 a 2021 e foi realizada entre 01 de maio de 2020 e 13 de setembro de 2021. Os critérios de inclusão foram: artigos, dissertações e teses brasileiras publicados em português, que versassem sobre o trabalho com a morte depois que ela ocorre, publicados na íntegra e entre os anos de 2014 e 2021. Sendo assim, foram excluídos os demais artigos.

Após a pesquisa com os descritores citados, eliminando repetições, 27 arquivos foram baixados e lidos em seus resumos e palavras-chave para a avaliação do enquadramento com o objetivo proposto. Constatando que o trabalho não pertencia à temática proposta, o mesmo era excluído da contagem final. Ao final dessa etapa, restaram dez documentos, entre artigos, dissertações e teses. O processo descrito acima está ilustrado a seguir, na Figura 1.

Figura 1 - Caminho percorrido para seleção de trabalhos



Fonte: elaborada pela autora.

Em seguida, foi elaborada uma relação dos trabalhos selecionados, contendo: categoria, título, autor, ano, objetivo e área de concentração do material sobre o serviço funerário e o trabalho com a morte. A partir disso, foi estruturado o Quadro 1, que apresenta as áreas de concentração, títulos, objetivos, métodos, autores, anos de publicação e formatos dos trabalhos analisados.

Quadro 1 – Informações referentes às publicações selecionadas e analisadas

(continua)

Área de concentração	Título	Objetivo	Método	Autor	Ano	Formato
Administração	O sentido do trabalho para o agente funerário	Investigar o sentido do trabalho para o agente funerário	Pesquisa qualitativa; entrevistas com roteiro semiestruturado	Raimunda Letícia do Nascimento <i>et al.</i>	2019	Artigo
Psicologia	Profissionais do Serviço Funerário e a questão da morte	Abordar a questão da morte no cotidiano de trabalho de profissionais funerários	Entrevistas	Maria Júlia Kovács, Nancy Vaiciunas, Elaine Gomes Reis Alves	2014	Artigo

Quadro 1 – Informações referentes às publicações selecionadas e analisadas

(continuação)

Área de concentração	Título	Objetivo	Método	Autor	Ano	Formato
Psicologia	Estigmatização e Riscos no Trabalho dos Necrotomistas	Compreender de que maneira a estigmatização é vivenciada por necrotomistas e a relação que eles desenvolvem com os riscos de sua atividade	Entrevistas semiestruturadas; observação	Frankleudo Luan de Lima Silva <i>et al.</i>	2016	Artigo
Psicologia	Morte e mundo-da-vida - análise fenomenológica de experiências de coveiros no cemitério do Bonfim	Investigar como os coveiros lidam com a morte no mundo da vida cotidiana, no contexto sociocultural do Cemitério do Bonfim, em Belo Horizonte, Minas Gerais	Pesquisa etnográfica	Elizabeth Avelino Rabelo	2014	Dissertação
Psicologia	Cuidados Psicológicos a Trabalhadores do Serviço Funerário	Trata-se de ações da Psicologia destinadas à saúde mental dos trabalhadores do serviço funerário da cidade de São Paulo	Relato de experiência	Cecilia Côrtes Carvalho <i>et al.</i>	2021	Artigo

Psicologia	A morte como instrumento de trabalho: a experiência subjetiva dos coveiros	Analisar o trabalho de pessoas que atuam como coveiros em cemitérios de Fortaleza e Região Metropolitana, de modo a compreender como o estigma do trabalho sujo afeta seu processo de subjetivação	Pesquisa exploratória qualitativa	Isaac Bastos de Andrade	2020	Tese
Saúde Coletiva	O cadáver como objeto de trabalho: percepções de trabalhadores da PEFOCE sobre o lidar com a morte e suas implicações	Conhecer as percepções de auxiliares de necropsia da PEFOCE sobre a morte e o morrer, bem como analisar as implicações que o trabalho com cadáveres resulta na saúde destes trabalhadores	Entrevistas semiestruturadas	Ney Ronaldy de Oliveira Paula	2016	Dissertação
Sociologia	O trabalho com a morte: estudo sociológico da morte no Serviço de Verificação de Óbitos de João Pessoa - PB	Descrever e analisar o trabalho exercido pelos profissionais do SVO de João Pessoa/PB e como sua atividade laboral/instrumental estabelece relação com os familiares que têm os seus parentes mortos submetidos às necropsias	Pesquisa etnográfica; entrevistas semiestruturadas	Álvaro Ferreira Lima Júnior	2018	Tese

Quadro 1 – Informações referentes às publicações selecionadas e analisadas

Área de concentração	Título	Objetivo	Método	Autor	Ano	Formato
Sociologia	Trabalho sujo e estigma: cuidadores da morte nos cemitérios	Analisar a identidade de sepultadores e motoristas paramentadores, bem como identificar técnicas e práticas de manipulação dos estigmas profissionais	Pesquisa quanti/quali; escalas e entrevistas semiestruturadas	Análía Soria Batista, Wanderley Codo	2017	Artigo
Sociologia	Como se eu carregasse um monte de cadáver atrás de mim: os vivos e os mortos no NUTAF da PEFOCE	Descrever e analisar as relações entre auxiliares de perícia e médicos-legistas bem como as suas concepções acerca da morte e do morto	Pesquisa etnográfica	Breno Taveira Mesquita	2016	Dissertação

Fonte: elaborado pela autora.

A partir dos conteúdos desses estudos, duas categorias foram elencadas: a) a morte no cotidiano do trabalho e b) identidade, estigma e preconceito, as quais serão elaboradas a seguir:

a) A morte no cotidiano do trabalho:

Kovács, Vaiciunas e Alves (2014) buscaram abordar a questão da morte no cotidiano de trabalho de profissionais funerários, os quais representam a concretude da morte no artigo “Profissionais do Serviço Funerário e a questão da morte”. Os trabalhadores funerários tinham as representações sobre morte relacionadas às suas histórias de vida, características pessoais, experiências vividas, crenças religiosas e fases do desenvolvimento. A morte fazia parte do cotidiano daqueles profissionais, mas era vista por eles de forma bem particular, além da dimensão pessoal, pois era instrumento de trabalho. A rotina daqueles profissionais era cuidar dos rituais após a morte, mas precisavam cuidar de pessoas enlutadas e, ao mesmo tempo, manter certa distância, como estratégia de enfrentamento, para não se sentirem afetados pelo sofrimento do outro.

Rabelo (2014) buscou em sua dissertação - “Morte e mundo-da-vida - análise fenomenológica de experiências de coveiros no cemitério do Bonfim” - investigar como os coveiros do lugar pesquisado lidavam com a morte no mundo da vida cotidiana. Para os coveiros, nem sempre o morto era um simples “cadáver” ou “defunto”: eles reconheciam não apenas os familiares como “outro” semelhante, mas também reconheciam o morto enquanto uma “pessoa em um estado diferente”. Eles sabiam que sua profissão costuma ser vista sob perspectivas pejorativas, mas experimentavam, sobretudo, o “orgulho de prestar um serviço à sociedade”. Os coveiros entrevistados afirmaram como valor humano a comoção diante do acontecimento da morte.

A dissertação de Mesquita (2016) - “Como se eu carregasse um monte de cadáver atrás de mim: os vivos e os mortos no NUTAF da PEFOCE” - visou descrever e analisar as relações entre auxiliares de perícia e médicos-legistas, bem como as suas concepções acerca da morte e do morto. Segundo o autor, diante da profusão de mortos, os profissionais do setor acabavam, em certa medida, habituando-se à morte, e o morto passava a ser visto como “uma perícia a ser realizada”, uma parte do trabalho, nada demais. Isso se dava porque os profissionais acabavam desenvolvendo estratégias para lidar com os mortos, para “minimizar” seus efeitos, tratando-os como objetos ou coisas.

Paula (2016), em sua dissertação “O cadáver como objeto de trabalho: percepções de trabalhadores da PEFOCE sobre o lidar com a morte e suas implicações”, buscou conhecer as percepções de auxiliares de necropsia sobre a morte e o morrer, bem como analisar as implicações que o trabalho com cadáveres resultava na saúde dos trabalhadores. O autor inicia seu trabalho dizendo que a morte sempre foi um tema tabu, principalmente tratando-se de trabalhadores que lidam cotidianamente com o cadáver. Descreve, então, as atividades definidas como “trabalho sujo”, afirmando que os trabalhadores que as realizam estão

submetidos a desgaste físico e mental por lidar com corpos diariamente e que o profissional auxiliar de perícia possui uma carga bastante onerosa em relação ao psicológico do trabalho.

Segundo o autor, o trabalho com o cadáver faz com que os profissionais também tenham uma percepção de morte diferenciada: muitos entrevistados, por exemplo, relataram que mudaram sua percepção tipicamente religiosa pela condição material, de finitude total, como consequência do trabalho mostrar puramente o fim da materialização humana. Além disso, tratar a morte com naturalidade é visto como reflexo deste novo posicionamento, entendendo que a morte é esta para todos e é inevitável (PAULA, 2016).

Batista e Codo (2018) pesquisaram 43 trabalhadores do serviço funerário, entre sepultadores e motoristas paramentadores, no artigo “Trabalho sujo e estigma: cuidadores da morte nos cemitérios”. Os autores identificaram que as relações com os colegas eram fundamentais para lidar com o trabalho que envolvia jornadas extenuantes e o senso de unidade era outra questão importante para os trabalhadores. O enterro dos mortos, apontado como atividade socialmente útil, era percebido pelos sepultadores como um ritual sagrado, e os motoristas paramentadores valorizavam o vínculo de emprego em detrimento do conteúdo do trabalho, o que dizia respeito à estabilidade no trabalho e outros benefícios do funcionário público.

A tese de Lima Júnior (2018) - “O trabalho com a morte: estudo sociológico da morte no Serviço de Verificação de Óbitos de João Pessoa – PB” - procurou descrever e analisar o trabalho exercido pelos profissionais do SVO de João Pessoa/PB e como sua atividade laboral estabelecia relação com os familiares que tinham os seus parentes mortos submetidos às necropsias. O autor afirma que a atividade com os cadáveres era perpassada por uma razão instrumental e objetiva, desvinculada da emotividade e da dimensão simbólica que envolve a corporeidade; que os profissionais do SVO tinham uma visão da morte, de forma geral, desencantada e fria; e que a dificuldade inicial em lidar com o corpo morto estava relacionada a fatores emocionais, a uma repulsa inicial, que desencadeia mal-estar, medo e perigo de contágio. O corpo morto era visto sob uma perspectiva instrumentalizada para que se conseguisse manipulá-lo e, segundo o autor, era preciso atingir esse nível para que o trabalho se tornasse viável.

O artigo de Carvalho *et al.* (2021) trata de um relato de experiência de ações psicológicas voltadas aos trabalhadores do serviço funerário da cidade de São Paulo. A intervenção contou com oficinas em grupo que duraram cinco meses e acolheram 130 participantes, entre motoristas, sepultadores, veloristas, supervisores e gestores de recursos humanos. A análise das oficinas confirmou, por parte dos servidores, sensibilização para suas necessidades em favor da

saúde mental e percepção do valor do cuidado e da humanização em suas relações profissionais e pessoais. Ademais, realçaram a relevância de frequente acolhimento psicológico aos trabalhadores de serviços funerários.

b) Identidade, estigma e preconceito:

No artigo “Estigmatização e Riscos no Trabalho dos Necrotomistas” (SILVA *et al.*, 2016), os autores inferiram que os necrotomistas, servidores policiais que auxiliam peritos médico-legais e odonto-legais na execução de necropsias, sofriam com estigma e, portanto, buscaram compreender de que maneira ele era vivenciado pelos trabalhadores. Foi utilizado no estudo o conceito de “trabalho sujo” (*dirty work*), proposto pelo sociólogo norte-americano Everett Hughes.

De acordo com os autores, o processo de estigmatização se sustenta em dois elementos: o contato com cadáveres humanos e o desconhecimento popular acerca de suas atividades. É evidenciado que o contato com a morte, devido ao trabalho, desperta estranheza, repugnância e curiosidade alheias, e o desconhecimento das atividades por eles realizadas precipita a estigmatização, que categoriza o trabalho como sujo e é fonte considerável de sofrimento. Foi identificada, também, uma mediação de estratégias defensivas individuais e coletivas, sem as quais a vivência do sofrimento e do medo se faria muito mais sentida. Os autores também sugerem ampliação de pesquisas em departamentos de medicina legal e com necrotomistas (SILVA *et al.*, 2016).

Em “Trabalho sujo e estigma: cuidadores da morte nos cemitérios”, de Batista e Codo (2018), inferiu-se que inexistiriam (até então) no Brasil pesquisas sobre trabalhadores dos serviços funerários orientadas pela categoria “trabalho sujo”. Tal obra teve como objetivo analisar a identidade de sepultadores e motoristas paramentadores, discutindo as relações entre o trabalho e a identidade dos “cuidadores da morte” dos cemitérios públicos de um município do estado de São Paulo.

O estudo revelou que a sociedade julga esses trabalhos repugnantes e, ao mesmo tempo, necessários. Segundo os autores, os trabalhadores desconsideravam as demonstrações de desprezo, possivelmente porque apelavam coletivamente à construção simbólica de sua missão profissional em detrimento da dimensão utilitária. Em síntese, os sepultadores ressignificavam o trabalho sacralizando os enterros e aludindo à coragem necessária nas exumações dos cadáveres. Por último, reenquadravam o trabalho focando nas habilidades para lidar com as famílias enlutadas, em detrimento do enterro e da exumação de corpos (BATISTA; CODO, 2018).

Já os motoristas paramentadores se sabiam invisíveis socialmente e percebiam que essa indiferença da sociedade era temporariamente suspensa quando morria um familiar e que, depois, seriam novamente esquecidos e maculados pelo tabu social da morte. Porém, eles ressignificavam o trabalho, o vendo como uma forma de fazer o bem, especialmente para a família do morto. As descobertas da pesquisa sugerem a importância de analisar a relação dos trabalhadores com os trabalhos sujos, considerando em que medida a construção sócio-histórica de classe, raça e gênero no Brasil têm influenciado na construção social dos trabalhos maculados e nos tipos de máculas (físicas, sociais e morais) predominantes nesses trabalhos.

O artigo “O sentido do trabalho para o agente funerário”, de Nascimento *et al.* (2019), visou investigar o sentido do trabalho para esses trabalhadores. Segundo as autoras, a utilidade do serviço dos agentes funerários era o grande destaque que proporcionava sentido para eles. No entanto, a vivência do preconceito ficou evidente na fala dos entrevistados e, segundo as autoras, precisava ser integrado no estudo do sentido do trabalho. Também foi utilizado o termo “trabalhadores sujos” para descrever profissionais desvalorizados socialmente, considerando agentes funerários profissionais marginalizados, sujeitos a uma alta carga emocional e pouco abordados nos estudos organizacionais. Foi sugerida na conclusão a ampliação do *corpus* para um número maior de trabalhadores em outros contextos culturais nos quais a morte é vista sob uma perspectiva diferente.

A tese de Andrade (2020), intitulada “A morte como instrumento de trabalho: a experiência subjetiva dos coveiros”, buscou associar o estigma do “trabalho sujo” com o processo de subjetivação dos coveiros de Fortaleza, Ceará. A tese concluiu que, apesar dos avanços tecnológicos que abrangem a indústria da morte, o trabalho de coveiro ainda é precarizado e estigmatizado como um trabalho manchado, sujo, afetando assim seu processo de subjetivação.

A partir da análise das obras selecionadas, é possível fazer algumas conclusões: o trabalho com a morte é uma atividade socialmente útil, mas carregada de preconceitos, socialmente marginalizada e pouco abordada em estudos científicos e que, além disso, a sociedade julga como repugnante, mas, ao mesmo tempo, necessário; os profissionais da área não lidam somente com cadáveres, mas, muitas vezes, também têm que lidar com familiares enlutados em seu momento de maior vulnerabilidade, o que, com frequência, não sabem como fazer; para conseguirem desempenhar suas funções, os trabalhadores acabam desenvolvendo estratégias individuais e coletivas para lidar com a morte e o corpo morto. Essas estratégias variam entre tratar o corpo como objeto, distanciar-se, instrumentalizá-lo, ou buscar apoio no

senso de pertencimento profissional nas relações com os colegas; a percepção sobre a morte também se torna diferenciada para esses profissionais após o contato diuturno com ela.

2.2 A MORTE NA CONTEMPORANEIDADE

Segundo Ariès (1977/2017), a tendência da sociedade moderna é distanciar-se da temática da morte com o intuito de evitar qualquer tipo de sofrimento. A dor da perda é silenciada, o cuidado com os ritos de despedida é transferido para profissionais e o tema em si já não é assunto de debate: “O certo é que a morte era tema mais aberto e frequente nas conversas da Idade Média do que é hoje” (ELIAS, 2001, p. 21).

Elias (2001) chama atenção para o fato de que a morte, no passado, tinha mais participação familiar e social, apesar de ser um evento que trazia dor e sofrimento: “Em comparação com o presente, a morte naquela época era, para jovens e velhos, menos oculta, mais presente, mais familiar. Isso não quer dizer que fosse mais pacífica” (ELIAS, 2001, p. 21). O que se vê na atualidade é um isolamento do processo de morrer, que ocorre graças aos avanços tecnológicos e médicos e a toda uma mudança nas atitudes diante da morte.

A literatura parece ter alcançado um entendimento maior sobre a forma como lidamos com a morte do que nós, na interdição da contemporaneidade. Em “A morte do pai”, o escritor norueguês Karl Ove Knausgård faz um retrato de como encaramos a morte nos tempos atuais:

Estamos permanentemente rodeados por objetos e fenômenos do mundo dos mortos. Ainda assim, poucas coisas nos causam mais desconforto do que ver alguém preso a essa condição, ao menos se julgarmos pelos esforços que empreendemos para manter os cadáveres longe dos nossos olhos. [...] Quando deixam o hospital, fazem-no por uma saída própria e são transportados em carros com vidros escurecidos, nas igrejas são velados em salões sem janelas, durante o funeral estão em caixões lacrados, até afundarem numa cova ou serem consumidos no calor de um forno (KNAUSGÅRD, 2015, p. 8).

Em poucas linhas é possível notar uma grande familiaridade entre a forma como cuidamos de nossos mortos e realizamos nossos rituais de sepultamento e o luto na atualidade: os corpos escondidos, os caixões lacrados e as cerimônias breves, para que o desarranjo da morte do outro incomode por menos tempo possível, e para que a visão do corpo morto seja evitada ao máximo possível. A partir do século XVIII, cada vez mais, os mortos foram sendo afastados da sociedade. Uma das razões para o distanciamento entre os mortos e os vivos foi o avanço da medicina higienista, trazendo a concepção de que os corpos mortos eram impuros e poderiam provocar contaminação: “[...] os conhecimentos médicos da época estabeleciam uma

clara relação entre os cemitérios e as epidemias” (KOVÁCS, 2003, p. 60). O distanciamento com o corpo morto era justificado por razões de saúde pública, conforme explica Reis (1991):

Essa nova atitude se fundamentava na doutrina dos *miasmas*, desenvolvida pela ciência do século XVIII. Acreditava-se que matérias orgânicas em decomposição, especialmente de origem animal, sob influência de elementos atmosféricos - temperatura, umidade, direção dos ventos - formavam vapores ou miasmas daninhos à saúde, infectando o ar que se respirava (p. 94).

A partir de então, os cemitérios passaram a ser deslocados para fora das cidades, com o objetivo de garantir a saúde da população.

As pesquisas científicas que se debruçam sobre a morte apontam para o caráter de negação e distanciamento desta em sociedades modernas industrializadas, conforme apontado por Rabelo (2014). Atualmente, vivemos em uma cultura cuja negação da morte como aspecto natural do desenvolvimento humano está enraizada: “[...] na sociedade moderna é mais incentivado o esquecimento do tempo finito da existência; em sociedades tradicionais, a morte e suas referências convidam ao *memento mori*⁸, à lembrança de que se é mortal.” (RABELO, 2014, p. 20).

Nas sociedades modernas ocidentais, foram feitas tanto mudanças, quanto permanências nas formas de lidar com a morte e nos rituais de término da vida de uma pessoa, os quais refletem os valores compartilhados por cada cultura, grupo ou sociedade. Segundo Menezes e Gomes (2011, p. 94) “Todas as sociedades transformam os modos de gestão do corpo morto em rituais, que variam segundo graus de complexidade, de acordo com a posição da morte no sistema de valores vigente”.

Não se nasce como se nascia e não se morre mais como se morria: em casa. Cada vez mais, os processos de viver e morrer têm sido terceirizados para hospitais e funerárias, numa transposição de saberes sobre a vida e a morte, numa objetivação do processo de morrer, explicada por Mattedi e Pereira (2007, p. 320) como resultado, por um lado, do encontro “[...] das racionalidades científicas das áreas médicas e mercantil, bem como da indústria funerária; por outro, do declínio progressivo da religião no processamento da morte na modernidade”, e por Ariès: “Já não se morre em casa, em meio aos seus, mas sim no hospital, sozinho” (1977/2017, p. 83). Sobre o assunto, Kovács (2003) explica, ainda, que:

⁸ *Memento mori*: Lembra-te que hás de morrer. Pensamento cristão, usado como saudação entre os trapistas; também empregado em inscrições tumulares. Fonte: DICIONÁRIO de latim. Disponível em: <https://www.dicionariodelatim.com.br/memento-mori/>. Acesso em: 5 dez. 2019.

Os rituais de morte vão se tornando cada vez mais discretos ou quase inexistentes. A morte foi retirada da sociedade. Como dito, quando o paciente está hospitalizado é muito frequente que os familiares não participem de seus últimos momentos de vida e, assim, os rituais de despedida podem não acontecer (p. 69).

Os rituais relacionados à morte, como os velórios e funerais, são realizados para contextualizar a experiência da morte do outro. No evento da morte de uma pessoa, a comunidade (família e círculo social) responde de acordo com os sentidos que compartilha em relação ao cuidado e destino do corpo e ao período e formas de expressão do luto: “Desta maneira, a universalidade das manifestações humanas diante da morte existe para atender às necessidades psicológica e social de dar um enquadramento e uma previsibilidade à perda pela morte” (SOUZA; SOUZA, 2019, p. 5). No entanto, como explicam Menezes e Gomes (2011):

Com os processos de urbanização, o crescimento das indústrias e de individualização nas sociedades ocidentais modernas, sobretudo nos séculos XIX-XX, a organização de funerais e/ou de cremação passa a ser institucionalizada e burocratizada. A responsabilidade pela organização dessas práticas torna-se atribuição de especialistas. [...] Por exemplo, o corpo morto não é mais lavado por leigos, parentes ou vizinhos, como nas sociedades tradicionais, mas por profissionais, que tanto podem ser de funerárias como de congregações religiosas, a exemplo de judeus e muçulmanos (p. 102).

Em relação aos significados presentes nos rituais fúnebres, podemos destacar o início do período de enlutamento, de reconhecimento da perda e da pessoa que morreu (SOUZA; SOUZA, 2019). A realização dos rituais, portanto, dá sentido à realidade da perda, além de comunicar socialmente seu ocorrido. Porém, de acordo com Giberti (2018), a partir da separação dos mortos e vivos, com a revolução higienista, os rituais passaram a se empobrecer, já que o “convívio” passou a representar fonte de contágio, perigo e doença. No contexto de negação e interdição da morte, os rituais também têm se modificado. A impressão causada é a de que as pessoas envolvidas cumprem um protocolo (MOTTA, 2009; SOUZA; SOUZA, 2019), sem alimentar muitas vezes o sentido necessário para que os rituais fúnebres tomem espaço. Souza e Souza (2019) alertam que:

O ritual somente consegue cumprir essa função se houver um envolvimento, uma espécie de adesão mental dos participantes, que devem se identificar com o ritual e com o grupo que participa dele. Quando não há essa adesão, ocorre um esvaziamento do sentido da prática ritual, que pode se dar tanto para o grupo todo como para algum ou alguns participantes individualmente (p. 6).

Os rituais, portanto, revelam como as pessoas não só resolvem questões relativas à morte, se reorganizando após a ocorrência desta, como também quais as atitudes diante da morte e do morrer, que têm implicações tanto na saúde mental dos indivíduos, quanto na esfera social como um todo. Chiavenato (1998) comenta sobre como os tempos modernos se caracterizam pelo aumento da incompreensão da morte. Segundo o autor, ao nos afastarmos do morto, atestamos nosso obscurantismo: “Talvez o próprio distanciamento pessoal da morte favoreça esse tabu, pois, afastando-se do morto por comodismo, não se discute a morte em si.” (1998, p. 64).

O luto também sofre grandes modificações (ARIÈS, 1977/2017; RODRIGUES, 2006) e tem sua experiência transferida para a esfera privada, se tornando um ato solitário. Conforme Menezes e Gomes (2011, p. 119), “Na modernidade, as práticas referentes à morte e ao morrer devem ser ocultadas, afastadas da visão dos vivos e devidamente controladas. A expressão de emoções associadas à perda deve atender às exigências da ordem pública e privada”. O tempo de se ficar enlutado diminuiu drasticamente, assim como a sua expressão: “Portanto, o luto não é mais um tempo necessário e cujo respeito a sociedade impõe: tornou-se um estado mórbido que deve ser tratado, abreviado e apagado” (ARIÈS, 2017, p. 92). Não se vê com bons olhos aquele que fica enlutado por muito tempo, sendo este estado chamado de patológico: “Na mentalidade da morte interdita o luto é visto como uma doença” (KOVÁCS, 2003, p. 69). Segundo Chiavenato (1998):

[...] o luto pessoal, o pranto descontrolado e o desespero particular, sentido pela perda de uma pessoa da família - pai, mãe, irmão, mulher - foi abandonado em nome do bom gosto ou da sobriedade de comportamento. As pessoas podem ir à histeria coletivamente, mas não têm o direito de sofrer em público por uma perda pessoal (p. 41).

Na sociedade que valoriza o trabalho, o período de enlutamento deve ser o mais breve possível para que também não cause interrupção ao andamento laboral, afinal, não há tempo a perder com tristeza e pesar. No Brasil, a chamada “Licença Nojo”, oficializada pelo artigo 473 do Decreto-Lei nº 5.452, de 1 de maio de 1943, garante nada mais que dois dias (úteis ou não) para afastamento em decorrência da morte de ascendentes, descendentes, cônjuges, irmãos ou pessoa que, declarada em sua carteira de trabalho e previdência social, viva sob sua dependência econômica.

Também é interessante pensar no nome da licença. A palavra “nojo”, segundo o dicionário Michaelis⁹, pode significar tanto “sentimento de profunda tristeza devido à morte de alguém”, significado que tem sua origem no português de Portugal, quanto “sentimento ou sensação de aversão, de repugnância; asco, fastio, náusea”. No entanto, é de conhecimento geral que a atribuição popular ao termo no Brasil seja de asco e náusea. Pensar a morte do outro provocaria asco?

O desenvolvimento de novas tecnologias não atua somente no campo da medicalização, mas também em como informações são acessadas, registradas e publicadas num mundo cada vez mais digital e que tende a desafiar os limites da morte. Cita-se, abaixo, alguns exemplos de como as tecnologias da informação têm sido utilizadas para lidar com a morte.

O ramo chamado de *death tech*, de *startups* que utilizam a tecnologia para cuidar de questões da morte, vem crescendo timidamente pelo mundo. *Sites* e aplicativos auxiliam a lidar com questões burocráticas, decisões de fim da vida, o destino de dados digitais e o legado através de testamentos. Uma das justificativas para sua existência é a promoção de espaço para o luto, centralizando decisões que podem auxiliar no momento da dor da perda de um ente querido.

Um dos cemitérios mais famosos do Brasil, o São João Batista, situado no Rio de Janeiro, tornou-se o primeiro da América-Latina a ser mapeado pelo *Google Street View*, recurso do *Google* que permite vistas panorâmicas de várias regiões do mundo, sendo possível explorar pontos turísticos por meio de um celular ou do computador. Em 2015, cerca de 60 mil tumbas do cemitério carioca passaram a ser acessíveis pelo dispositivo, permitindo um *tour* virtual. O local concentra túmulos de inúmeras personalidades da história brasileira, incluindo Tom Jobim, Carmen Miranda, Lima Barreto e Álvares de Azevedo. O cemitério também possui outro dispositivo de inovação tecnológica: 150 túmulos possuem *QR Codes*¹⁰ para mostrar a história das pessoas enterradas neles.

É possível, também, localizar túmulos específicos em *websites* como “*Find a Grave*” (“encontre um túmulo”, traduzido livremente). O *site* permite que pessoas procurem e adicionem túmulos a um banco de dados *on-line* sobre cemitérios que recebe e, então, publica fotos dos túmulos ou locais de enterro, tiradas por voluntários, criando o banco de dados dos falecidos, muitas vezes com coordenadas geográficas.

⁹ Fonte: MICHAELIS. Moderno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/nojo>. Acesso em: 22 fev. 2021.

¹⁰ *QR Code* é um código de barras estilizado, que necessita de uma câmera presente em um celular para sua captação, que reconhece e extrai os dados contidos nele. Esse código pode ser convertido em texto (interativo), um endereço URL, um número de telefone, uma localização georreferenciada, um *e-mail*, um contato ou um SMS.

Em 2020 a divulgação do desenvolvimento do aplicativo *Legathum*¹¹, que usa inteligência artificial para criar uma versão virtual de uma pessoa, captando informações sobre ela enquanto está viva para mapear seu perfil, dividiu opiniões. Enquanto os defensores do aplicativo comentam suas qualidades, como a possibilidade de preservar memórias e mapear a "mente inconsciente" dos usuários, psicólogos e jornalistas veem o dispositivo com cautela, afirmando que ele é mais uma ferramenta à disposição da nossa necessidade de negar a morte.

Em suma, a morte e o morrer são inspirações para diversas áreas do conhecimento, inclusive a de tecnologia da informação, e são vários os dispositivos disponíveis, tanto para lembrar-se de quem se foi, quanto para programar uma “boa morte” na era digital. Não é a intenção esgotar esse assunto, apenas contribuir com a divulgação de sua existência e colaborar com a busca de novas formas de olhar para a finitude através das ferramentas digitais disponíveis.

2.3 AGÊNCIAS FUNERÁRIAS E CEMITÉRIOS

Quando uma pessoa morre, diversas questões podem entrar em cena, sejam de ordem existencial, religiosa, burocrática ou afetiva. Dentre as questões de ordem prática, destaca-se o manejo do corpo morto em locais como agências funerárias e cemitérios. Em um contexto sociocultural no qual se evita a proximidade de fenômenos relacionados à morte e ao morrer, tendem a aparecer, no cenário social, profissionais e ambientes especializados em cuidar dos serviços suscitados pelo acontecimento da morte, tais como agências funerárias, crematórios e cemitérios.

Apesar da centralidade médica em determinar a exatidão da morte, não são os hospitais que organizam o formato específico de organização dos rituais fúnebres. Para estruturar a estrutura as funerárias assumem o papel central. A partir do século XX, essas são as instituições legitimadas para lidar com os mortos, se tornando um novo processo na divisão social do trabalho. Assim, os rituais funerários passaram a desenvolver uma característica específica executada pelo mercado funerário (SANTOS, 2019, p. 40).

No Brasil, os serviços funerários e cemitérios são regulados pelo poder municipal por serem considerados atividades de interesse local (art. 30, inciso V da Constituição Federal) e incluem a confecção de caixões, a organização de velórios, o transporte de cadáveres e a

¹¹ Fonte: Apps para interagir com quem se foi realçam tabu da morte, diz especialista. UOL. Disponível em: <https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/09/30/app-eterniza-legado-e-promete-chamada-de-video-com-versao-virtual-do-morto.htm>. Acesso em 19 fev. 2021.

administração de cemitérios. Além disso, em muitos municípios, esses serviços públicos são realizados através de empresas privadas, por meio de concessões públicas e a responsabilidade municipal pelos procedimentos funerários existe desde o término dos sepultamentos nas igrejas, quando se passou a realizá-los nos cemitérios.

A contratação do serviço funerário terceiriza as atividades de aquisição ou programação do enterro ou cremação, velório, entre outras etapas, que não são mais realizadas pelos familiares, e sim por empresas funerárias, deixando, assim, a família livre da tarefa de lidar com questões burocráticas possivelmente desconhecidas até então, para que possam focar no processo de luto e despedida. Os serviços funerários são requisitados após a declaração do óbito, e, além da preparação técnica do corpo, é realizado o planejamento do cerimonial fúnebre, onde os enlutados iniciam o ritual de despedida do falecido: “O sepultamento sempre tem um lado público, envolvendo regulamentos e leis. É também o lugar das despedidas, das lamentações e da perda.” (KOVÁCS, 2003, p. 60).

As empresas funerárias são essenciais no processo chamado por Neves (2014, p. 83) de “produção do corpo morto”, no qual as atividades realizadas buscam resgatar a aparência do cadáver tal como era em vida para sua visualização no velório, facilitando as despedidas em caso de acidentes ou doenças graves. De acordo com Câmara (2011, p. 87), os ritos fúnebres, agora comercializados e realizados por terceiros, buscam “esconder e camuflar ao máximo a morte”.

Outro recurso, atual, para o disfarce da morte são os “*funeral homes*” nos quais, entre outras coisas, é feita a maquiagem e arrumação dos corpos para dar a impressão de que o morto pareça vivo; há, também, um grande desenvolvimento das técnicas de embalsamento - iniciadas, como vimos, no século XVIII, a partir, naquele momento, do interesse pelo prolongamento da presença física dos entes queridos e para a garantia de uma boa lembrança deles. Estes estabelecimentos também têm como função cuidar de todos os procedimentos necessários para os atestados, e a disponibilização do corpo. Assim, a família fica poupada desta dor, sem contato com o morto (KOVÁCS, 2003, p. 73).

Quanto aos cemitérios na atualidade, Kovács (2003, p. 63) resume suas principais características, indicando-as como as razões fundamentais pelas quais esses locais ainda são visitados:

- Envolvem áreas verdes com grama e árvores que dão sombra;
- Evocam saudades da vida, das pessoas perdidas que não estão mais presentes no cotidiano das pessoas;
- São locais que transmitem sobriedade;

- Favorecem a comunicação entre vivos e mortos;
Eles favorecem a meditação, o recolhimento, a expressão da saudade. Os cemitérios não estão vazios, pulsam na terra os mortos que trazem saudades. Os epitáfios contam histórias, biografias, elogiam as realizações da pessoa, suas obras, suas qualidades. É despertada a fantasia de reunião com a pessoa amada.

A partir de uma entrevista com um monitor de Arte Tumular do Cemitério da Consolação, em São Paulo, Ribas e Gomes (2012, p. 88) apontaram que as visitas ajudavam a educar crianças e adultos para aceitação e entendimento da morte, tornando-se uma ferramenta, acima de tudo, educativa: “nas visitas ao cemitério, procura-se quebrar esse preconceito acerca da morte, que é vista pela sociedade como lúgubre e, em outros casos, tornando-se banalizada pelo distanciamento e frieza com que passou a ser tratada”. Os cemitérios tornam-se, então, espaços educativos e de artes, e, em alguns casos, verdadeiros museus a céu aberto.

2.4 O TRABALHO COM O CORPO E A MORTE COMO OFÍCIO

Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações¹² (CBO), que identifica as ocupações no mercado de trabalho nacional, os agentes funerários e sepultadores (ou coveiros) enquadram-se na categoria de trabalhadores auxiliares dos serviços funerários (código 5166). Flores e Moura (2018, p. 329) organizam o trabalho dos agentes funerários em cinco principais atividades: “(a) o atendimento às famílias, (b) remoção de corpos, (c) preparação de corpos, (d) organização de velórios e (e) os sepultamentos”, sendo que apenas duas delas (atendimento às famílias e organização de velórios) não necessariamente implicam em contato com o corpo morto, embora mantenham o contato com questões da morte. Em relação às suas funções, os agentes funerários, especificamente:

Realizam tarefas referentes à organização de funerais, providenciando registros de óbitos e demais documentos necessários. Providenciam liberação, remoção e traslado de cadáveres. Executam preparativos para velórios, sepultamentos, conduzem o cortejo fúnebre. Preparam cadáveres em urnas e as ornamentam. Executam a conservação de cadáveres por meio de técnicas de tanatopraxia ou embalsamamento, substituindo fluidos naturais por líquidos conservantes. Embelezam cadáveres aplicando cosméticos específicos (BRASIL, 2019).

¹² A Classificação Brasileira de Ocupações (CBO) é o documento que reconhece, nomeia e codifica os títulos e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho brasileiro. Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <http://cbo.maisemprego.mte.gov.br/cbosite/pages/saibaMais.jsf>. Acesso em: 05 nov. 2019.

Conforme apontado por Câmara (2011), a profissão de agente funerário não se escolhe, visto que os entrevistados de sua pesquisa, em sua totalidade, iniciaram o trabalho no ramo funerário por necessidade, mesmo que seus ofícios tenham sido ressignificados com o tempo de exercício. A sociedade encara o trabalho com a morte como um tabu. Já para alguns dos entrevistados da presente pesquisa, como será possível ver adiante, a escolha ocorreu devido à estabilidade do emprego público, apesar da falta de condições sindicais e baixos salários. Dentre as competências pessoais dos agentes funerários, é exigido identificar-se com a profissão, dar provas de paciência, controlar-se emocionalmente e administrar o estresse (BRASIL, 2019). Já quanto aos sepultadores, ainda segundo a CBO, eles:

Auxiliam nos serviços funerários, constroem, preparam, limpam, abrem e fecham sepulturas. Realizam sepultamento, exumam e cremam cadáveres, trasladam corpos e despojos. Conservam cemitérios, máquinas e ferramentas de trabalho. Zelam pela segurança do cemitério (BRASIL, 2019).

Aos sepultadores, exigem-se entre outras características: demonstrar paciência, manter postura diante da família do falecido e demonstrar bom preparo psicológico. Não é necessário preparo profissional aos sepultadores além do ensino fundamental e eles, frequentemente, “[...] trabalham em posições desconfortáveis, durante longos períodos, expostos a materiais tóxicos, ruídos, altas temperaturas, intempéries e doenças contagiosas” (BRASIL, 2019). Aos agentes funerários é opcional a formação em tanatopraxia¹³, cuja especialização dura em média quarenta horas (BRASIL, 2019). Além de não haver obrigatoriedade de formação profissional prévia, tampouco é proporcionado qualquer amparo ou preparo psicológico aos trabalhadores, embora esse último seja exigido como uma competência intrínseca para o exercício das profissões.

É demandado que estes profissionais escondam seus sentimentos e desenvolvam mecanismos de enfrentamento para manter uma postura de controle das emoções, assim como ocorre com profissionais de saúde; do contrário, surge a crítica pela falta de profissionalismo. Segundo Flores e Moura (2018, p. 332), “a sociedade, ao representar socialmente este

¹³ Tanatopraxia é o conjunto de práticas, fundamentadas em métodos e técnicas próprios da especialidade, conducentes à higienização, conservação, embalsamamento, reconstrução, restauração e cuidado estético de cadáveres, de acordo com as normas estabelecidas e respeitando os diferentes preceitos religiosos requeridos. Fonte: DICIONÁRIO INFOPÉDIA da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/tanatopraxia>. Acesso em: 10 dez. 2019.

profissional, não espera que ele manifeste emoções e/ou sentimentos no seu trabalho, mesmo se, por algum motivo, sentirem-se tocados com a situação”.

Kovács, Vaiciunas e Alves (2014, p. 947) afirmam que a sociedade espera uma ausência de sentimentalismo por parte destes profissionais, sendo as emoções permitidas apenas às famílias enlutadas: “há delicada fronteira entre envolvimento, cuidado e distanciamento” para lidar tanto com os vivos (os enlutados e os próprios profissionais cujas emoções devem ser contidas), quanto com os mortos, que podem despertar os mais variados sentimentos no decorrer do desenvolvimento dos trabalhos. A precarização das condições de trabalho dos coveiros se deve, basicamente, a dois fatores:

[...] a condição do mercado de trabalho e as condições psíquicas geradas pelo estresse e desgaste deste trabalho, refletindo no desenvolvimento de psicopatologias, maior consumo de substâncias psicoativas (como o álcool) e baixa qualidade de vida (COSTA; RODRIGUES, 2017, p. 1535).

Barros e Silva (2004), ao analisarem o cotidiano de auxiliares de necropsia do Instituto Médico Legal de Belo Horizonte, afirmaram que os trabalhos que têm relação com os mortos “também se tornam de certa forma ‘negados’, ‘rechaçados’, ‘esquecidos’ e suas atividades desconhecidas” (p. 331), configurando-as como atividades que afetam o bem-estar e o psiquismo dos sujeitos. A pesquisa citada aponta uma característica laboral referente ao uso de um modelo biológico-racionalista a fim de “desritualizar” a morte, tal como profissionais da saúde, “[...] considerando-a como um evento que deve ser enfrentado com atitudes impessoais” (BARROS; SILVA, 2004, p. 326), reduzindo os corpos a partes a serem analisadas, e não os considerando como pessoas. Tal mecanismo de enfrentamento também foi verificado por Silva *et al.* (2015, p. 71) em profissionais do Instituto de Polícia Científica da Paraíba, que encaram “[...] o corpo exclusivamente como objeto de trabalho, deslocando-o do humano”.

Esse mecanismo defensivo, no entanto, não é observado em sepultadores, por exemplo, que veem seu trabalho como sagrado: “[...] os sepultadores ressignificam o trabalho sacralizando-o: o enterro é um ritual.” (BATISTA; CODO, 2018, p. 81). Os autores apontam, ainda, a dualidade da atividade funerária, que ao mesmo tempo é necessária, mas apontada como repugnante pela sociedade:

Na produção das ideologias, os trabalhadores apelam a dimensões sagradas e profanas. A profissão de sepultador é percebida sagrada no ritual de propiciar o enterro da pessoa morta, e profana na exigência de coragem para enfrentar a face nojenta e assustadora do contato com a morte (BATISTA; CODO, 2018, p. 77).

Para estes autores, o tabu da morte gera um vácuo social, preenchido pelos trabalhadores que cuidam das práticas do fim da vida. As ocupações funerárias fazem parte da categoria chamada “trabalho sujo”, caracterizada por uma “classificação das profissões segundo seu maior ou menor prestígio social” (BATISTA; CODO, 2018, p. 73). Quando ocorre essa divisão moral, as profissões de menor prestígio são estigmatizadas, consideradas repugnantes. No entanto, os autores concluem a pesquisa nomeando os trabalhadores como “cuidadores”. Esse termo também é utilizado por Flores e Moura (2018, p. 330), que ressaltam que “[...] vivências de prazer são fortemente relacionadas ao processo de preparação do corpo e ao atendimento dos familiares”, no qual o trabalho é visto como um ato que envolve cuidado com o outro.

Outro ponto relevante é o medo da contaminação. Kovács relata no documentário “Tabu Brasil: Cadáveres” (2011) existir também um medo da chamada contaminação psíquica da morte. De acordo com Iraha, Silva e Paula (2017, p. 310): “a morte causa nojo, repulsa e horror e de certa forma o mal-estar relacionado a ela acaba sendo transferido para os trabalhadores, sujeitos do contexto em que vivemos”.

A morte passa a ter um status de algo pecaminoso, contagioso. É como se, ao evitarmos o contato com a mesma (sic), pudéssemos afastá-la por mais tempo. É uma barganha moderna que tenta encobrir os resquícios da morte. Esse comportamento é fundamental para entendermos o papel do sepultador em nossa sociedade como um agente ao qual se terceiriza o mal-estar da morte (FRANCO, 2010, p. 19).

Na sociedade contemporânea, na qual a morte é interdita, manipular corpos mortos é violar o tabu da morte, tornando-se, portanto, uma atividade socialmente repelida, conforme opinado por Kovács, Vaiciunas e Alves (2014). Apesar de serem trabalhos de grande necessidade, o estigma marginaliza o ofício até o momento em que seu serviço se faz necessário, quando a dor se materializa e a morte não pode mais ser interdita. Ainda assim, a sociedade tem dificuldade em valorizar os trabalhos que envolvem a morte.

2.5 A PANDEMIA DE COVID-19 E SEUS MORTOS

A Covid-19 é uma pandemia atualmente em curso. Trata-se de uma doença respiratória aguda causada pelo Coronavírus 2 da síndrome respiratória aguda grave (SARS-CoV-2). A

doença surgiu na China em dezembro de 2019 e espalhou-se rapidamente pelo mundo, atingindo o status de pandemia em março de 2020¹⁴.

Com a quantidade de mortos aumentando no Brasil e em todo o mundo¹⁵, o sistema funerário teve sua importância reconhecida em diversas matérias publicadas pelos jornais e, assim como a saúde, chegou a entrar em colapso em várias localidades, como visto anteriormente neste trabalho, em relação ao Equador e seus mortos nas ruas. O sistema funerário tem se reestruturado, não somente no Brasil, mas no mundo, visando adaptar-se ao aumento no número de mortes provocado pela Covid-19.

Em alguns cemitérios e agências funerárias, foram criados velórios virtuais em aplicativos de *web* conferência, como o *Zoom*® e *Google Meet*®, tendo sido possível manter distância entre os enlutados, que assistiam de longe aos enterros, visto que, majoritariamente, não era possível a entrada de mais de 10 pessoas no momento do sepultamento para evitar aglomerações (de acordo com planos de contingência de sepultamentos elaborados por municípios, conforme foi relatado através do *podcast* “O Assunto” em abril de 2021).

Uma cartilha elaborada pelo Ministério da Saúde em março de 2020 para orientar o manejo de corpos no contexto do novo coronavírus, enfatiza que os velórios e funerais de pacientes confirmados/suspeitos não são recomendados, ficando desnecessária a autópsia em caso de confirmação da Covid-19, bem como a tanatopraxia. A embalagem do corpo deverá ter três camadas: uma de lençóis e duas de sacos impermeáveis para impedir o escape de fluídos corpóreos. A urna, na qual o corpo é depositado, deve ser lacrada e não pode ser aberta sob nenhuma hipótese, evitando qualquer contato com o falecido em qualquer momento *post-mortem*.

Com base no exame de notícias recentes da mídia, também é possível ver sepultadores reivindicando equipamentos de proteção individual (EPIs) adequados para realizar os enterros de suspeitas e confirmações de Covid-19. Com o aumento do número de mortes, e somando-se a isso as outras mortes não relacionadas à pandemia, dependendo da cidade, eram realizados, diariamente, enterros em quantidade dobrada ou triplicada, comparando-se com anos anteriores, como 2019 e 2018.

¹⁴ Fonte: OMS declara pandemia de coronavírus. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 21 abr. 2020.

¹⁵ Em setembro de 2021 o Brasil chegava perto de 600 mil mortes notificadas por COVID-19 e em todo o mundo passava-se de 4,7 milhões de vítimas fatais. Fonte: Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde (SVS): Guia de Vigilância Epidemiológica do COVID-19. Disponível em: <https://Covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 25 set. 2021.

O setor funerário vem sofrendo com a pandemia, seja pela alta procura ou pela falta de matéria prima para os produtos. Em Manaus registrou-se a necessidade de utilizar uma retroescavadeira para auxiliar na abertura de covas, visto que de uma média de 28 enterros por dia em 2019, passou-se a enterrar 82 pessoas/dia nos momentos mais agudos da pandemia¹⁶. É possível, a partir dessas informações, imaginar a sobrecarga de trabalho dos sepultadores com o aumento da demanda. Conforme a notícia do site UOL, os enterros foram feitos em valas coletivas, diferindo das grandes epidemias do passado apenas por ainda serem utilizados caixões e demarcações para localizar os corpos posteriormente.

Ao contrário do que ocorria no século XVIII, quando a transferência dos cemitérios para fora dos espaços do meio urbano provocou, segundo Kovács, “a decisão de utilizar covas individuais, em detrimento das grandes valas comuns” em consideração à saúde, mas, também, à dignidade e à valorização do morto (2003, p. 62), viu-se ocorrer justamente o oposto em Manaus, onde sepultamentos ocorriam simultaneamente e em valas comuns, com caixões dispostos lado a lado com um mínimo espaço entre eles para demarcação posterior da sepultura, muitas vezes ocorrendo sem a cerimônia de despedida com parentes e amigos, que ficavam do lado de fora dos portões.

Não é a primeira vez que uma grande quantidade de mortos causa problemas ao sistema funerário, conforme discute Kovács:

Cabe lembrar que na Idade Média havia uma grande quantidade de corpos após as grandes epidemias, lotando os cemitérios. Em alguns casos chegou-se ao extremo de enterrar somente uma parte dos ossos, desmontando o esqueleto para economizar espaço (KOVÁCS, 2003, p. 34).

A falta de equipamento de proteção individual (EPI) também atingiu os sepultadores, como é possível ver na matéria da Folha de São Paulo¹⁷. Em Manaus, cidade do Amazonas com maior índice de mortos e infectados, os sepultadores trabalhavam sem proteção adequada:

“É uma esculhambação”, desabafa o agente funerário de uma empresa privada. Vestido de bota, macacão com capuz, luva e óculos, ele parecia uma alienígena ao carregar o caixão de uma vítima da Covid-19 ao lado de quatro coveiros do cemitério com pouca ou nenhuma proteção (FOLHA, 2020).

¹⁶ Fonte: Após *boom* em enterros, Manaus abre covas coletivas para vítimas de Covid-19. UOL. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/04/21/apos-boom-em-enterros-manaus-abre-covas-coletivas-para-vitimas-de-Covid-19.htm> Acesso em: 23 abr. 2020.

¹⁷ Fonte: Manaus registra enterros simultâneos, aglomeração e coveiro sem proteção. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/manaus-registra-enterros-simultaneos-aglomeracao-e-coveiro-sem-protecao.shtml>. Acesso em: 21 abr. 2020.

Na cidade, o número de mortos fez necessária a utilização de retroscavadeiras para acelerar a produção de sepulturas: “Sobre as valas que têm sido abertas pela prefeitura para comportar o aumento do número de corpos, o prefeito diz que estão sendo usadas retroscavadeiras para dar conta do serviço.” (FOLHA, 2020). Por conta de recomendações de segurança e até mesmo pela falta de espaço para enterros, os rituais de sepultamento foram se modificando. As mortes têm ocorrido nos hospitais ou até mesmo nas casas dos infectados, e seus corpos são levados diretamente para o sistema funerário, para um enterro que é breve, sem rituais e, muitas vezes, sem a participação de qualquer membro da família.

Segundo a Folha de São Paulo, no município de Manaus, a cremação vinha sendo oferecida como alternativa às famílias na tentativa de diminuir o número de sepultamentos, que já ocorriam de forma a empilhar caixões um em cima do outro¹⁸ para otimização do espaço.

Por outro lado, a cremação vai ganhando terreno sobre outras formas de disposição do corpo: é mais rápida e o que sobra das cinzas pode ser guardado em pequenas urnas, o que vai diminuindo o uso do espaço nos cemitérios, implicando em economia. Liquidada-se o corpo de uma vez (KOVÁCS, 2003, p. 69).

O *podcast* Finitude apresenta em seu episódio “Profissão: Sepultador”, a partir de entrevistas com três profissionais sepultadores em São Paulo e Manaus, que a forma como os corpos vinham sendo manipulados não correspondia a um enterro, mas sim a um descarte:

Com a chegada do (sic) Covid, dessa pandemia, os caixões passam a vir praticamente sem acompanhantes. É muito estranho, muito sombrio. É doloroso sentir que a pessoa pode ser descartada como qualquer outra coisa, como qualquer bem de consumo. Então, se não vem ninguém, se não há acompanhante, não se trata de um enterro, se trata de um descarte (FINITUDE, 2020).

O que se pode ver, portanto, é uma forma de escancaramento da morte, provocado pelo medo da contaminação e pelo aumento quase exponencial do número de mortes, visando a segurança física, mas causando grande sofrimento. A sociedade lida com os corpos mortos da forma mais rápida possível, interditando assim os rituais de sepultamento, que já eram breves antes da pandemia. Knausgård (2015, p. 9) complementa:

¹⁸ Fonte: Sem espaço para enterrar as vítimas da COVID-19, Manaus empilha caixões. Folha de São Paulo. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/04/sem-espaco-para-enterrar-as-vitimas-da-Covid-19-manau-empilha-caixoes.shtml>. Acesso em: 28 abr. 2020.

Uma cidade que não mantenha seus mortos longe dos olhos, que os deixe jazer nas ruas e calçadas, parques e estacionamentos, não é uma cidade, e sim um inferno. Não importa que esse inferno reflita de modo mais realista e profundo nossa conduta. Sabemos que ela é assim, mas nos recusamos a encará-la. Eis o ato coletivo de repressão simbolizado no ocultamento dos nossos mortos.

Enquanto Kovács (2003, p. 64) afirma que “é possível dizer que, a caminho do século XX, a morte não é vista nem como horrível, nem como agradável, torna-se simplesmente ausente”, hoje, no século XXI com a pandemia em curso, a morte está cada vez mais escancarada.

Em nossa cultura, os rituais funerários estão centrados na presença e no simbolismo invocados pelo corpo, que pode ser tocado, lavado, vestido e contemplado uma última vez. Ver o corpo traz concretude à morte e nos prova que enterramos a pessoa certa. Aqui já se demarca uma das especificidades do processo de luto dos que perderam um ente querido para a Covid-19: a imposição de limitações drásticas aos rituais de despedida, sendo a mais significativa a obrigatoriedade de caixões lacrados. Os corpos não podem ser vestidos, tocados, contemplados. A necessidade de que seja mantido o distanciamento social, reduz a um mínimo o número de pessoas permitidas e a duração de velórios. Assim, os familiares das vítimas de coronavírus executam um ritual incompleto, sem nunca voltar a ver o corpo que conheceram e amaram (DANTAS *et al.*, 2020, p. 516).

2.6 A AUSÊNCIA DOS RITUAIS DE DESPEDIDA NAS MORTES POR COVID-19 E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O LUTO¹⁹

Como já fora abordado nesta dissertação, o ano de 2020 apresentou uma ingrata surpresa às pessoas de todo o mundo e a Covid-19 já matou milhões desde então. Por se tratar de uma doença altamente contagiosa, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recomendou a suspensão dos velórios e missas, assim como diversas ações de distanciamento e até isolamento social para evitar novos contágios. Com isso, o cancelamento dos rituais afetou os sobreviventes, que não podiam velar seus mortos e sofrem as implicações da ausência ou modificação de formas de simbolizar a partida de entes queridos.

Quando ocorriam, velórios e missas eram curtos, sem aproximação de pessoas e sem toques, abraços e outras manifestações de afeto que exigissem contato físico. Caixões lacrados impedem a visualização do ente falecido, e algo parece faltar. A morte ocorreu de fato? Como

¹⁹ Este tópico foi enviado para publicação na Revista Laboratório (*Off-Lattes*). Aguarda-se parecer.

constatar, se não é possível ver aquele que morreu? Como consolar a si mesmo e aos outros sem abraços e presença?

Psicólogos especializados em luto são unânimes em destacar a importância dos rituais para a organização psicológica dos enlutados e para a demarcação da concretude da perda, tarefa essencial para a retomada da vida e reconstrução do mundo após a morte de um ente querido. Os rituais funerários presentes em todas as culturas são imprescindíveis para unir uma comunidade em torno da assimilação do fim de um ciclo, que se encerra com a morte de um de seus membros. Além disso, não são apenas ligados às religiões, estando presentes também em sociedades majoritariamente ateístas, embora a religião e a espiritualidade orquestram grande parte desses rituais. Segundo Vandembos (2020²⁰ *apud* SARTORI, 2020, p. 41).

O ritual da morte ou de passagem é uma cerimônia da prática religiosa definida pela cultura, associada ao morrer e aos mortos, tem função psicológica importante para a elaboração do luto tanto para o indivíduo quanto para o seu grupo social.

São diversos os números mencionados para dizer quantas pessoas são atingidas por uma morte. Alguns falam em no mínimo seis a 10 pessoas²¹. Assim, é de se imaginar que, atualmente, vive-se também uma pandemia de enlutados, considerando todas as vidas que a Covid-19 tirou, além das demais mortes decorrentes de acidentes, homicídios, doenças, suicídios, desastres naturais, entre outras. Padecemos de um processo coletivo de luto, que é interrompido e não reconhecido, o que dificulta a elaboração dessas perdas e o resgate das atividades cotidianas. As consequências dessas interrupções ainda não são inteiramente conhecidas, mas fala-se sobre agravos na saúde mental como um dos principais fenômenos associados a esse grande enlutamento mundial (OLIVEIRA-CARDOSO *et al.*, 2020).

A morte tornou-se um tabu ao invés de uma experiência humana natural e esperada. Evita-se falar sobre o tema, como se, assim, pudéssemos escapar de seu inevitável contato. Philippe Ariès (1990) cunhou o termo “morte interdita”, pois ela deixaria de estar presentificada e passaria a ser escamoteada, radicada, não sendo mais do controle dos moribundos e de seus familiares.

²⁰ VANDENBOS, G. R. (org.). **Dicionário de psicologia da APA**. Tradução: Daniel Bueno, Maria Adriana Veríssimo Veronese, Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: Artmed, 2010.

²¹ Fonte: A cada morte por coronavírus, seis a dez pessoas são impactadas pela dor do luto, dizem especialistas. G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/05/01/a-cada-morte-por-coronavirus-seis-a-dez-pessoas-sao-impactadas-pela-dor-do-luto-dizem-especialistas.ghtml>. Acesso em 24 set. 2021.

Nem sempre as pessoas estão preparadas para lidar com a perda de seus entes queridos, pois pouco se fala sobre a morte antes que ela atinja diretamente uma pessoa ou família. Quando a morte é trágica ou repentina, como na Covid-19, pode ocorrer, além das alterações esperadas a partir de uma morte, prejuízo de uma série de fatores (emocionais, cognitivos, sociais, financeiros, etc.) ligados aos familiares e amigos daquele que morreu.

Parkes (1998) aponta a falta de expressão do luto como a causa de doenças de pessoas que perderam entes queridos. A psicóloga brasileira Maria Júlia Kovács fala em seu livro “Educação para a morte: Temas e Reflexões” (2003) sobre como na morte interdita os rituais vão se tornando cada vez mais inexistentes e o luto sendo tratado como uma doença, geralmente sendo medicalizado, ocorrendo valorização de uma atitude discreta, como se a dor sequer existisse.

O processo do luto, de modo geral, inicia-se através dos rituais fúnebres de despedida. Nesse momento, os familiares e amigos podem chorar a dor da perda, consolar-se e enfrentar, geralmente coletivamente, os primeiros momentos da ausência que se faz presente com a morte. Visualizar o corpo morto é uma das formas de trazer concretude ao acontecimento, tornando a perda mais real, dando início ao processo de luto. Um sentimento de incerteza em relação à morte pode ocorrer caso esses rituais sejam negados.

Com o evento da pandemia de Covid-19, escancarou-se o descaso com a morte e com a vida, e muitas pessoas têm sentido uma necessidade quase instintiva de ritualizar a morte de seus entes de outras formas, seja utilizando tecnologias de comunicação virtual, redes sociais, entre outras. Quando os ritos, sejam quais forem, não são realizados, ocorre uma sensação de ambiguidade da perda, além de favorecer o aparecimento de reações como depressão e ansiedade.

Os rituais fúnebres são eventos dedicados à pessoa falecida, mas que têm enorme repercussão entre os vivos, auxiliando no processo de luto no auge da dor e tendo implicações no campo pessoal e no coletivo, sendo tão importantes para a sociedade quanto os demais rituais, como os de nascimento, formatura, casamento, entre outros. O luto é natural e esperado para a espécie humana, é o processo que se sucede à perda e ocorre de forma muito particular para cada indivíduo. A interrupção dos rituais fúnebres pode trazer dificuldades à vivência do luto de forma saudável.

Rosa (2020, p. 35) afirma que:

Os rituais fúnebres são determinados por um código de comportamentos aceitos culturalmente expressando crenças e ideologias que incluem desde a

percepção da morte, a maneira de lidar com o fenômeno, práticas cerimoniais para despedida até o destino final do corpo físico.

Um cenário de adoecimento psíquico surge no horizonte ao considerar-se as consequências da Covid-19 no âmbito psicológico. As perdas abruptas e significativas agravam a situação que já não é favorável. Desde 2020 as pessoas se veem distanciadas dos seus entes queridos, devido a questões sanitárias impostas para tentar controlar a pandemia, e, muitas vezes, afastadas definitivamente por causa de sua morte. São medidas necessárias, mas que têm implicações cuja dimensão ainda não se conhece.

Apesar da pandemia ter acentuado as alterações na forma como velamos nossos mortos, ao longo do tempo esses rituais já vinham sofrendo alterações, sendo cada vez mais breves e acelerados. Tal fato é decorrência da forma como lidamos com a morte em nossa sociedade, buscando afastá-la de todas as formas, evitando, inclusive, discutir o assunto. Quando surge, entretanto, é necessário que se tome ações que muitas vezes não estamos preparados para tomar.

Se tratando de enfrentamento do luto, não poder ver ou tocar os mortos durante a despedida pode gerar uma dificuldade na materialização das perdas. Segundo Rosa (2020) “a não ritualização pode ser sentida como uma violação do direito à despedida digna do ente querido, gerando um contexto de angústia, dúvidas e desconfiança em relação à realidade (...)” (p. 37). Ainda segundo Rosa (2020), medidas de promoção do luto saudável são imprescindíveis, desde que unam o respeito aos protocolos de segurança à facilitação da realização dos rituais. De acordo com a autora, “o enfrentamento da Covid-19 pode representar um divisor de águas na temática luto” (p. 37). A sociedade tem buscado instintivamente novas formas de práticas ritualísticas voltadas para a morte.

É necessário afirmar aqui que o luto é uma vivência necessária, com graves consequências emocionais para aqueles que o negam, e que encarar o sofrimento e a ausência, por mais que doa, é a forma mais saudável de simbolizar o acontecimento e ressignificar a vida, agora sem a pessoa que se foi. As cerimônias fúnebres, conforme Sartori (2020, p. 41), “funcionam como facilitadoras para a sua superação, são elementos significativos de ajuda e encorajamento da resolução saudável do luto”. Rituais funerários em eventos como pandemias costumam ser apressados e são chamados de rituais antecipados.

O corpo do indivíduo confirmado ou com suspeita de Covid-19 deve ser, segundo orientações do Ministério da Saúde, colocado em urna lacrada antes da entrega aos familiares, e os velórios são desaconselhados, muitas vezes sendo feito o enterramento diretamente depois

de constatada a morte no hospital. Quando é possível a realização de funeral, a família não tem contato com o corpo morto, apenas com o caixão lacrado, e só deve juntar os familiares mais próximos para evitar a aglomeração de pessoas no ambiente. A não realização de funerais e velórios ocasiona a dificuldade em processar a situação e a inadequação das despedidas, fundamentais para que os sobreviventes enlutados adquiram um senso de realidade diante da perda, tornando-a concreta.

Nos casos das mortes decorrentes da Covid-19, e outras, para obedecer ao impedimento de aglomerações para realização dos rituais fúnebres, foi necessário pensar em alternativas e estratégias de suporte e apoio emocional aos familiares e amigos enlutados, como novas formas de ritualização, seja a escrita de cartas, o envio de mensagens de despedida, realização de enterros virtuais, utilização de fotos e realização de conferências com amigos e familiares, para que cada um verbalizasse memórias de vida e se despedisse apropriadamente, possibilitando espaços e formas de se falar e vivenciar a perda. No entanto, à medida que a vacinação foi avançando, principalmente, as medidas foram sendo flexibilizadas. É importante observar se as modificações que foram atribuídas à forma de velar e enterrar os corpos serão mantidas, ou não.

3 MÉTODO

Podemos nos esforçar para jogar a morte para escanteio, guardando cadáveres atrás de portas de aço inoxidável e enfiando os doentes e moribundos em quartos de hospital. Escondemos a morte com tanta habilidade que quase daria para acreditar que somos a primeira geração de imortais. Mas não somos. Vamos todos morrer e sabemos disso.

Caitlin Doughty

Considerando o objetivo proposto, optou-se pelo estudo descritivo de abordagem qualitativa desenvolvido com agentes funerários, sepultadores, cremadores, tanatopraxistas, ou seja, profissões consideradas de “trabalho sujo” (BATISTA; CODO, 2018) por terem contato com o corpo morto e que, por tal razão, se veem diariamente expostos à morte, para conhecer qual a relação que estes profissionais estabelecem com a mortalidade humana, como lidam com os aspectos subjetivos da profissão, com a própria mortalidade e também a de desconhecidos e de entes queridos.

3.1 PARTICIPANTES

Foram entrevistados trabalhadores de serviços funerários, que tinham um período de experiência de pelo menos seis meses no trabalho, critério de inclusão considerado importante para que os entrevistados pudessem contar com alguma experiência no ofício. Também buscamos localizar mulheres para realização das entrevistas, visto que existem mulheres exercendo papéis no serviço funerário, mas seu trabalho não costuma ser alvo de pesquisas científicas. Os participantes foram entrevistados individualmente e a pesquisa foi realizada de modo *on-line*, tendo sido feitas entrevistas com trabalhadores e trabalhadoras de várias cidades do Brasil. O contato foi estabelecido por meio de alguns profissionais que já haviam sido previamente sondados e, utilizando o método bola de neve (*snowball sampling*), recebia-se indicação de outras pessoas a serem contatadas.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa com uma amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência para ter acesso aos participantes, método que se fundamenta em usar a rede social dos indivíduos iniciais para ter acesso ao coletivo (VINUTTO, 2014). Cada entrevistado indicou ou intermediou o contato com outros profissionais para também fazerem parte da pesquisa como informantes. É uma técnica não-probabilística, não determinada pela

estatística populacional, sendo, portanto, uma amostra reduzida. O número de participantes não foi definitivo a princípio, pois dependeu da anuência e concordância deles e de compatibilidade de horários. De tal modo, foram entrevistados oito trabalhadores das regiões norte, sul, sudeste e nordeste, de ambos os sexos, com idades entre 27 e 38 anos, cuja experiência neste tipo de trabalho variava entre um (01) e 20 anos.

3.2 PROCEDIMENTOS ÉTICOS

Foram tomados os cuidados estabelecidos pelas Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, as quais estabelecem as diretrizes para a pesquisa envolvendo seres humanos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UNIR (CAEE nº 36549120.5.0000.5300).

Em cumprimento ao que determinam as resoluções citadas, foram explicados aos participantes os procedimentos da pesquisa, os direitos dos entrevistados, além de outras informações importantes que também compõem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi assinado virtualmente com o auxílio do *Google Forms*®. Foi salientada a garantia ao anonimato e o sigilo de informações, assim como foram informados os riscos e benefícios da participação na pesquisa, garantindo também a possibilidade de retirada do consentimento a qualquer momento, sem necessidade de justificativa e sem a implicação de qualquer prejuízo pessoal.

3.3 INSTRUMENTOS E COLETAS DE DADOS

Inicialmente, foram utilizados contatos prévios estabelecidos enquanto o projeto de pesquisa era elaborado. Além disso, foi publicado nas redes sociais da pesquisadora sobre a busca por agentes funerários e sepultadores. A partir das respostas a esse chamado inicial, a pesquisa e seus objetivos foram explicados e foram feitos os convites para participação na pesquisa. Diante do aceite, conforme disponibilidade do participante, foi realizada a entrevista individual na modalidade *on-line*, por meio do aplicativo *WhatsApp*®.

A entrevista era iniciada com a identificação e perfil sociodemográfico do participante. Nessa etapa, que foi realizada por meio de um formulário no *Google Forms*®, assim como o preenchimento do TCLE, coletou-se de forma breve dados pessoais do entrevistado, como idade, escolaridade, profissão, estado civil e religião, para situar os participantes em um contexto social e pessoal.

Depois do preenchimento do perfil sociodemográfico, era marcada data e horário para a entrevista, que foi realizada através de áudio via *WhatsApp*®. O roteiro de entrevista investigou a subjetividade da percepção e vivência do sujeito ante a realização do ofício. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, ou seja, “que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada.” (MINAYO, 2011, p. 65).

3.4 PROCEDIMENTOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Como técnica para entendimento e interpretação dos dados foi utilizada a Análise de Conteúdo Temática. Minayo ainda afirma que a Análise Temática consiste em “descobrir o sentido que compõe uma comunicação, onde a frequência signifique algo para o objeto visado” (2010, p. 303).

Oliveira (2008) pondera que a Análise de Conteúdo possui diferentes técnicas que podem ser abordadas pelos pesquisadores, e que cada técnica produzirá diferentes resultados, permitindo, portanto, analisar e produzir conhecimentos sobre o objeto estudado. A Análise Temática, segundo Bardin (2016), possui três etapas: “Pré-análise”, “Exploração do Material” e, a última etapa, “Tratamento dos Resultados obtidos e Interpretação”. Após a realização das três etapas, os dados tiveram seu tratamento sistematizado de acordo com os objetivos iniciais, buscando a interpretação e a elaboração de conhecimento científico.

3.5 APRESENTAÇÃO DOS PARTICIPANTES

Nesta seção, no Quadro 2 a seguir, será feita uma breve apresentação dos oito trabalhadores que se dispuseram a participar da pesquisa, trazendo alguns dados biográficos sobre cada um deles. Destaca-se que os nomes são fictícios.

Quadro 2 - Apresentação dos colaboradores

								(continua)
Nome	Ocupação	Idade	Raça (autodeclarada)	Escolaridade	Estado Civil	Renda mensal*	Tempo de trabalho	Religião
Valter	Sepultador	27	Branca	Ensino superior	Solteiro	De R\$ 1567,50 a R\$ 2612,50	2 a 5 anos	Agnóstico

Quadro 2 - Apresentação dos colaboradores

Nome	Ocupação	Idade	Raça (autodeclarada)	Escolaridade	Estado Civil	Renda mensal*	Tempo de trabalho	(conclusão)
								Religião
Jonas	Sepultador	31	Parda	Ensino médio	Solteiro	De R\$ 522,50 a R\$ 1045,00	20 anos	Católico
Silva	Sepultador	38	Branca	Ensino superior	Solteiro	De R\$ 1567,50 a R\$ 2612,50	5 a 10 anos	Ateu
Álvaro	Sepultador	29	Branca	Ensino médio	Solteiro	De R\$ 1045,00 a R\$ 1567,50	2 a 5 anos	Não tem religião
Rosa	Cremadora	38	Parda	Ensino fundamental incompleto	Casada	De R\$ 1567,50 a R\$ 2612,50	5 a 10 anos	Católica
Maria	Sepultadora	31	Branca	Ensino fundamental incompleto	Solteira	R\$ 522,50 a R\$ 1045,00	1 a 2 anos	Evangélica
Nelson	Tanatopraxista	32	Branco	Ensino médio	Casado	R\$ 1045,00 a R\$ 1567,50	5 a 10 anos	Católico
Laura	Agente funerário	27	Branca	Ensino superior	Solteiro	De R\$ 522,50 a R\$ 1045,00	2 a 5 anos	Evangélica

Fonte: elaborado pela autora.

* A renda é variável, pois além do salário os coveiros entrevistados complementam a renda fazendo outras atividades como construção e pintura de túmulos, etc. No caso da agente funerária Laura, por ser autônoma, sua renda também costuma variar de acordo com a quantidade de serviços que ela consegue no mês.

Conforme evidenciam os dados apresentados no Quadro 2, foram entrevistados cinco homens e três mulheres. Um dos participantes era da região norte, três da região sul, três da região nordeste e um da região sudeste. Eles tinham entre 27 e 38 anos de idade e a maioria se autodeclarou branca. Três tinham nível superior, três, nível médio e dois possuíam fundamental incompleto. A renda mensal dos entrevistados variava entre R\$522,00 e R\$2.612,50. O tempo de ofício variava entre um e 20 anos e a maioria se declarou católica, sendo que três não possuíam religião.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

*Numerar sepulturas e carneiros
Reduzir carnes podres a algarismos
- Tal é, sem complicados silogismos,
A aritmética hedionda dos coveiros.*

*Um, dois, três, quatro, cinco... Esoterismos
Da Morte! E eu vejo, em fúlgidos letreiros,
Na progressão dos números inteiros
A gênese de todos os abismos!*

*Oh! Pitágoras da última aritmética,
Continua a contar na paz ascética
dos tábidos carneiros sepulcrais*

*Tíbias, cérebros, crânios, rádios e úmeros,
Porque, infinita como os próprios números,
A tua conta não acaba mais!*

Augusto dos Anjos

Os trabalhadores do segmento funerário, profissionais que protagonizam esta pesquisa, independentemente de serem coveiros, cremadores, tanatopraxistas ou agentes funerários, exercem o seu ofício tendo como seu principal objeto de trabalho a morte e o corpo sem vida. Suas atividades incluem atender familiares enlutados; construir, preparar, limpar, abrir e fechar sepulturas; preparar os corpos mortos através de tanatopraxia; limpar e vestir os corpos; decorar caixões e salas de velórios; transladar corpos e despojos; cremar; e realizar sepultamentos e exumações de cadáveres e despojos.

O processo de preparação do corpo inclui o embalsamamento e o trabalho de restauração, que é necessário para tornar o corpo esteticamente adequado. Antes do embalsamamento, o corpo é limpo e, em seguida, os lábios, as pálpebras e as mãos são fixadas, para imitar a posição de quem está dormindo. Depois do formol substituir o sangue, e de órgãos internos serem manipulados conforme necessário, o corpo é vestido; o rosto, maquiado e o cabelo, arrumado. O processo de preparação e de embalsamamento do corpo constitui uma fonte de estresse para diretores de funerárias, por causa da perfeição exigida. Eles querem apresentar o falecido como em estado de sono tranquilo, pois as famílias desejam que o familiar morto pareça “normal” (BATISTA; CODO, 2018, p. 80).

O fazer dos profissionais dos segmentos funerários envolve, portanto, o cuidado com o outro de duas maneiras: através do atendimento e atenção às famílias enlutadas e do preparo e zelo aos corpos mortos.

Os resultados da pesquisa serão apresentados a partir de fragmentos de falas colhidas nas entrevistas, as quais foram transcritas e cujas narrativas foram organizadas em três

categorias: o trabalho com a morte; a morte de si; e a morte do outro, cada qual com suas subcategorias. Destaca-se que as falas não foram alteradas, mantendo o padrão da linguagem oral. Todos os grifos são da autora.

4.1 O TRABALHO COM A MORTE

4.1.1 Coveiro x sepultador - “O real nome da profissão é coveiro.”

Em um dos trabalhos lidos e utilizados como referência para a elaboração desta pesquisa, de Clarissa de Franco (2008), os sepultadores não gostavam de ser chamados de coveiros: "Da mesma forma, acusam que existe um claro preconceito quando se pronuncia a palavra 'coveiro', exigindo serem reconhecidos como 'sepultadores'." (FRANCO, 2008, p. 140). A autora explica ter se dirigido a eles como coveiros e ter sido alertada de que coveiro seria um termo pejorativo para a classe. Portanto, para a realização da presente pesquisa, foi perguntado, de um a um, como eles preferiam ser chamados e, conforme suas respostas, ao longo da apresentação dos resultados da pesquisa, refere-se a eles conforme preferiam.

Os homens que participaram da pesquisa, em sua unanimidade, preferiam ser chamados de coveiros e acreditavam que o termo “sepultador” seja utilizado para amenizar ou mascarar o sentido de sua profissão, como afirma Silva: “Eu não gosto desse termo sepultador porque *dá a impressão que ele foi criado com a intenção de amenizar né?* Esse nome coveiro, quando eu chego eu digo: eu sou servidor público, sou coveiro” (Silva é coveiro em um cemitério público na Região Nordeste, tem 38 anos e trabalha no ofício há mais de cinco anos. Segundo ele, desistiu da docência em matemática para seguir o ofício de coveiro, que iniciou através da aprovação em concurso público). Álvaro, 29 anos, trabalha em um cemitério particular na região Sul do país e também prefere ser chamado de coveiro. Valter, 27 anos, coveiro da região Sudeste, considera uma tentativa de mascarar o nome de sua profissão: “Quando se referem a mim como sepultador eu fico extremamente mal porque *eu acho que é uma tentativa de mascarar o real nome que a profissão tem, que é coveiro*”.

Já em relação às mulheres entrevistadas, todas preferem o termo “sepultadora”, seja para diferenciar sua profissão dos profissionais de cemitérios públicos, ou para atribuir importância ao cargo: “Bom, coveira fica meio feio, eu prefiro sepultadora, *parece uma palavra muito importante, sabe?*” (Maria, 31 anos, é sepultadora de cemitério particular na Região Sul. Inicialmente, seria da equipe de limpeza do local, porém, logo ao iniciar seu trabalho, foi convidada a ocupar o cargo de sepultadora). Rosa, 38 anos, é cremadora de cemitério particular

na Região Sul. Iniciou trabalhando com a limpeza do local, tendo sido também sepultadora. Sobre o nome dado ao ofício, declarou:

Eu gostava mais de sepultadora, porque coveira é meio estranho né, *eu acho mais bonito sepultadora...* é um nome bem... mais por ser já um cemitério, ou até nesses cemitérios da prefeitura, coveiro eu acho meio chato, acho que tem que ser sepultadores.

Fica clara a distinção entre as visões masculina e feminina quanto à nomenclatura do trabalho de sepultador. Enquanto os homens, em sua maioria, acreditam que a palavra “sepultador” mascara ou busca amenizar o que é a profissão, as mulheres visam, chamando-se como tal, atribuir importância ao cargo ou diferenciar-se de trabalhadores de cemitérios públicos.

No entanto, é preciso abrir aqui uma ressalva. As sepultadoras entrevistadas trabalham, todas, em cemitérios verticais, que realizam sepultamentos onde não é necessária a abertura de covas no chão. Tal diferenciação é necessária pois as próprias atribuições dos cargos são modificadas a partir desta distinção.

4.1.2 Tornar-se o que se é - “A profissão que me escolheu.”

Atualmente, existem duas formas de começar a trabalhar como sepultador: através de concurso público ou como contratado de uma empresa terceirizada. Dois dos entrevistados começaram a trabalhar mediante concurso público, em busca de estabilidade. Valter, que é formado em Ciências Sociais, diz ter escolhido o cargo menos tradicional do certame público. Silva, por sua vez, abandonou a Licenciatura em Matemática para exercer o cargo. Diante da pergunta “*Como você passou a trabalhar com agências funerárias/cemitérios?*”, obtiveram-se as seguintes respostas:

Exclusivamente por conta do concurso público que abriu na cidade. E por uma questão mesmo de não deixar qualquer um daqueles cargos tradicionais, mas na necessidade de fazer um, eu quis fazer o menos tradicional, *e o menos tradicional era o de coveiro*, com certeza (Valter – coveiro).

Eu não escolhi ser coveiro, a profissão que me escolheu; eu tava muito decepcionado com a educação como docente, na época estava estagiando como professor de matemática, eu fiz até o terceiro período de licenciatura em matemática. Estava muito decepcionado e saí. *Não foi eu que escolhi ser coveiro, né, a profissão que me escolheu* e eu tô aqui de boa. Eu amo minha profissão (Silva – coveiro).

Jonas é sepultador em cemitério público no Nordeste desde os 10 anos de idade, tendo aprendido o ofício com seu avô. Com mais de 20 anos de experiência, não se vê exercendo outra atividade. Complementa sua renda realizando pinturas em lápides. Afirma ter passado praticamente toda a sua vida em cemitérios, ressaltando inclusive ter nascido próximo ao dia de Finados.

Tudo começou com meu avô. Meu avô trabalhou lá no cemitério 23 anos, e aí minha mãe ia para lá. Inclusive, eu nasci próximo ao dia de Finados, ela ia me ter lá no cemitério também. E aí desde criança foi minha convivência lá, e daí *aos 10 anos eu comecei a trabalhar lá*, e até hoje. 20 anos como coveiro (Jonas – coveiro).

Além dos casos detalhados anteriormente, todos os demais participantes estavam à procura de emprego, alguns até mesmo em outras áreas, quando tiveram a oportunidade de trabalhar no ramo funerário. Álvaro estava desempregado quando uma amiga, que trabalhava com pintura e estava realizando alguns trabalhos no cemitério, ficou sabendo que lá havia vagas. Com currículo em mãos e sem saber exatamente do que se tratava, aceitou o trabalho de coveiro: “Então me contrataram e eu levei muito pouco tempo para pegar o gosto de trabalhar nesse ramo, sabe, nesse meio” (Álvaro – coveiro).

As participantes do sexo feminino que trabalham em cemitério particular foram contratadas para cuidar da limpeza do local, mas tiveram a oportunidade de mudar de cargo: “Quando eu comecei no memorial, era pra eu ficar na limpeza, aí a minha chefe me perguntou, depois de mostrar o memorial inteiro. No segundo dia faltava um sepultador, ela olhou e perguntou ‘você quer ser sepultadora?’” (Maria – sepultadora).

Comecei na limpeza, depois eu passei pro sepultamento, e agora eu estou no crematório, eu sou a cremadora. [...] Eles me ofereceram se eu queria aprender a fazer sepultamento, daí eu disse que sim. Que eu gostaria de aprender. Daí me tornei sepultadora também (Rosa – cremadora).

Nelson, 32 anos, é tanatopraxista na região Nordeste há sete anos. Ele era técnico em agropecuária e acabara de sair de um contrato de três anos com uma empresa. Buscava outro contrato na mesma área quando teve a oportunidade de trabalhar como atendente em uma rede de funerárias, cargo em que permaneceu por três anos.

Eu fui ‘passar uma chuva’. Aqui no Ceará, no Nordeste a gente fala que quando você vai passar pouco tempo no local, você vai “passar uma chuva”.

[...] Aí nesse intervalo de uma empresa pra outra, eu conheci o gerente da funerária na fila do banco. Eu fui fazer um depósito, encontrei o gerente e tal, e sem querer soltei pra ele “ó, cara, se tiver precisando de alguém”, foi assim, né, me coloquei a disposição de uma vaga. Tava necessitando de um atendente, ele viu que eu tinha uma facilidade de me comunicar, *aí eu abracei a causa*. (...) E essa chuva tá durando quase 10 anos nessa área (Nelson – tanatopraxista).

Depois de um tempo como atendente, Nelson conta que começou a se interessar pelo trabalho dos tanatopraxistas, tendo passado a oferecer ajuda e pedir para observar o trabalho quando podia. Depois de um tempo, foi oferecida a ele a oportunidade de fazer um curso de tanatopraxista para poder exercer a função.

Já Laura, 27 anos, agente funerária no Norte do país, fazia faculdade de psicologia quando, desempregada, aceitou trabalhar em uma funerária:

Minha mãe viu a vaga de anúncio na internet de agente funerário, me enviou e perguntou se eu tinha medo. Eu falei “não, porque *eu já fiz Anatomia, já vi defunto*”. Aí eu fui e entreguei o currículo, fiz a entrevista e passei na entrevista e passei a trabalhar no ramo funerário (Laura – agente funerária).

O tanatopraxista Nelson foi quem se ofereceu para o trabalho de atendente funerário. A agente funerária Laura entregou currículo e disse não ter medo do emprego. É possível perceber que, entre os entrevistados, mesmo quando estavam em situação de desemprego, trabalhar no segmento funerário pareceu ser uma opção sem muitas ressalvas e que, a partir de um trabalho mais generalista, como atendente ou agente de limpeza, passar para funções nas quais se lida especificamente com o corpo morto não se classificou como um problema para eles. Também é importante notar que 3 de 8 dos entrevistados possuem nível superior, tendo desistido da profissão de sua graduação para exercer trabalhos nos serviços funerários, o que entra em desacordo com leituras realizadas para a escrita deste trabalho, que afirmavam que a baixa escolarização era um dos motivos pelos quais o trabalho era escolhido nesse segmento (CATIVO; RIBEIRO; WELL, 2014).

4.1.3 Treinamento - “Tal como varrer uma casa.”

Em relação aos preparos para exercer as funções de cuidado com o corpo e sua destinação, somente os funcionários de empresas particulares receberam algum tipo de treinamento. A princípio, diante da pergunta “*Você recebeu algum treinamento para trabalhar*

nesta local? Como foi?” o coveiro Valter acha curiosa a necessidade de treinamento, pois, segundo ele, basta ter uma pá e saber furar:

Não houve nenhum tipo de treinamento. É engraçado isso, porque treinamentos, essas questões aí, isso é muito comum em cemitério de cidade grande, onde não se tem espaço né, então você precisa se otimizar. Agora aqui em cidades do interior, onde tem muito espaço, você vai abrir o terreno *e o coveiro precisa apenas ter uma pá. E saber furar* (Valter – coveiro).

No entanto, no decorrer da entrevista, Valter percebe a necessidade de saber lidar com as famílias dos mortos, tendo “se preparado” para a função devido ao estranhamento diante da forma como o antigo coveiro lidava com os familiares:

Essa é uma coisa que me chamou muita atenção porque além de não haver nenhuma preparação, essa é uma coisa que... o primeiro mês que eu fiquei junto do antigo coveiro, eu reparei o quanto que ela era estranha. Não por culpa dele obviamente, mas ele não tinha nenhuma preparação. Então eu ficava ali observando aquilo, *e ficava constrangido de ver o modo como ele falava com as outras pessoas, com os familiares dos mortos e dos entes falecidos*. E quando eu vi aquilo eu mais que prontamente me preparei bastante antes para isso (Valter – coveiro).

É perceptível que, para Valter, a parte física do trabalho não demanda treinamento, no entanto, lidar com os familiares dos mortos é uma função que, além de provocar desgaste emocional aos trabalhadores, deveria ter um “preparo”, para que soubessem lidar melhor: “Lidar com pessoas enlutadas é aspecto essencial a ser considerado na formação dos profissionais funerários” (KOVÁCS; VAICIUNAS; ALVES, 2014, p. 945).

Jonas aprendeu mediante observação e prática e considera o trabalho uma coisa simples, aprendida no contexto familiar:

No dia a dia eu fui aprendendo no dia a dia, na vivência com eles, aí fui me acostumando, aí já foi... Via como eles abriam, o cuidado, como é que fazia, aí cavei a primeira, ajudei a tirar o segundo... e aí foi... normal. *Tal como varrer uma casa*, eu acho, bem simples (Jonas – coveiro).

Já nas empresas privadas, para execução das tarefas os funcionários recebem treinamentos e aulas tanto sobre a parte braçal, quanto acerca da parte psicológica, como falar com as famílias. Todos consideram o treinamento essencial para o desenvolvimento de suas atividades: “Então já tava reservado o hotel, as passagens, o curso pago, só fui lá e depois de uma semana de curso já assumi uma sala de tanatopraxia [...]” (Nelson – tanatopraxista).

A gente tá tendo algumas aulas de como fazer o sepultamento, como fechar a tampa do caixão, como falar com os familiares, *tudo isso a gente tá tendo treinamento, e isso é muito importante pra nós*. Não tem como estar explicando isso (Maria – sepultadora).

Sim, sim, quando eles dão oportunidade, quando tem uma oportunidade, se tu quer passar de função, eles sempre perguntam pros funcionários se alguém tem interesse em aprender uma nova função. *Daí quem se interessa sempre tem um treinamento* (Rosa – cremadora).

Laura, agente funerária, explica que os agentes são também responsáveis pela tanatopraxia dos corpos, mas, no entanto, são os patrões que assinam os documentos. “Por diretores funerários se entende os donos das empresas funerárias, embora esses também sejam agentes junto ao mercado funerário” (SANTOS, 2019, p. 62).

Na região norte é assim: o agente funerário é tudo. Mas a forma correta pela CLT seria ter um técnico em cada funerária ou tanatopraxista, e o agente funerário. O tanatopraxista ele faz um curso de tanatopraxia, reconstituição facial, tanatopraxia avançada, embalsamamento, mas é muito difícil ter aqui, mas tem muitos profissionais que tem esse curso, são muito bons, mas a maioria aqui a gente aprendeu na funerária mesmo, *o outro vai e ensina o que já sabe e a gente vai aprendendo, mas curso mesmo a gente não tem*. Geralmente os patrões que fazem o curso, mas eles não sabem fazer porque eles fizeram muitos anos atrás, e aí eles assinam como o técnico responsável porque precisa assinar, um técnico tanatopraxista, mas somos nós agentes funerários que fazemos. E geralmente os patrões nem sabem mais mexer porque isso foi há anos atrás, daí eles só assinam, e a gente faz (Laura – agente funerária).

Sobre isso, Nascimento *et al.*, 2019 apontam:

Devido às dificuldades que enfrentam diariamente, os agentes funerários têm alto risco de adoecimento e esgotamento físico e mental, por não estarem capacitados e preparados para as diversas situações que podem ocorrer em seu ambiente de trabalho. Dessa forma, estes profissionais constituem uma categoria ocupacional em situação frequente de vulnerabilidade física e psíquica (p. 113).

Não existe qualquer curso realizado nos cemitérios públicos para a realização do trabalho de coveiro e, além disso, ocorrem situações nas quais, pela ausência de material de trabalho adequado, é necessária a improvisação de ferramentas para poder atuar. Já nos cemitérios particulares mencionados, todos os funcionários, ao mudar de cargo ou adentrar em um cargo específico, recebem treinamento da parte operacional e da parte psicológica. No entanto, as mesmas habilidades são requeridas nos dois ambientes, mas não são dadas as mesmas oportunidades para os trabalhadores desses dois contextos diferentes.

É importante destacar a essencialidade do preparo para todos os profissionais envolvidos no cuidado com a morte e o corpo morto. Para atividades físicas, pode ser como “varrer uma casa” ou bastar “segurar a pá e saber furar”, mas o trabalho não exige de seus operários lidarem somente com questões físicas, mas também com questões humanas.

4.1.4 Atividades desempenhadas - “Não tem uma métrica de morte.”

Neste ponto, foram mencionadas as atividades desempenhadas pelos entrevistados em seu dia a dia de trabalho, após questionamento acerca de como é o contato com o corpo morto.

Olha, ser coveiro de uma cidade pequena é muito complicado porque não tem como você fazer o mínimo tipo de planejamento, porque *não tem uma métrica de morte*. Às vezes você consegue passar 30 dias sem fazer sepultamento e às vezes passa uma semana inteira fazendo sepultamento todo santo dia. Então essa rotina é uma rotina dentro do cemitério ruim demais. Tem um tempo que eu tô mais tranquilo aí eu foco mais em ler. Fico lendo. E nos outros momentos que demanda uma certa manutenção, também, você quer deixar o lugar mais cuidadinho, o lugar bem aconchegante, né? Então acaba que a rotina mesmo no dia a dia, ela não tem uma rotina única, ela varia (Valter – coveiro).

O coveiro Silva encaminhou um vídeo no qual entra em uma cova aberta e realiza uma exumação, retirando os restos mortais e colocando-os em um saco preto. Durante o processo, suas únicas palavras, entre uma respiração pesada, foram: “*é isso aqui que a gente vale*. E tem gente que acha que tem o rei na barriga”.

Enterrar os mortos é a relação aparentemente mais íntima com a morte. O sepultamento significa colocar um corpo sem vida debaixo de terra ou cimento, onde ficará sem ar, ou transformá-lo em cinzas, no crematório. Ou seja, o cadáver não tem chance: apodrece, é comido pelos vermes ou vira cinzas (CHIAVENATO, 1998, p. 44).

Álvaro descreve minuciosamente seu trabalho em um cemitério particular:

Ali exatamente porque ele é um cemitério particular, ele é um pouco diferenciado do que é um cemitério municipal, né, além do visual, a forma de trabalho, os túmulos ali é só gaveta. Então para o sepultamento existe uma preparação onde existe um encanamento dentro desses túmulos, tem que abrir primeiro as duas pedras, abre a pedra de mármore e depois a segunda pedra que seria a que faz o selamento do túmulo para não ter cheiro, não vazar líquido, né? Aí a preparação começa assim, abre as duas tampas, aí a gente coloca um plástico e forra em formato de piscina dentro, para todo o necrochorume ficar nesse plástico para ele não escorrer para nenhuma gaveta embaixo ou nenhuma das gavetas laterais. Apesar de que todos eles são muito

bem feitos, mas é já para evitar esse risco. Aí você coloca esse plástico, é jogado cal para ajudar a acelerar o processo de decomposição, porque geralmente em três anos se a família quer mexer ela pode abrir para ver se já tá pronto, se tu consegue colocar nos sacos, no saco aquele de ossuário, ou se você quer tirar digamos da gaveta e fazer cremação de restos mortais porque muitos casos em três anos não tá pronto ainda né? Essa parte bota a cal aí vai um papelão em cima para não ficar aparente a cal (Álvaro – coveiro).

Laura, a agente funerária, comenta sobre o preparo do corpo.

Esse preparo do corpo, a gente lava, dá o banho e coloca a roupa... faz o procedimento da tanatopraxia e dependendo da causa da morte nós fazemos um embalsamamento. [...] Quando a morte é natural o corpo não vai precisar ser aberto e é feita uma pequena incisão, ou na carótida ou na perna, e o banho, alguns procedimentos da tanatopraxia e a gente prepara para o velório. Veste a roupa, dá um banho, coloca as flores e depois faz o sepultamento, cortejo, independente das causas da morte e vai pro cemitério e deixa lá (Laura – agente funerário).

Nelson considera um paradigma contraditório o fato de as pessoas de seu estado ainda terem o costume de velar seus mortos em residências. Acredita que os centros de velórios disponibilizados pela empresa sejam um “conforto” maior. No entanto, “As estratégias mercadológicas dessas empresas subtraem o defunto de sua família mesmo nos casos raros em que esta esteja disposta a tomar por conta própria as providências necessárias” (RODRIGUES, 2006, p. 178).

Hoje a principal atividade que eu exerço é desde recolher o corpo no local seja em residência ou hospital, e até entregar o corpo no local de velório. E tem aquele percurso todo: recolhe o corpo, leva o corpo pra agência funerária, faz a tanatopraxia, faz ornamentação, prepara o veículo o nosso veículo, que é uma Hilux cabine dupla, onde nele colocamos todo o material necessário, os paramentos. Aqui no Ceará as pessoas gostam muito - ainda têm o hábito de velar em residência. *Aos poucos a gente vai quebrando esse paradigma: temos nossos centros de velório e as pessoas estão aderindo aos poucos, vai criando esse conforto.* Então de pôr a urna no carro, levar pro local de velório e até o sepultamento. Eu faço como eu disse, até inumar, inumar é sepultar né, até inumar eu faço isso de pôr o corpo na sua morada eterna. Então faço tudo (Nelson – tanatopraxista).

A justificativa para realização dos velórios nas funerárias é obviamente mercadológica, mas tem severos impactos culturais: “Deseja-se transformar a morte, maquiá-la, sublimá-la, mas não se quer fazê-la desaparecer. Evidentemente, isto seria também o fim do lucro” (ARIÈS, 1977/2017, p. 93). À medida que a sociedade se distancia da morte, retirando-a de suas

residências e de seus cuidados e terceirizando-a, cresce o tabu ao seu redor, aumenta o silenciamento em torno dela.

Na morte descrita por Ariès (1977/2017) como “domada”, as famílias eram responsáveis por cuidar de seus mortos, o que geralmente ocorria no ambiente doméstico, onde a preparação para o funeral e enterro se dava. Na contemporaneidade, a morte é descrita como “selvagem” e há uma ruptura entre a família e o morto, cujo espaço é preenchido pelos profissionais funerários. “A morte próxima e a morte distante da comunidade assumem processos ritualísticos diferentes como nas escolhas de serviços, demandas e ofertas de produtos diferentes nas atividades funerárias” (SANTOS, 2019, p. 34). Ou seja, na atualidade, houve uma profissionalização do cuidado com o corpo morto que dispõe de profissionais e regras.

Eu gosto do que eu faço. E principalmente nessa área de tanatopraxia, que você tem como missão de deixar aquele corpo com o aspecto que ele tinha quando estava vivo, a pessoa que falece de um infarto, por exemplo, ela não fica com a coloração de quando estava viva e a tanatopraxia faz com que essa coloração volte. Porque o objetivo principal da tanatopraxia é retardar, diminuir o tempo de decomposição e até a putrefação, *fazendo com que aquele corpo retorne às características de quando estava vivo*, então quando eu vejo que uma tanatopraxia deu certo, que a gente chega no velório e a pessoa diz “ah, tá tão bonito, ah olha o cabelo dele bem penteado, olha a maquiagem dela, esse batom era o batom que ela gostava”, isso eu me sinto realizado, me sinto feliz, aquele amor mesmo pelo serviço (Nelson – tanatopraxista).

De acordo com Santos (2019, p. 51), “o setor funerário é composto por serviços, objetos e atividades diretamente ligados economicamente a rituais funerários”, cujas estratégias de mercado evidenciam um processo de diversificação de produtos e serviços ofertados para ampliar seu crescimento. Morrer deixou de ser o fim da vida para se tornar o último grande evento social do indivíduo (SANTOS, 2019), o qual é de responsabilidade do mercado. Na fala de Nelson, portanto, fica clara a necessidade profissional e comercial de se fazer com que o corpo retorne às características de quando estava vivo, o que auxilia nos processos de despedida, mas também gera preconceito por ser visto como um comércio.

4.1.5 Visão da sociedade - “É ele quem vai enterrar o padre, o juiz, o promotor.”

Câmara (2011) ressalta que esta sociedade que procura camuflar e até esconder a morte, necessita de profissionais que amenizem as feições daquela que não deveria se fazer presente, que deveria ser silenciada. Porém, é intrigante observar que esta mesma sociedade apresenta

grandes dificuldades para valorizar tais profissionais como importantes (FLORES; MOURA, 2018, p. 332).

Ao serem perguntados sobre como acham que a sociedade vê seus trabalhos, todos os entrevistados mencionaram um rebaixamento social diante de suas atividades, seja por desconhecimento das funções executadas, ou por preconceito:

A gente sabe o tanto que é precarizada a profissão do coveiro. Isso daí historicamente, ela sempre foi tratada de uma maneira onde as camadas dos estratos mais baixos da sociedade é que desenvolviam essa função (Valter – coveiro).

Dizem que é emprego pra quem não tem estudo. Isso me dá muita raiva, pois estou aqui justamente por uma aprovação num Concurso Público difícilíssimo. Foram 62 inscritos pra 4 vagas. O exame intelectual foi composto de português, matemática e informática (Silva – coveiro).

Com determinado preconceito, viu... porque é apenas o coveiro, é apenas aquela pessoa que enterra os outros, mas por uma parte se torna a autoridade máxima da cidade, porque é ele que vai enterrar desde o padre, ao juiz ao promotor... tudinho (Jonas – coveiro).

Embora considere que sua profissão é valorizada pela sociedade, Álvaro acredita que provoca medo nas pessoas: “Eu acho que eles valorizam, eu não acho que seja uma profissão desvalorizada pela sociedade em si, é uma profissão temida né? Uma profissão que gera medo nas pessoas, gera receio nas pessoas” (Álvaro – coveiro). Tal medo pode ter origem no fato de que a morte é o grande equalizador, e os operários da morte cuidam e enterram dos mais pobres aos mais ricos, sem distinção.

Álvaro comentou bastante a respeito de como a sociedade vê seu trabalho e outros considerados “sujos”. Acredita que a falta de convívio com pessoas que trabalham no meio funerário gera uma “balbúrdia de pensamento” sobre a profissão. Além disso, relatou casos de pessoas com profissões “sujas”, como gari e empregada doméstica, que fazem faculdade ou falam outras línguas:

Esses dias eu tava vendo uma matéria de uma moça que ela é gari e que ela cursa faculdade não sei o quê não sei o quê sabe? E daí exatamente o fato de as pessoas olhar só a profissão olhar por cima ou só saber o nome da profissão da pessoa e daí ela tira todos os seus julgamentos, suas conclusões, tudo dentro da sua própria cabeça. E não é diferente com trabalhar nisso né? Assim como também tava vendo, faz pouco, era uma menina que era doméstica sabe? E ela fala uma ou duas línguas e daí ela, sabe, uma pessoa bem cabeça assim, inteligentíssima falando sobre política tudo... (Álvaro – coveiro).

Ele complementou dizendo que as pessoas com profissões “mais bem sucedidas” desqualificam a opinião e as vivências das pessoas com profissões “sujas”, unicamente por causa da estratificação das profissões:

Só que ela falou uma coisa que eu achei muito interessante que as pessoas quando elas têm uma profissão mais como posso dizer mais bem-sucedida digamos assim para sociedade, *elas já automaticamente bem dizer desqualificam a tua opinião, a tua vivência, a tua experiência sobre vida ou sobre qualquer outro assunto que você se inteirou na vida*. Pelo fato da sua da tua profissão do que tu está realizando, então isso acontece muito (Álvaro – coveiro).

É preciso ressaltar, no entanto, que três dos oito entrevistados possuem graduação em nível superior, três possuem nível médio completo e apenas dois possuem nível fundamental incompleto. Sobre a visão preconceituosa da sociedade, Flores e Moura (2018) explicam:

Essa visão social, muitas vezes, coloca esse trabalhador em uma posição de marginalização perante a sociedade, exigindo-lhes grandiosos esforços para desconstruírem esses tabus e, finalmente, receberem devido reconhecimento social pelo seu trabalho, o que é muito importante e necessário à saúde mental (p. 332).

Tal como foi levantado no subtópico 4.1.2 (“Tornar-se o que se é”), alguns dos entrevistados buscaram efetivamente o trabalho com a morte, como é o caso dos coveiros Silva e Valter, ambos com ensino superior, do coveiro Jonas e do tanatopraxista Nelson, com nível médio. Aos demais, em situação de desemprego ou início de um novo trabalho, surgiu a oportunidade de trabalhar em suas ocupações atuais, como no caso do coveiro Álvaro (ensino médio), que estava sem emprego, assim como Laura, que estava cursando nível superior enquanto procurava trabalho, e das então agentes de limpeza que viraram sepultadoras, Rosa e Maria (ensino fundamental incompleto).

Da mesma forma que Maria busca a importância em seu título de sepultadora, também demonstra isso na escolha dos termos relativos ao trabalho. Ela não “enterra”, ela “faz sepultamentos”. A distinção também abarca conceitos de gênero: o homem enterra, a mulher é sepultadora:

Tem uns que falam que é legal, tem uns que não são preconceituosos, outros são. Dizem “ah você é mulher e enterra pessoas”, *eu digo “não é enterra, eu vou fazer um sepultamento*, isso não deixa de ser um trabalho, e eu gosto muito do meu trabalho”; “nossa, mas como tu gosta do teu trabalho?”, eu não dou

bola, na hora que eles falam eu acho engraçado, porque tem sim, a metade da sociedade tem preconceito com o trabalho, *porque pra eles verem um homem enterrando é normal, mas ver mulher sepultadora é esquisito* (Maria – sepultadora).

A cremadora Rosa busca igualar seu serviço a outros trabalhos. No entanto, reconhece que seu ofício exige coragem:

Na minha opinião eles ficam meio assim, porque às vezes vem visita, alguém começa a trabalhar novo, ou até numa loja eles perguntam “qual é a tua profissão?” Eu respondo: “cremadora”. Eles olham e “hã?!” “Tu é cremadora?” Eu digo: “sim”. “Tu crema as pessoas?” Eu digo: “sim”. “Tu tem coragem?” Eu digo: “sim”. “Ai meu Deus” Eu digo “não!”. *É um trabalho igual quase, quase igual a todo trabalho* (Rosa – cremadora).

Para o tanatopraxista Nelson, a curiosidade chega a ser nociva:

A minha profissão de tanatopraxista aos leigos existe preconceito... *Existe preconceito, existe uma cisma, um pavor, a gente nota isso. Existe sim preconceito, existe um tabu muito grande, existe sim uma curiosidade que chega a ser nociva, que pode ferir a nossa ética. Existe o apontar em que você tá passando em determinado local as pessoas apontam pra você, principalmente na parte de andar com o veículo da empresa, aquele veículo enorme com o nome FUNERÁRIA, então as pessoas até repreendem, tem medo do carro, sobe nas calçadas, viram a cara... os leigos. Agora quem já conhece mais ou menos o trabalho não tem nenhum preconceito não* (Nelson – tanatopraxista).

Para Laura, o que incomoda é a ideia de que as pessoas que exercem sua profissão não têm sentimentos, que são frias. Sobre isso, Flores e Moura (2018) afirmam: “[...] os agentes funerários são trabalhadores que lidam com efeitos das distorções sociais que são produzidas sobre seu ofício, carregando grandes estigmas e mitos em relação ao seu objeto de trabalho: o corpo morto” (p. 332).

Já tem esse tabu com a gente, esse preconceito que a gente não tem sentimento, que a gente é frio. [...] E algumas pessoas também que não são meus amigos e tem aquele tabu, esse medo, preconceito, tem medo de chegar perto da gente, então aquele preconceito que a gente é frio, que a gente não tem sentimento, que a gente não sente nada (Laura – agente funerária).

Tipo quando vamos supor, a gente pergunta da criança “minha filha o que você quer ser quando crescer?”, “Ah, mamãe eu quero ser médica” e ninguém vai falar “mamãe eu quero ser agente funerária” entendeu? Então nossa profissão não é enxergada na verdade. Nossa profissão é uma necessidade de quando a morte chega para tu, tu vai procurar uma funerária para tu fazer os

procedimentos burocráticos para enterrar o teu ente querido (Laura – agente funerária).

4.1.6 As mulheres e a morte - “Com o passar do tempo, as mulheres estão progredindo, tão mostrando que são capazes de fazer serviço de homem.”

A vasta literatura existente sobre questões de gênero e ocupações levanta um consenso de que há uma inserção desigual entre os gêneros no mercado de trabalho. Isso fica claro, também, a partir dos estudos sobre o trabalho com a morte lidos e referenciados nesta pesquisa, nos quais a maioria, se não todos, os entrevistados, são do sexo masculino. Para a realização do presente estudo, foi feita uma escolha consciente de buscar e entrevistar também mulheres exercendo esses papéis, possibilitando a compreensão de sua inserção e permanência no serviço funerário.

Ainda hoje há uma clara divisão de tarefas que se dá baseada, exclusivamente, na diferença sexual, na afirmativa de que há, biologicamente, uma adequação para determinadas ocupações, conforme elucida Daniel (2011, p. 324): "Esta divisão baseia-se na concepção de que a diferença biológica dos sexos masculino e feminino representaria também uma diferença de qualidades, habilidades e características que homens e mulheres carregariam naturalmente em seus corpos".

Um pouco difícil. Porque os meninos são muitos preconceituosos, que mulher não pode fazer isso, aquilo, porque um tempo, o que acontecia no trabalho: eu só ajudava a colocar o caixão dentro da gaveta, fechar a pedra, só isso, e o rejunte. Só que um tempo atrás eles passaram a não deixar mais, não sei porque. Preconceito na verdade. Porque eles acham que mulher não pode fazer nada, desse tipo de trabalho e outros trabalhos. Eles acham que uma mulher não pode pegar um martelo. Isso já deveria ter acabado há muito tempo. Um tempo, quando depois que teve uma reunião, aí eu disse “quer saber, eu vou mostrar pra eles que mulher pode qualquer coisa”. Então eu vou começar a abrir gaveta e mostrar pra eles como uma mulher trabalha (Maria - sepultadora).

Em outro trecho da entrevista de Maria, percebeu-se que ela busca trabalhar mais do que os próprios homens para se provar merecedora de também estar naquele espaço. "No cotidiano do espaço profissional, as mulheres estão sujeitas a comentários que sutilmente marcam as diferenças entre homens e mulheres, lembrando-as constantemente que elas não são como eles" (DANIEL, 2011, p. 336).

Eu não tô falando que o trabalho deles não é bom, só que eles botam as mulheres pra baixo e eu mostrei que não é assim que funciona. Tanto que quando tava no intervalo deles, botavam uma gaveta lá no grupo do trabalho, eu já ia lá abrir, pegava as ferramentas e ia lá abrir. “Gaveta pronta pra sepultamento!”. Não é assim, nós somos uma equipe e temos que trabalhar juntos, não é só porque é homem que vai lá e pode abrir uma gaveta, eu consigo com uma pedra, eu consigo abrir uma gaveta, não é um serviço pesado, é uma coisa que a gente tem que mostrar que tem potência pra fazer, tem coragem, tem força, tem disposição e nós podemos fazer. Eles eram muito, é um pouco difícil trabalhar com homem, porque eles acham que só eles podem e a gente não. Eu gosto de trabalhar nesse ramo, mas é um pouco complicado com o machismo. Mas eu vou e faço a minha parte (Maria - sepultadora).

A divisão do trabalho a partir de questões de gênero se dá por conta da natureza dos corpos, em relação à qual se acredita haver uma aptidão para trabalhos exclusivamente "masculinos" ou "femininos" e, conseqüentemente, atribui-se maior valor e reconhecimento social às atividades desenvolvidas por homens (SANTOS, 2014). Notou-se a necessidade dos entrevistados de fazer esta divisão entre trabalho de “homem” e trabalho de “mulher”: para os homens se destinariam os trabalhos que exigem atributos físicos, e para as mulheres, os trabalhos de cuidados.

A partir das últimas décadas do século XX, no entanto, tal cenário passou a se modificar e as mulheres começaram a ocupar profissões que eram majoritariamente masculinas, como medicina ou engenharia (BRUSCHINI, 2007). Santos afirma:

Nas últimas décadas do século XX ocorreram importantes transformações culturais e sociais que contribuíram de forma significativa para uma maior abertura do campo profissional às mulheres, sobretudo no contexto de profissões tradicionais como engenharia, medicina, arquitetura e direito, levando à maior inserção feminina nesses campos de trabalho (SANTOS, 2014, p. 35).

Segundo Santos (2014), a maior participação da mulher no mercado de trabalho nas últimas décadas se deve ao aumento da escolarização em relação aos homens, à expansão econômica e às próprias conquistas referentes à mudanças no papel social da mulher. No entanto, em algumas ocupações, como no serviço funerário, é possível notar que a inserção das mulheres se dá de forma lenta: "mais homens ocupam postos femininos, porém o mesmo não acontece com as mulheres: elas não são absolvidas nas profissões masculinas como os homens são nas femininas", afirma Daniel (2011, p. 333).

Eu faço meu serviço com muito orgulho... se eu tenho que aprender a fazer outra coisa eu vou aprender a fazer, e eu penso assim, a sociedade eles ficam

meio surpresos, com o passar do tempo as mulheres tão progredindo, tão mostrando que são capazes de fazer serviço de homem (Rosa – cremadora).

Vale relembrar os itinerários de cada uma das entrevistadas para inserção no serviço funerário. Laura, agente funerária, apesar de estar cursando nível superior em psicologia ao começar a trabalhar como agente, estava desempregada e sua mãe viu um anúncio de emprego na funerária. Tanto Rosa, quanto Maria foram contratadas para fazer parte da equipe da limpeza, mas foi oferecido a elas que fizessem parte da equipe de sepultadores, o que elas aceitaram. No entanto, o trabalho de sepultadora das entrevistadas nesta pesquisa se dá em um cemitério vertical, onde não há a necessidade de abertura de covas no chão, sendo um trabalho menos “braçal”, o que leva a considerar que pode haver funções dentro do serviço funerário que podem ser fisicamente pesadas para serem desempenhadas dependendo do porte físico do trabalhador.

Quando eles chegam e *veem eu*, com 1,54m, uma mulher, eles ficam olhando assim sabe, com aquela cara... porque eu vejo ainda em algumas pessoas, muito preconceito, que uma mulher não pode fazer serviço de um homem (Rosa – cremadora).

Sim, sim, é um ramo masculino. Então eu aceitei pra mostrar, também porque eu queria ter oportunidade de aprender mais e que eu sou capaz disso, e pra mostrar também que não é só homem que pode fazer esse serviço, que a mulher também tem a força que um homem pode ter também. E se facilitar eu acho que mulher tem bem mais força que homem. E eu me sinto honrada de ser cremadora, e se tiver mais alguns obstáculos da vida eu sempre vou estar à disposição pra passar, pra sempre mostrar que mulher tem capacidade de muitas coisas ainda (Rosa – cremadora).

Tanto homens, quanto mulheres precisam aprender a ressignificar espaços quando elas adentram um ambiente tipicamente reconhecido por ser majoritariamente masculino: "quando as mulheres entram em profissões em que elas são minoria, os homens elaboram formas de conviver com a presença feminina que antes não faziam parte do seu cotidiano de trabalho" (DANIEL, 2011, p. 338); um bom exemplo é a fala de Laura, na qual ela diz: “Um ambiente muito machista, bastante. Mas assim como tem muitos homens machistas, tem muitos homens que te apoiam, parceria”. As falas das entrevistadas apontam para uma identificação positiva com o trabalho e para a não aceitação das diferenças no trabalho como atributos masculinos e femininos.

A entrada de mulheres em profissões, cargos e espaços de trabalho, que anteriormente eram ocupados apenas por homens, abre a possibilidade para que os indivíduos envolvidos se questionem sobre a validade de um modelo

de divisão sexual do trabalho calcado em habilidades ditas naturais (DANIEL, 2011, p. 334).

Laura, em outro momento de sua fala, agradece por participar da pesquisa e diz acreditar ser importante a voz da mulher que trabalha em sua profissão ser ouvida:

É muito importante para mim essa pesquisa, não só pensando em mim né, mas pensando de como a classe é desvalorizada e de como é importante a voz da mulher dentro dessa profissão que é totalmente masculina, então foi muito gratificante para mim participar (Laura – agente funerária).

4.1.7 A Pandemia de Covid-19 – “Triplicou a quantidade de enterros diários.”

Diante da pergunta: “*O seu trabalho mudou depois da pandemia de Covid-19? Como?*”, todos foram unânimes em dizer que a prática laboral sofreu modificações:

Demais, porque agora a gente não permite mais velórios com duração maior que duas horas, não permite que se aglomerem mais que cinco pessoas dentro do velório, a entrada, o acesso ao cemitério só pode ser feito usando máscara, e a gente também enquanto funcionário tá no protocolo de uso de EPI muito mais rigoroso do que antes da pandemia. Mas são cuidados que a gente acha - que a gente não - que eu acho extremamente importante de se fazer, porque não tem outra maneira né enquanto a gente não achar uma vacina aí que realmente nos livre aí do coronavírus, *o negócio é fazer essas questões mesmo mais duras, mais rigorosas de controle* (Valter – coveiro).

Mudou muito, veja só: a gente não tem mais a frequência do pessoal que vai lá, teve dias que a gente não podia entrar, a renda caiu muito... que a gente ganhava, caiu muito. E mudou, mudou, mudou, cada sepultamento só pode ir 10 pessoas, tá tudo voltando agora mesmo, esses dias teve um sepultamento que eu fui e graças a deus entrou todo mundo, mas os outros são 10 pessoas... quando é Covid não vai ninguém, e *isso eu acho terrível você ser sepultado sem a presença dos seus familiares... que dor horrível... é complicadíssimo* (Jonas – coveiro).

O desespero de ver uma mãe indo sepultar seu filho sem direito de ver... de um ser humano vir em dois sacos, colocado num caixão lacrado e sem a família nem poder ver, conferir se verdadeiramente é o corpo dele... tem tudo isso, isso mexe muito com o psicológico das pessoas atualmente. Por isso a gente vê que hoje tá em massa os casos de depressão e suicídios, essas coisas, devido a isso, porque a gente fica pensando mesmo e fazendo loucuras (Jonas – coveiro).

O cenário pandêmico interrompeu as experiências usuais de luto e sequestrou etapas importantes para o processo de construção de sentido e de aceitação da perda. O luto por Covid-19 é um luto diferente porque as famílias são separadas de seus entes queridos, e isso

impossibilita a despedida. Os rituais de despedida na morte e no luto (velórios, enterros e práticas religiosas e culturais) são organizadores em um momento de total desorganização: possibilitam o contato com a realidade da perda, favorecem assimilação no processo de compreensão da morte e permitem que o sofrimento e o desamparo sejam compartilhados e acolhidos entre aqueles que o sentem.

Uma vez que os rituais tornam-se impossibilitados de serem realizados devido ao cenário pandêmico, é como se o reconhecimento pessoal e social da dor da perda fosse impedido. Os enlutados não vivenciam o senso de realidade e concretude da morte e o luto se torna muito desprotegido, devido à falta da rede de suporte aos familiares, a qual é impedida de atuar por questões de quarentena e distanciamento social.

Sim, em relação à pandemia, tipo *a gente tem todo um processo diferente. É feita a cremação só a noite, porque a gente queima o caixão todo, ele vem lacrado, e a gente faz a cremação só a noite. É diferente da cremação durante o dia, porque a gente queima sem tampa, sem as alças, e a noite do jeito que ele chega pra nós, é imediato, é feita a cremação no mesmo dia* (Rosa – cremadora).

Geralmente se for Covid-19, a gente vai direto no hospital fazer remoção e vai direto para o cemitério, não se tem contato com o corpo, só na hora da remoção com os devidos cuidados, as roupas de EPI. [...] A gente faz a conservação do corpo quando não é Covid-19, prepara para velório, que tá um pouquinho diferente agora devido ao atual momento que estamos... *só duas horinhas de velório, e aí a gente deixa na capela, não pode velar em residência hoje devido à pandemia. Então faz duas horinhas de velório aqui se não for para Covid-19 e a gente faz o sepultamento* (Laura – agente funerária).

Apesar do que consta na cartilha emitida pelo Ministério da Saúde, a qual foi mencionada no capítulo 2 (Referencial Teórico), há algumas diferenças na forma de trabalho mencionada pelos entrevistados, como em relação à quantidade de pessoas permitidas e ao tempo de velório, por se tratarem de recomendação, e não normativas. No entanto, é compreensível que o trato do corpo não seja realizado de forma homogênea entre os entrevistados, ainda mais considerando as particularidades de cada região do país e das diferenciações entre os espaços público e privado.

Os entrevistados não mencionaram sobre o imenso aumento de trabalho que ocorreu em alguns serviços funerários do país, tendo focado em explicar como a experiência de trabalho se modificou e, principalmente, a falta das famílias enlutadas, que parece desprover o trabalho de significado para alguns deles.

4.1.8 Perspectivas em relação ao trabalho - “Não me vejo mais fazendo outra coisa.”

O estudo de Iraha, Silva e Paula (2017) sugeriu a realização de pesquisas futuras sobre o porquê da escolha e da permanência na profissão, devido a uma dificuldade encontrada de aprofundar a questão com os seus entrevistados. Perguntou-se, então, aos colaboradores da presente pesquisa se esses pretendiam continuar a trabalhar nos serviços funerários.

Apenas um dos entrevistados pretende sair do ramo funerário. O coveiro Silva, que entrou no cargo através de concurso público, tem interesse em fazer novos concursos para o cargo de agente penitenciário: “Só tem outro cargo público que me interessa: ASP – Agente de Segurança Penitenciária”. Já Valter, que também virou coveiro através de concurso público, concorreu à prefeitura de sua cidade, tendo ficado em segundo lugar, com 32,5% dos votos. Como não foi eleito, retornou ao trabalho nos cemitérios nos quais atuava. Ao procurá-lo novamente para saber como haviam sido as eleições e, conseqüentemente, o retorno ao trabalho, Valter relatou:

Quando acabou a eleição, e eu acabei ficando em segundo lugar, eu ia seguir pra continuar trabalhando com a política de uma maneira mais direta, em um emprego político, apesar da política a gente poder fazer ela em todo lugar, inclusive aqui, no cemitério. E justamente por isso que eu decidi seguir, primeiro porque eu posso continuar fazendo política aqui. O cemitério me impulsiona a ter essa experiência que eu passei; continuar na minha cidade, continuar perto dos meus familiares, e continuar desenvolvendo esse trabalho que já desenvolvo há 4 anos, seguindo firme. (Valter – coveiro).

O coveiro Jonas, que há 20 anos exerce seu ofício, não pretende fazer outra atividade:

Jonas (coveiro): pretendo continuar, se Deus quiser, quero ser efetivo, futuramente. E jamais, se for pra sair, que eu volte de vez pra lá pro trabalho mesmo, como participante, porque eu gosto demais do trabalho lá, é ótimo.
 Pesquisadora: como assim “participante”?
 Jonas (coveiro): se for pra eu sair de lá, que eu morra, que eu já vou direto pra ficar eternamente, entendeu? *Como participante do cemitério, como um morador, habitante local.*

Apesar dos relatos que demonstram o quanto as profissões do ramo funerário são vítimas de preconceito da sociedade, apenas um dos participantes pretende trocar de ramo, que é Silva, que pretende uma carreira como agente penitenciário. Ao serem perguntados se pretendem continuar nos serviços funerários, essas foram suas respostas: “Sim, sim. Continuo. Se algum

dia eu sair daqui eu vou procurar um outro serviço, acho que me adapto melhor em serviços funerários. Eu gosto do que eu faço.” (Rosa – cremadora).

Sim, sim, com certeza. Pretendo sim, enquanto meu corpo permitir que eu execute e enquanto a empresa permitir que eu faça parte dela e necessitar dos meus serviços, pretendo sim. Hoje eu não me vejo mais fazendo outra coisa (Nelson – tanatopraxista).

Pretendo continuar no ramo funerário, mas não como agente, eu quero ser a dona, agora. Pensando um pouco mais alto agora. Meu objetivo de vida é montar minha funerária, ser a dona da minha própria funerária, porque tem poucas mulheres como donas, que toma gestão né, são poucas. E ajudar, juntar, usar os conhecimentos que eu tenho de formação em psicologia e agregar minha funerária para fazer uma acolhida diferente às famílias enlutadas e dominar o mercado. Aí quem sabe que uma rede de funerárias né? (Laura – agente funerária).

Nota-se que, apesar do preconceito vivenciado pelos trabalhadores, optar pela permanência em seus ofícios denota a existência de outros ganhos que justificam essa escolha, os quais, no entanto, não ficaram claros no decorrer das entrevistas. Foi possível verificar que alguns entrevistados não só desejam permanecer no segmento, como sonham alto em relação aos possíveis ganhos materiais e imateriais das profissões relacionadas a ele. Será uma nova realidade dos ofícios do necrossistema?

4.2 A MORTE DE SI

4.2.1 O conceito de morte - “Gosto de pensar que a morte é a cereja do bolo.”

Cientes de que a morte é representada de diferentes formas para cada sujeito, insistiu-se em descobrir o que ela significava para os entrevistados. Chiavenato elucida que “a pergunta “o que é a morte?” tem múltiplas respostas e nenhuma delas conclusiva, pois a questão transcende os aspectos naturais ou materialistas” (CHIAVENATO, 1998, p. 109). Foram inseridas aqui, portanto, todas as respostas oferecidas à pergunta “*O que é a morte?*”, considerando as especificidades de cada entrevistado e sua relação com a temática.

Existem dois grandes entendimentos sobre a morte: a de que ela é o fim da vida e a de que ela é uma passagem. Para coveiros como Silva, a morte tem uma definição clara e certa: “O fim dum ciclo natural: início, meio e fim. Ou seja, o indivíduo nasce, cresce e morre”. Já para outros, defini-la é um ato de ousadia:

Eu não ousaria dar uma definição específica para morte não. [...] Mas é engraçado porque eu queria dizer o que não é a morte: *a morte não é o fim. Definitivamente. Definitivamente.* Fim, como um todo, como as pessoas colocam a morte como um fim... não. Dá para perceber que, na verdade, ela provoca muito mais outros recomeços e outras novas vidas (Valter – coveiro).

É que todo mundo leva a morte como algo tão estranho, tão sei lá... tão difícil, mas a morte em si é algo natural é algo... tão natural como respirar. Você tá entendendo? *A morte é a certeza mais plena e mais bela que temos da vida...* a morte é a junção de tudo o que nos traz para essa vida, termina com a morte e começa com a morte. Eu, por ser católico, eu acredito que a morte nos abre um novo caminho, nos abre uma nova vida e, para nós católicos, a vida eterna. Isso, a morte - como diz uma santa católica, é o começo de uma nova vida (Jonas – coveiro).

É... é quando... acho que tu já fez tudo o que tu tinha que fazer aqui na terra... quando tu nasce, *acho que tu já nasce com um propósito na tua vida.* E com o passar do tempo, a gente sabe que um dia a gente vai morrer, só que a gente não sabe quando, que horas, que momento. Mas acho que no momento que Deus quiser levar a gente, a gente vai tá pronta. Eu sei que a maioria vai dizer “ah, por que que Deus fez isso?”, mas acho que quando tu nasce, já nasce com aquele propósito. É que nem uma árvore, tu nasce, cresce, tu dá frutos e depois tu morre. Eu sempre penso assim (Rosa – Cremadora).

Para alguns, a morte é uma certeza, o término de um processo biológico que dá início a outro processo, no além-vida; a transformação de uma vida em outra. Seu significado passa por questões culturais, externas aos indivíduos, mas à medida que é internalizado, adquire um sentido singular, mediado pelas experiências do indivíduo e pelas construções sociais. Segundo Elias (2001) “o medo da transitoriedade é amenizado com a ajuda de uma fantasia coletiva de vida eterna em outro lugar” (p. 44).

Basicamente eu gosto de pensar que a morte é a cereja do bolo entendeu? A vida, a caminhada que a gente fez, tudo foi a confecção dele todo. A morte ela encerra ali com chave de ouro né? As pessoas têm suas crenças, né? Cada um acredita que vai para certo lugar ou coisa do tipo, e eu para mim eu penso que seria o *Gran Finale* né? Já pensou que chato que ia ser a vida sem a morte. Porque, meu Deus, viver 30 anos já foi difícil imagina mais do que cem anos né? Porque, querendo ou não, a morte para pessoa que foi... é se apaziguar né? Se apaziguar a dor se apaziguar sofrimento... as coisas que tinha entendeu, que sentia, se a pessoa tava sofrendo sabe? Então ela não é algo ruim para pessoa que morre a meu ver, eu penso assim, muito estranho, né? *A morte é ruim para quem fica né, para quem vai acho que não é.* A maioria das pessoas ficam comentando e falando sobre ter medo de morrer afogado ou queimado, só que eu acho que a morte ela é tão rápida assim que por mais que tenha dor ou alguma coisa é uma fração tão rápida que tu nem... tu acaba nem tendo aquilo em consciência como sofrer depois, porque depois tu já tá morto né? (Álvaro – coveiro).

A morte pra mim é o começo. É apenas uma passagem, filosoficamente falando. *Financeiramente falando é meu ganha-pão.* E, materialmente

falando, é o que faz a nossa empresa se movimentar. A morte é o meu sustento, minha paixão, *sou apaixonado pela vida, mas vivo da morte*. Interessante. A morte é o momento que me faz refletir, que me faz repensar, mudar de atitudes quando necessito, a morte pra mim é tema de discussão, de enriquecimento, ela amplia os conhecimentos, porque é uma arte. A arte de lidar com o corpo pós-morte, ela enriquece muito o seu raciocínio, sua maneira lógica de conviver, de trabalhar (Nelson – tanatopraxista).

Morte para mim é um processo natural da vida que todos nós vamos passar, só que certas vezes ela vem antes do ciclo natural. Esse ciclo ele é de certa forma desrespeitado, vamos supor, o cara entra na tua casa e dá um tiro na tua cabeça para roubar. Isso aí para mim o ciclo natural da vida ele foi interrompido. *Então morte para mim é um processo natural da vida em que todos nós vamos passar e que a sociedade tem um medo do desconhecido*. Porque tudo que a gente não conhece a gente tem medo, e mesmo que a gente saiba que são processos naturais, a gente nunca espera por ela, né? Porque nós não sabemos o que vai acontecer amanhã. Amanhã eu posso sair na rua e um carro passar por cima de mim, então a gente nunca espera. O que a gente não espera e o que é desconhecido nós temos medo (Laura – agente funerária).

Ao falar sobre o tabu da morte, Chiavenato (1998) afirma que, ao nos afastarmos do morto por comodismo, deixamos de discutir sobre a morte. Então, resta aos profissionais funerários, em sua proximidade com os mortos e a morte, serem confrontados com as questões relacionadas à finitude.

4.2.2 Significações - “Hoje encaro como algo bem natural.”

Segundo Elias (2001), há várias maneiras de lidar com o fato de que todas as vidas têm um fim. Pode-se mitologizar através de uma ideia de outra vida no além; pode-se evitar a ideia da morte, afastando-a; e pode-se também encarar a morte como um fato de nossa existência, ajustando nossas vidas à sua duração limitada. Nesta categoria, portanto, buscou-se identificar qual a relação que os entrevistados têm com a morte e se ela sofreu modificações de acordo com o tempo e o ajustamento ao serviço no ramo funerário.

Eu vou além para responder essa pergunta, viu, a pessoa pode até dizer que realmente a situação de trabalhar com a morte é tranquila para ela, tudo bem, mas ela dizer que não muda a vida dela, isso é impossível. Eu acho que qualquer pessoa que trabalhe em cemitério, trabalhe numa funerária em si ou talvez até no IML, *é impossível ela não mudar a concepção que tenha sobre a morte depois de começar a trabalhar diretamente com a morte*. Porque acho que é uma experiência muito particular de cada um, óbvio que há elementos em comum né, mas as mudanças e como que isso impacta em cada um, é algo que realmente acontece. É impossível fugir disso (Valter – coveiro).

Quando eu era criança eu tinha muito medo. Se eu soubesse que uma pessoa tivesse morrido a léguas, a quilômetros de onde eu morava, eu não deixava ninguém na minha casa dormir – chorava, esperneava, tinha medo, acreditava muito no que passava nos filmes. Que o espírito da pessoa vinha puxar meu pé, que tinha alma, que tinha que rezar pra essa alma e tal. Então tinha esse medo, até cheiro de vela me assustava. *Mas aí esse medo foi me despertando curiosidade, depois foi despertando amor pela coisa* (Nelson – tanatopraxista).

Sou uma pessoa que todo dia aprende algo novo e *depois que eu me tornei agente funerária eu consigo ver a vida de outra forma*: como a morte é um processo natural, eu acredito que a gente tem que viver intensamente todos os dias, não só pensar no amanhã porque ninguém sabe de amanhã, o amanhã é incerto, então a gente não pode viver somente para o futuro, a gente tem que viver o agora; até porque *eu lido com morte todos os dias e a gente tá aqui agora, daqui a pouco pode não estar mais*. Eu vejo gente morrer o tempo todo. Eu olho para um corpo hoje... essa pessoa que tá aí, quem sabe daqui a pouco não sou eu? Então eu penso que eu estou em transformação o tempo todo, penso que eu tenho que viver o hoje, o agora; sim, temos que pensar no futuro sim, mas também temos que viver o hoje, o agora, o durante, intensamente, porque eu posso, daqui num suspiro, eu posso não mais estar (Laura – agente funerária).

A morte tem uma íntima ligação com a vida. Então não é somente a concepção de morte que parece ter mudado para os entrevistados, mas a própria relação com a vida. Valter afirma que tal confronto diante do exercício do trabalho é tão forte, que é impossível não ser tocado e questionar suas concepções sobre morte. Nelson revela que o medo se tornou curiosidade e depois amor. Já Laura cita uma busca por viver a vida intensamente, indicando como é possível morrermos a qualquer momento, lembrando a clássica frase em latim: *“Morte nihil certius est, nihil vero incerta quam ejus hora”* (a hora é incerta, mas a morte é certa), sobre sabermos da inevitabilidade da morte, mas, ao mesmo tempo, não sabermos quando ela irá nos atingir, tornando, assim, cada momento de vida precioso.

4.2.3 A morte de si - “Um dia serei eu aqui dentro desse buraco.”

Quase todos os entrevistados afirmaram já ter pensado sobre a própria morte. A maioria deles, inclusive, possui algum tipo de plano funerário ou recomendação passada a familiares sobre como gostariam que fossem realizados seu velório e sepultamento. No entanto, nem sempre foi assim para alguns deles: “Eu não tinha relação, a relação de negação igual àquela ‘nunca vai acontecer comigo’, mesmo sabendo que *vai* acontecer. Isso que é mais surreal ainda.” (Valter – coveiro).

Jonas (coveiro): *Já preparei tudo... funerais... tudinho como eu quero. Quero que o meu corpo seja colocado dentro de um caixão sem flores, com minha roupa da ordem que eu pertença. Um dia de alegria, de alegria, seja tocada muita música, muito sorriso pela minha hora. A gente tem toda uma cerimônia, todinha, o caixão seja trazido aberto para que todo mundo possa ver e lá no cemitério peço que quebrem os trincos. E aí você me põe no meu túmulo normal, entendeu? Sem coroas de flores, sem flor nenhuma. Se for possível, as pessoas que querem doar essas coroas de flores convertam em cestas básicas para alimentar algumas famílias.*

Pesquisadora: E por que quebrar os trincos do caixão?

Jonas (coveiro): Vai que eu queira sair, né? [risos]

A morte, cotidianamente presente no ambiente de trabalho, torna-se um constante *memento mori*, lembrando os entrevistados de sua finitude e fazendo com que pensem a respeito, e até mesmo planejem, a própria morte: “Penso nisso toda vez que faço um enterro, acredita? *‘Um dia serei eu aqui dentro desse buraco’*” (Silva – coveiro).

Que vai ser um dia muito gostoso para mim [risos]. Eu até sempre falei para minha mãe, eu acho, coisa do tipo pros parentes, que o dia, se eu soubesse o dia *que eu ia morrer eu acordaria bem feliz e sorridente, sabe?* Que eu acho que eu aproveitaria como melhor pudesse os últimos momentos ali. Eu encaro... Eu não tenho medo da morte assim, bem pelo contrário, digamos assim, já desejei muito, entendeu? Como solução de problema, como algo que eu realmente queria conhecer, sabe? O que eu penso é que eu deixe assim, boas lembranças para as pessoas entendeu? Isso aí eu gosto muito... o problema disso, é que a única questão que eu fico pensativo, é das pessoas que gostam de mim, que me amam e ficam, entendeu? Acho que isso que é a única coisa que mais me incomoda na morte, só que chega um certo ponto que eu fico pensando: porque que alguma coisa vai me incomodar depois da minha morte? Depois que eu morri, morri! Não vai ter essas preocupações, as pessoas que ficaram que vão ter que aprender a conviver com isso e não eu ficar sofrendo e antecipando esse sofrimento de, se eu morrer, como é que as pessoas vão ficar (Álvaro – coveiro).

O que eu penso sobre a minha própria morte... é... eu já tenho meu plano de cremação né, já fiz um plano de cremação, *porque quando eu vir a falecer, eu não vou deixar muitas coisas para os meus familiares se preocuparem.* E quando Deus achar que chegou a minha hora, eu vou ir. Acho que é isso o que eu penso (Rosa – cremadora).

Maria, a única dos entrevistados que afirmou não ter pensado em sua própria morte, diz que apenas Deus para decidir a hora em que deve partir, mas que gostaria de ver seus filhos criados. No entanto, afirmou na entrevista ter feito um plano de cremação para sua mãe, pois “a gente começa a pensar sobre isso”, e depois afirmou estar incluída no plano funerário de cremação da mãe: “*Eu tô incluída também, tô incluída na cremação*”.

Tu acreditas que eu não pensei na minha morte ainda? Um tempo atrás, antes de eu começar no memorial, eu tava bem perdida, sabe, eu andei com depressão e pensava em tirar minha própria vida. Mas, depois que eu comecei no memorial, foi bem importante, eu acordei pra vida, sabe? Eu reclamando da minha vida, mas tem muitas pessoas passando por momentos difíceis e eu pensando em tirar minha própria vida. O que passa pela minha cabeça, eu não sei. Eu penso em ver os meus filhos criados, e talvez, quem sabe, *eu acho que só Deus para decidir a hora da nossa morte* (Maria – sepultadora).

Laura, agente funerária, paga seu próprio plano funerário para “não dar trabalho pra ninguém”:

Que ela pode demorar bastante pra vir me visitar. Não quero ser assassinada, nem atropelada, quero morrer de “morte morrida”, morte natural. Nada de morte violenta, nem afogada nem queimada, nada desse tipo. No meu velório não quero vestir roupa, quero ser enrolada num lençol branco, e ser coberta de rosas vermelhas, só vermelhas, meu cabelo solto, e quero ser maquiada, com uma maquiagem bem natural como se eu tivesse dormindo. Eu vou deixar tudo pago, eu pago meu plano funerário, porque às vezes pega a gente desprevenido e não quero dar trabalho pra ninguém, pra ninguém ter preocupação de não ter dinheiro pra me enterrar. Meu caixão eu quero branco, e só um velório de uma ou duas horas, não quero que ninguém fique sofrendo, pra todos se despedirem e já me sepultar. E quero que no meu velório eles toquem uma canção, uma música clássica no violino pra mim. Na minha lápide quero escrito assim: “a minha morte foi apenas uma passagem, ainda vivo em cada um de vocês, estou apenas do outro lado da vida” (Laura – agente funerária).

A expressão “não dar trabalho” refere-se às questões financeiras e burocráticas do lidar com a morte. O processo de enterrar um ente falecido não é barato e muitas famílias recorrem a pedidos financeiros entre si para arcar com os custos do enterramento²². “A procura pelo setor funerário inicia-se após a percepção da morte e a necessidade de preparação para esse momento, não apenas em caráter individual, mas por questões familiares.” (SANTOS, 2019, p. 54). Os altos custos são também um dos motivos pelos quais a cremação ainda é uma opção não muito procurada entre as famílias de menor renda: “o valor da cremação ainda é um indicativo da não aquisição desse serviço, tendo em vista que o enterro do corpo possui um valor muito menor” (SANTOS, 2019, p. 55). É interessante pensar nos altos custos funerários comparados aos rendimentos dos profissionais (vide Quadro 1), os quais ganham pouco para desenvolver seus serviços, muitas vezes precisando complementar a renda e, inclusive, considerar serviços de menor custo, como enterro ao invés de cremação, por não poderem arcar com tais custos.

²² “A organização dos cemitérios públicos e a concessão de auxílio funerário a indivíduos sem renda para fazer seus enterros são, contudo, prioridades em vários municípios” (SANTOS, 2019, p. 49).

4.3 A MORTE DO OUTRO

Segundo Chiavenato, “o homem não tem experiência pessoal da morte - a morte que ele conhece e “experimenta” é a morte do outro: a sua consciência é a da morte alheia.” (CHIAVENATO, 1998, p. 105). Quando uma pessoa morre, surgem questões de ordem burocrática, prática, afetiva, religiosa e até mesmo filosófica com as quais os vivos precisam lidar, e procura-se, então, a terceirização do cuidado com o corpo de entes queridos.

4.3.1 Os espaços de trabalho - “Já pensou se não tivesse e toda família tivesse que organizar e realizar o seu funeral?”

Rabelo (2014) diz que “em um contexto sociocultural onde se evita a proximidade de fenômenos relacionados à morte e ao morrer, tendem a aparecer profissionais especializados em cuidar dos serviços suscitados pelo acontecimento da morte” (p. 13). O coveiro Álvaro aposta na utilidade de seu ofício como forma de tirar das pessoas a “carga” que vem com a morte de um ente querido:

O bom ali daquele cemitério é assim, que ele é rápido, ele é fácil, as pessoas não se sentem naquele clima pesado de cemitério, que muitas coisas que ficam na cabeça das pessoas é aquela coisa, aquela imagem do pedreiro mexendo massa, aquela pessoa suja de terra, sabe? *Então no cemitério ali, ele quebrou bem essa visão da parte ruim e feia da morte sabe?* Mas eu acho mais importante disso, é que assim, as pessoas que não têm costume, não gostam desse ambiente de cemitério, coisa assim, já pensou se não tivesse e toda família tivesse que organizar e realizar o seu funeral? Eu que sou uma pessoa que trabalha com isso e tenho essa experiência tenho já essa carga assim (Álvaro – coveiro).

A fala de Álvaro reflete bem como têm sido os rituais de enterramento na contemporaneidade: “rápidos, fáceis, sem a parte ruim e feia da morte”. O que sobra, então? Os enlutados se veem com a dor diminuída por essas facilidades proporcionadas pelos funerais organizados por terceiros? Os aspectos culturais da contemporaneidade, no que tange ao trato com o morto, comprovam que está cada vez mais difícil falar sobre a morte ou até mesmo estar perto dela.

Quando Elias (2001) diz “a morte é um problema dos vivos, os mortos não têm problemas” (p.10), é possível avançar e dizer que a morte é um problema dos profissionais de serviços funerários, pois a gestão do processo de morrer saiu das mãos dos entes dos falecidos e foi parar nas mãos desses profissionais. Aos familiares, fica o cargo de enlutar-se, processo

que também tem sofrido modificações e sido reservado à esfera íntima e privada, se manifestando de forma cada vez mais tímida e, muitas vezes, não autorizada, conforme visto anteriormente.

4.3.2 Diante da dor do outro - “A energia é sempre pesada. Sempre pesada.”

Além de lidar com cadáveres, os profissionais do serviço funerário precisam executar uma importante função: lidar com os familiares enlutados dos mortos em seu momento mais difícil: “Esses profissionais, ao fazerem parte do ritual de passagem realizando os sepultamentos, precisam desenvolver um modo de lidar com as famílias enlutadas num momento que muitas vezes são difíceis para as mesmas (sic).” (IRAHA; SILVA; PAULA, 2017, p. 313). Às vezes, o trabalho cuidando das famílias enlutadas é maior do que o de cavar uma cova.

Ah, é pesado. É muito pesado, e isso não depende da gente, *é uma energia que as pessoas trazem e a gente tem que apenas aprender a lidar*. Óbvio que você pode ter um filtro no sentido de tentar fazer aquela coisa ficar leve e tudo mais, e é o que eu faço inclusive, mas a energia é sempre pesada, sempre pesada. Quando há o contato com as pessoas. Quando não há o contato com as pessoas e que você tá num serviço de manutenção, num momento mais tranquilo, que você apenas está no ambiente, aí não, aí é leve e tranquilo, é de paz e de tranquilidade (Valter – coveiro).

Lidar com os familiares enlutados é uma das questões mais difíceis para os entrevistados, o não-saber o que fazer com a dor do outro e, principalmente, como evitar ser contaminado por essa dor, para que seja possível realizar seu trabalho. “É uma profissão que toca a morte na sua concretude. Mas não sabem o que fazer com a morte em vida, com familiares enlutados, com as fortes emoções daqueles que sofrem com a perda” (KOVÁCS, VAICIUNAS, ALVES, 2014, p. 952).

Eu já comecei a fazer do modo como eu achei mais interessante, que é desejando os sentimentos, me colocando extremamente de prontidão para resolver o problema do sepultamento, aberto a acertar da melhor maneira possível, entende? *Se colocando à disposição de servir e cuidar*, né, que parece - que parece não, que é - na verdade o sentimento principal que aquela pessoa ali tá se sentindo. Ela tá se sentindo desolada, sem chão, né? Você tenta ser um ponto de apoio para aquela pessoa, e isso inclusive é muito legal na verdade de se fazer. Eu pelo menos gosto dessa vida, função (Valter – coveiro).

A gente vai de certa forma se acostumando com aquilo, né? *Mas também, muitas vezes, somos chamados e tocados com isso.* A gente tenta conversar, a gente tenta falar, até porque como eu sou uma pessoa que fala com todo mundo, se aquilo outro aí a gente conversa, a gente tenta ajudar. Já conversei com muita gente que perdeu familiares, de pessoas que vão lá, visitam o cemitério e vão entrando em depressão. A gente - a gente não, eu, né, eu tento conversar, já teve pessoas que já saíram de depressão, mas também teve pessoas que a gente tentou ajudar, mas não houve o que se ajudar. São pessoas que não aceitam a morte de seus familiares. Às vezes, quando é uma pessoa muito próxima, eu confesso que às vezes a gente treme na base, o coração fica triste, mas não tem o que fazer, né? (Jonas – coveiro).

Procuo lidar da maneira mais ética possível, né? O familiar chorando ali... porque o coveiro só lida com tristeza, é só tristeza. O familiar chorando ali e eu jogando terra, e fechando a gaveta. Procuo lidar da maneira mais profissional possível, nem faço por sadismo nem por maldade, *mas também não posso sentir pena, né, senão não consigo realizar meu trabalho* (Silva – coveiro).

O coveiro Silva precisa se manter firme para evitar o contato mais íntimo com os próprios sentimentos diante da dor do outro: “No caso de profissionais funerários, há uma dupla interdição, a da morte e a deles, que têm seus sentimentos interditados para que se mantenha o chamado ‘profissionalismo’” (KOVÁCS; VAICIUNAS; ALVES, 2014, p. 947). É uma questão difícil de resolver e para a qual encontrar um meio termo, visto que são profissões de cuidado e acolhimento, mas que cujos profissionais buscam não se envolver com os casos, seja para proteger a própria integridade emocional, ou para se proteger profissionalmente.

Pesado. Emocionalmente pesado. *Teve um coveiro que botaram aqui para trabalhar com a gente, contratado, toda vez que ia fazer o enterro os familiares chorando, ele também chorava.* A gente pensava que era só no início, mas depois tinha um sepultamento na gaveta [imita sons de choro de forma jocosa], toda hora ficava nervoso, aí botaram para fora (Silva – coveiro).

Ao coveiro que não soube controlar suas emoções depois do período de ajustamento ao serviço, restou a demissão, segundo Silva. Esses profissionais não só lidam com o que a maioria da sociedade busca evitar, como também precisam impedir de serem tocados por isso. O coveiro Álvaro, nos primeiros meses de trabalho, tinha muita curiosidade, pela qual pagava sofrendo pelos familiares dos mortos:

A primeira vez que eu comecei, eu era muito curioso. Como curioso? Quando eu botava o velório ali, que tirava a tampa, eu já olhava para cara do morto, eu queria saber do que tinha morrido, eu ficava olhando a família, entendeu? No fim, eu acabava de certa forma me envolvendo no sentimento daquelas pessoas e isso me prejudicou muito no meu trabalho porque *acabou que eu*

tava, digamos, quase que todo dia sofrendo junto com as pessoas (Álvaro – coveiro).

Álvaro teve, então, que aprender algumas “manhas” para, segundo ele, não desenvolver empatia, que é o discurso vigente no meio funerário. A busca era por ser frio e seco, sinônimos de profissionalismo para o entrevistado, o que pode estar relacionado às próprias orientações sobre o trabalho neste campo, pois, na visão das famílias, caso o profissional não demonstre envolvimento com a situação, é considerado “frio”, mas, para os patrões, chorar no trabalho pode provocar demissão.

Depois que eu saí da primeira vez, eu voltei e fiquei um ano de vigia, e daí eu trabalhava de madrugada. O meu contato era muito menor, só que daí foi ali que eu comecei a aprender algumas “manhas”, de não me envolver no sentimento das pessoas. *E realmente ser frio, seco e tratar da forma mais profissional aquela situação, sabe, sem desenvolver empatia.* Assim, não, empatia se tem, sabe, mas não desenvolver aquele sentimento mais forte de tristeza da partida da pessoa, da falta que ela tá fazendo para a família, entendeu? (Álvaro – coveiro).

Ninguém acorda de manhã cedo pensando assim “ah, vou me levantar, vou pra funerária, e eu queria pegar 30, 40 corpos ali pra fazer tanato, tomara que seja assim”. Por mim eu vou, se aparecer eu faço e tal, mas eu sei que em cada corpo ali tem uma família sofrendo, né? [...] *Enquanto uns choram, outros vendem o lenço.* Pessoal tem muito esse dito popular aqui no Ceará (Nelson – tanatopraxista).

É interessante notar como cada entrevistado lida com a tristeza das outras pessoas e toma por si próprio a decisão de se envolver ou não com cada morte. Para uns, é um valor e uma boa característica funcional não se envolver, enquanto, para outros, o profissionalismo tem a ver com o cuidado demonstrado e a empatia pelo caso trabalhado.

Rodrigues (2006, p. 20) afirma que a reação que a morte de crianças produz é mais branda na consciência coletiva: “[...] a comunidade investiu nelas pouco mais que esperança. Não chegou a lhes imprimir sua marca. Não se reconhece nelas e por isso sente-se pouco atingida. Tudo se passa como se tratasse de uma morte menor, de um fenômeno ‘infra-social’.”, contrariando o que muitos dos entrevistados afirmaram sobre a dificuldade posta ao ter que lidar com o sepultamento de crianças:

Tem dias que tá leve, vai de cada cerimônia... conforme a cerimônia, se é de pai, ou é de mãe, ou é de filho ou é de vó - e de vô. Às vezes, os avós são um pouquinho mais leves, aí de pais e crianças... mas a mais pesada é de criança (Rosa – cremadora).

Porque eu sou mãe, tenho filhos, e quando é adolescente, criança, bebê, a gente fica sentimental, porque eu me coloco no lugar dessa pessoa que perdeu um filho, perdeu um irmão, uma avó, um pai, uma mãe (Rosa – cremadora).

A morte é uma coisa dolorida. Que, pra mim, eu não sei, o que mais mexe comigo, o que mexeu nesse tempo que eu trabalho como sepultadora, o que mais mexe comigo são as crianças, e as mães chorando por causa dos filhos, porque eu tenho três meninos, isso mexe muito comigo (Maria – sepultadora).

A maioria das vezes eu já me segurei pra chorar, o que mexe muito comigo são as mortes de crianças e ver a mãe chorando, sabe. Porque ver aquela pessoa que tem uma certa idade, a gente já sabia que não ia ficar muito tempo entre nós, porque ela já tinha uma certa idade ou porque ela tinha alguma doença. Isso não mexe muito comigo, mas o que mais mexe é ver as mães chorando por causa dos filhos. A gente já viu morte de criança que morreu afogada na piscina. Eu fiz uma cerimônia de um bebê de 15 dias, eu saí de lá com o bebê na minha cabeça (Maria – sepultadora).

Para as entrevistadas citadas acima (salientando que todas são do gênero feminino), o sepultamento de crianças é dos mais difíceis de realizar. Algumas das entrevistadas costumam se colocar no lugar das mães que têm que enterrar seus filhos, imaginando-se na mesma situação que elas.

Então, eu fui meio que treinando minha cabeça para não me envolver sentimentalmente por aquilo ali, sabe? Tanto que daí sepultamentos teve de criança, sabe, natimorto, de crianças de seis, nove, 11 anos, eu sepultei um casal de gêmeas, muitos sepultamentos que logicamente era difícil de não se sentir de certa forma abalado, mas com essas coisas, sabe, com esse pensamento que eu fui elaborando e botando em mim de não interagir, né, não visualmente, né (Álvaro - coveiro.)

Já para Álvaro, o único dos homens que mencionou o sepultamento de crianças em sua entrevista, esse tipo de trabalho também seria difícil, mas ele buscou mecanismos para não se envolver nos casos em que crianças são sepultadas, buscando não interagir visualmente.

4.3.3 A morte de pessoas próximas - “Quando atende o telefone é o quê? Morte! É o mensageiro da desgraça.”

O coveiro Valter enviou uma foto de uma mulher sorrindo, com a cabeça raspada, e digitou:

E agora a mulher que eu amo está com um câncer extremamente agressivo. Que pode me tirar ela! [passa a falar:] *Eu já planejei exatamente se caso houver necessidade.* Já me identifico certinho na mente os dois possíveis

túmulos da família dela que seriam usados para fazer o sepultamento. É somente isso que eu consigo pensar, caso essa situação aconteça. É um pouco estranho, mas eu penso que a partir do momento que acontecer, a única coisa que precisa ser feita é preparar a sepultura dela (Valter – coveiro).

Como se não tivesse mais o que dizer a respeito de uma situação tão complicada, passou a relatar outra perda, com a qual também lidou “naturalmente”, segundo suas palavras:

Como foi o falecimento aos 89 anos e com uma maneira extremamente natural, foi uma perda que foi extremamente amenizada por isso, porque uma vida plena, longa, bonita, que simplesmente se encerrou, como toda vida precisava se encerrar. Então o sentimento da perda que é complicado de lidar foi só mesmo da saudade (Valter – coveiro).

Rodrigues (2006, p. 26) fala sobre o que a cultura brasileira tradicional chama de “morte natural”, que costuma ser mais aceita do que outras mortes, como as que são súbitas ou agonizantes: “É a morte do ancião, que lentamente se aproxima do fim – porque toda existência terrestre é finita – sem envolver acidentes, agressões ou outros alteradores do processo normal da vida.”

Não é incomum que os coveiros auxiliem no ato de sepultamento de seus parentes e amigos. Ao ser perguntado se alguém próximo a ele já havia morrido, Jonas respondeu: “Sim, há sete anos o meu irmão, e há três anos o meu pai. *O do meu pai eu até ajudei a abrir o túmulo, a cavar a cova, tudinho*” (Jonas – coveiro). Em resposta à mesma pergunta, Silva afirmou: “Já! Amigos e conhecidos, não sinto constrangimento algum em enterrá-los; mas fica o luto da partida.” (Silva – coveiro). Nos casos do tanatopraxista e da agente funerária, foi apontado o desafio de cuidar dos procedimentos para os seus familiares falecidos:

E eu já passei por vários lutos aqui na família, morreu meu pai, morreu tios, tio da minha esposa, *a gente sabe que dói quando é com a gente* (Nelson – tanatopraxista).

Sim, recentemente, acho que semana passada, completou seis meses que minha avó faleceu. Eu já fiz, enterrei vários membros da família, porque parece, quando se trata de morte e a família já me procura né? É meio irônico porque a gente às vezes se sente mensageiro da desgraça. Os prós e os contras de ser agente funerário na família. *Contra que sou lembrada somente quando se trata de morte*, tem parente teu, por exemplo, passa séculos sem falar contigo. As picuinhas de família, mas aí o telefone toca, tu vê aquela pessoa que não te liga há anos me ligando, nunca mais falou comigo: “alguém morreu”. *Quando atende o telefone é o quê? Morte! É o mensageiro da desgraça* (Laura – agente funerária).

Lidar com os trâmites envolvendo o cuidado com o corpo morto pode ser desafiador para a maioria das pessoas, enquanto cuidar dos próprios membros familiares e amigos que faleceram parece algo impensável, no entanto, aos entrevistados, parece algo que “tem que ser feito”, mesmo que o estigma de “mensageiro da desgraça” se faça presente.

4.3.4 O contato com o corpo morto - “Aquele mau cheiro do caminhão do lixo, de ovos podres.”

A uma pergunta sobre como ocorre a lida e o contato com o corpo morto, as respostas foram variadas: alguns coveiros reforçaram que o contato é mínimo, resumindo-se às últimas despedidas dos familiares (quando se abre a tampa do caixão) e às exumações, enquanto outros profissionais, como os tanatopraxistas, são responsáveis por banhar, maquiar e preparar o corpo para a última visita, tendo um contato mais duradouro. “Este tipo de serviço expõe riscos à saúde desses trabalhadores, dentre os quais se destacam o contato com bactérias devido à decomposição dos corpos e desgastes psicológicos por lidar com cadáveres e com a morte cotidianamente.” (IRAHA; SILVA; PAULA, 2017, p. 309).

O corpo morto, ele recebe um último “tchau” quando ele entra naquele último momento, tira a tampa, pra fazer a última despedida. O contato é praticamente mínimo, é só colocar onde vai ser sepultado e fechar aquele local (Valter – coveiro).

O contato é normal quando tá com... nunca levei assim, medo, essas coisas não... é normal. De vez em quando é preciso, se for preciso enfeitar, eu visto... essas coisas. Eu creio que com esse tempo já, já fiz um desses aí, dá uns 400 enterros, também já trabalhei em casa funerária carregando morto, essas coisas... *é toda uma vida assim, de dedicação aos mortos* (Jonas – coveiro).

“Já aconteceu de abrir gavetas e o corpo ainda no processo de decomposição, parece aquele caldo lá que é o necrochorume, *aquele mau cheiro do caminhão do lixo, de ovos podres*” (Silva – coveiro).

Defunto não fala, já morreu. *Então para mim tá ótimo, adoro lidar com os mortos*. O morto não fala, não te perturba, ele tá ali quietinho, deitadinho, só esperando ele ir tomar um banhozinho, arrumar ele, botar as florzinhas para poder fazer despedida com a família dele (Laura – agente funerária).

Sobre lidar com o corpo morto, como era feito antigamente, o corpo não é mais cuidado por parentes, mas pelos profissionais dos serviços funerários: “A pessoa morta é embalsamada,

maquiada, preparada e vestida para a cerimônia final para que dê a impressão de estar viva, de ter algum sinal de vida, ou, ainda, para evidenciar suas características singulares” (MENEZES; GOMES, 2011, p. 120).

4.3.5 Adaptações e enfrentamentos - “Pra mim é só osso que vai ser sepultado, ou qualquer tipo de carne.”

A partir das entrevistas, foi possível notar diferentes adaptações e formas de enfrentamento individuais desenvolvidas pelos profissionais para lidar com seu objeto de trabalho de forma a não incorrer em sofrimento psíquico. O coveiro Valter explana que mudar a sua atitude diante da visão de corpos mortos foi a única forma que encontrou para trabalhar, tendo sido necessário que se tornasse mais preparado para lidar com os aspectos subjetivos de seu trabalho.

Foi a única forma que eu encontrei para trabalhar. Porque pensa só, mais cedo ou mais tarde eu sabia que ia chegar oportunidade de sepultar um parente e se eu fosse associar a lembrança - ou um amigo - e se eu fosse associar lembranças das coisas relacionadas a eles eu nunca ia conseguir. Então com certeza foi um modo para eu me preparar e ficar, digamos assim, com a casca mais dura, né, para encarar essa profissão que é tão complicada (Valter – coveiro).

No entanto, suas estratégias defensivas acabam sendo vistas pela sociedade como insensibilidade de sua parte, sendo o preço a se pagar para conseguir lidar:

É estranho falar sobre isso sem ser taxado de insensível, e isso talvez seja o mais triste, porque é um modo, né, que você usa para se preservar, para se conseguir lidar com isso e acaba tendo que te pagar o preço de ser chamada de insensível (Valter – coveiro).

E o modo que eu encontrei de trabalhar aqui foi construindo uma outra visão da morte, porque se eu viesse aqui, trabalhar no cemitério, com essa visão carregada, pesada de sofrimento e de dor, eu realmente não teria aguentado. Então, o que me fez continuar trabalhando e seguir firme foi conseguir enxergar a morte de uma outra maneira (Valter – coveiro).

Sobre a criação de defesas que possibilitam a realização do trabalho e a proteção psíquica, Barros e Silva explicam:

Considerando-se que a rotina ocupacional afeta o psiquismo e o bem-estar emocional do sujeito, quando a atividade de trabalho significa sujeitar-se a tarefas consideradas nocivas, a saída para esse trabalhador é criar defesas contra o sofrimento, a angústia e o desgaste (2004, p. 325).

Uma das estratégias observadas é a de despersonalizar os cadáveres, considerando-os como objetos, pois “olhar a atividade por meio da técnica facilita no preparo psicológico desses profissionais, que passam a observar o cadáver não com tristeza ou aflição, mas como um objeto a ser trabalhado.” (SILVA; LOPES; SILVA, 2015, p. 72): “Eu não consigo associar aquele corpo com uma pessoa, *pra mim é só osso que vai ser sepultado, ou qualquer tipo de carne.*” (Valter – coveiro).

“A morte parece ser abordada de duas formas em nossa sociedade contemporânea: pela via do ridículo ou do sinistro” (FRANCO, 2010, p. 15). Tal afirmação se confirmou com o envio, pelo coveiro Silva, de uma foto de duas pernas amputadas com a legenda: “*Dá pra fazer um churrasco...*” e, depois, complementa: “foi uma brincadeira, entendeu...?”. “Os risos, as piadas e, até mesmo as formas jocosas de expressão fazem parte de alguns depoimentos, como se tivessem a função de atenuar e minimizar os constrangimentos, o sofrimento e a dificuldade de falar sobre a morte.” (BARROS; SILVA, 2004, p. 328).

“Para continuar trabalhando e não sucumbir ao medo, à angústia e ao sentimento de repulsa ante seu objeto de trabalho, eles subvertem essas situações através da elaboração de estratégias de defesa individuais e coletivas” (SILVA; LOPES; SILVA, 2015, p. 71): “*Então eu fui meio que treinando minha cabeça para não me envolver sentimentalmente por aquilo ali, sabe?*” (Álvaro – coveiro). Já Maria, sepultadora, relata que diante do peso da dor dos familiares, busca conversar com os colegas de profissão para não guardar dentro de si os sentimentos gerados pela comoção. Ela também tenta se proteger para conseguir realizar seu trabalho:

Tem várias coisas que mexem comigo, sabe, porque a gente tenta ser forte, a gente se porta na frente dos familiares. *Mas tem uma hora que a gente fica tão dolorido por dentro, que é melhor conversar, sabe, pra não segurar isso pra dentro da gente.* Então a gente sempre, entre colegas, conversa e, algumas vezes, eu me segurei, e outras eu chegava em casa bem mal e chorava sozinha. Porque mexe muito com a gente. Eu tento não me comover com muitas coisas, com muitos sentimentos, mas não tem como, né, porque é um pouco triste ver a família chorar. Eu tento ser muito forte, eu me controlo, eu sou forte porque a gente tenta se segurar, e a maioria do pessoal se segura, *a gente tenta se concentrar no trabalho porque a gente tá ali pra ajudar a família e não desabar, porque a gente tenta ser forte, então é isso que a gente coloca na cabeça, mas tem horas que a gente não consegue.* Nem sempre a gente vai conseguir ser forte, né? (Maria – sepultadora).

É possível notar, por outro lado, a busca por uma dessensibilização à dor do outro, para se proteger do sofrimento que atinge as famílias enlutadas, separando o humano do profissional, à semelhança de alguns profissionais de saúde:

Evito ter tanta empatia, porque temo que aquela tristeza também venha a me abater, com aquela tristeza da perda. Então eu evito ter tanta aproximação assim com os familiares. *Eu vou mais na parte profissional do que humana.* O meu silêncio às vezes acalma, se pedem palavras de consolo, eu transmito, mas eu evito ter aquela empatia que é praticamente inevitável, porque eu posso ficar impressionado e é difícil pra dormir à noite (Nelson – tanatopraxista).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nunca pergunte que horas são na presença de um defunto.

(as almas não entendem dessas coisas...)

Mário Quintana

Dentre as inúmeras características utilizadas para definir a morte, que permeiam o campo da biologia, da filosofia, da religião, entre outras, algo que se destaca é a sua inevitabilidade. Apenas nas artes foi possível imaginar como seria o mundo sem a morte. Mesmo assim, tais imaginações nos mostraram que talvez não seja tão bom quanto podemos pensar. Quando a morte ocorre, fica a cargo dos trabalhadores do serviço funerário, os agentes funerários, tanatopraxistas, cremadores e sepultadores, cuidar daqueles que foram por ela atingidos.

Diante de um ofício que demanda lidar diuturnamente com algo que nossa sociedade contemporânea busca desesperadamente ocultar, a pesquisa foi iniciada com alguns questionamentos que versavam a respeito dessa proximidade com a morte e com o corpo morto: Tal proximidade norteia ou modifica suas concepções pessoais sobre a morte? Seus sentimentos a respeito dela sofreram algum tipo de embotamento ou acentuamento? Surgiram questões existenciais para esses profissionais?

Apesar da pandemia de Covid-19, que restringiu a comunicação com os participantes a trocas de mensagens em um aplicativo de dispositivo móvel, algumas dessas questões foram respondidas. Os participantes, que cederam as entrevistas de bom grado ao perceberem que eram sujeitos de estudo científico, em face do confronto com a finitude provocado pelas mortes dos outros, não mediram palavras para explicar o que sentem diante da morte, de seu trabalho, e que ferramentas psíquicas foram necessárias desenvolver e exercitar para realizá-lo, diante de desafios como preparar um corpo e enterrá-lo ou cremá-lo e lidar com os familiares enlutados.

Foram diferentes as trajetórias que levaram os entrevistados a trabalhar no serviço funerário. No entanto, o que reverbera na fala de todos é uma forma de ressignificação do trabalho, no qual todos sentem orgulho de desempenhar suas tarefas, prestando um serviço que é necessário para a sociedade, que é útil e que exige coragem.

A morte enquanto conceito ganha características muito particulares para estes trabalhadores: alguns disseram que ela é o começo, outros, que ela é o fim. Seja perpassado por questões religiosas ou filosóficas, percebeu-se que o confronto com a concretude da morte fez

com que os entrevistados passassem a pensar sobre a finitude e sobre o que a morte representa para eles. Apesar de cada um vê-la de uma forma particular e íntima, todos demonstraram sentirem-se tocados por ela por causa dos trabalhos no sistema funerário e, segundo um dos entrevistados “[...] é impossível não mudar a concepção que tenha sobre a morte depois de começar a trabalhar diretamente com ela”. Os entrevistados apontaram mudanças na forma de compreender a finitude após iniciar o trabalho com a morte: antes, muitas vezes, suas relações com ela eram de negação e distanciamento, passando, a partir de então, a serem de questionamentos e acolhimento às questões relativas à morte e ao morrer.

Foi possível notar que, para o exercício de suas atividades, foram desenvolvidas formas individuais e coletivas de adaptação e enfrentamento diante da exposição constante ao fenômeno da morte. Alguns dos entrevistados passaram a despersonalizar os mortos, de forma a se proteger do impacto causado pela morte. Outros buscaram desenvolver uma postura distanciada, ou até mesmo fria, diante não só dos cadáveres, mas dos familiares enlutados, visto que o sofrimento das famílias dos mortos provoca bastante desconforto. Apesar disso, a maioria dos entrevistados pretende continuar trabalhando nos serviços funerários e não se vê realizando outro tipo de atividade.

A morte é um fenômeno que, cedo ou tarde, atinge a todos nós. Foi curioso notar que os entrevistados já se imaginaram morrendo, tendo inclusive tomado providências para “não dar trabalho” aos familiares e amigos, seja pagando por planos funerários ou tornando públicos aos entes queridos seus desejos em relação aos próprios funerais e procedimentos a serem tomados com seus corpos. Acredita-se que isso tenha relação com as próprias vivências dentro do ambiente de trabalho, por notarem como a morte é disruptiva e desarranjadora, tornando muito difícil a tomada de decisões para os familiares enlutados, coisa que eles pretendem evitar através do diálogo e da tomada de decisões ainda em vida.

Trabalhar com os arranjos funerários é estar presente no momento de maior dor das pessoas, quando elas perdem familiares e amigos para sempre. Estar diante da dor do outro é uma posição privilegiada, mas cheia de incertezas diante do “não saber lidar” com essa dor e da busca por um profissionalismo que muitas vezes exige uma postura fria e distante em relação aos vivos. “Muitas vezes somos chamados e tocados com isso”, afirma o coveiro Jonas, que busca, com o diálogo, cuidar e acolher aqueles que estão enlutados. Já para Silva, a forma mais ética de lidar é continuar colocando a terra sobre o caixão, mesmo diante das lágrimas dos entes, pois é um serviço que precisa ser feito e que dobrar-se ao sofrimento poderia impedi-lo de fazer.

Diante de proibições de funerais e velórios em consequência da pandemia de Covid-19, as famílias e amigos de pessoas falecidas se viram impedidas de realizar seus rituais fúnebres

da forma como culturalmente se fazia. Os enterros passaram a ser mais rápidos e as despedidas, muitas vezes, à distância, sem o corpo da pessoa amada poder ser visto. Mais do que nunca, esses trabalhadores tornaram-se os responsáveis por cuidar dos últimos momentos dos falecidos em terra, enquanto as famílias buscam novas formas de ritualizar essas perdas e concretizar as mortes.

Os profissionais revelaram uma dinâmica complexa em relação à morte e à vida, com experiências singulares que tocam não apenas em questões de seu ofício, mas em todo um existencialismo ao trabalhar com algo que a maioria das pessoas prefere evitar, mas que é inevitável. Pode-se aprender com eles que o trabalho com a morte é, acima de tudo, um trabalho com a vida, que é contemplada como algo precioso e único. Lidar com a morte é lidar com pessoas em seu momento mais íntimo, tanto aqueles que fazem a sua viagem final, quanto aqueles que se encontram desarranjados pela falta e pela dor.

A partir de seus trabalhos, foi apresentada uma amplitude de questões existenciais em torno da morte e da vida, do privilégio do cuidado com o outro e da força que é necessária para estar presente num momento de dor e tristeza que se busca fortemente evitar, mas que é inevitável. Espera-se que as reflexões decorrentes da presente pesquisa possam trazer contribuições aos tímidos debates sobre morte e morrer que têm surgido em nossa atualidade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, R. A morte como conselheira. *In*: CASSORLA, R. M. S. (coord.). **Da morte**: estudos brasileiros. Campinas: Papyrus, 1991.
- ANDRADE, I. B. de. **A morte como instrumento de trabalho**: a experiência subjetiva dos coveiros. 2020. 180 f. Tese (Doutorado) – Programa de Doutorado em Psicologia, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2020. Disponível em: <https://uol.unifor.br/oul/conteudosite/F86027120200723142809572725/Tese.pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.
- ANJOS, A. dos. Versos a um coveiro. *In*: ANJOS, A. dos. **Eu e outras poesias**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 1998.
- ARIÈS, P. **História da morte no ocidente**: da idade média aos nossos dias. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.
- ARIÈS, P. **História da morte no Ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- ARIÈS, P. **O homem diante da morte**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BARROS, V. A.; SILVA, L. R. Trabalho e cotidiano no Instituto Médico Legal de Belo Horizonte. **Psicologia em Revista**, v. 10, n. 16, p. 318-333, 2004. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/216>. Acesso em: 21 out. 2019.
- BATISTA, A. S.; CODO, W. **Trabalho sujo e estigma**: cuidadores da morte nos cemitérios. *rev.estud.soc.* n. 63, p. 72-83, 2018. DOI: <https://dx.doi.org/10.7440/res63.2018.06>. Disponível em: http://www.scielo.org.co/pdf/res/n63/pt_0123-885X-res-63-00072.pdf. Acesso em: 21 out. 2019.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 5 nov. 2019.
- BRASIL. **Decreto-Lei n. 5.452, de 1º de maio de 1943**. Aprova a Consolidação das Leis do Trabalho. Rio de Janeiro: Presidência da República, 1943. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del5452.htm. Acesso em: 5 nov. 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Manejo de corpos no contexto do novo coronavírus COVID-19**. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: https://www.saude.sc.gov.br/coronavirus/arquivos/manejo_corpos_coronavirus-versao1_25mar20_rev3.pdf. Acesso em: 30 abr. 2020.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**: CBO. Brasília, DF: Ministério do Trabalho e Emprego, 2019. Disponível em: <http://cbo.maisemprego.mte.gov.br/cbsite/pages/home.jsf>. Acesso em: 06 nov. 2019.

BRUSCHINI, C. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 537-572, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/cp/v37n132/a0337132.pdf>. Acesso em 12 nov. 2020.

CÂMARA, M. C. C. **O agente funerário e a morte: o cuidado presente diante da vida ausente**. 2011. 166f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Rio Grande do Norte. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/17485/1/ClaudiaMCC DISSERT.pdf>. Acesso em: 21 out. 2019.

CARVALHO, C. C. *et al.* Cuidados Psicológicos à Trabalhadores do Serviço Funerário. **Aletheia**, v. 54, n. 1, p. 113-119, 2021. DOI: 10.29327/226091.54.1-12. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942021000100013. Acesso em: 20 out. 2019.

CATIVO, C. K. V.; RIBEIRO, P. A.; WELL, A. G. Cemitério, vida e trabalho: reflexão sobre as condições de trabalho dos coveiros na cidade de Parintins/AM. **Contribuciones a las ciencias sociales**, 2014, p. 1-13. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccs/30/coveiros.html>. Acesso em: 25 out. 2019.

COSTA, S. R. R.; RODRIGUES, C. R. Estudo Qualitativo das condições de vida de trabalhadores de cemitério de Botucatu. **Rev. Atas: Investigação Qualitativa em Saúde**, v. 2, 2017. Disponível em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1505>. Acesso em 24 set. 2020.

DANIEL, C. O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho. **O Social em Questão**, ano XIV, n. 25/26, p. 323-344, 2011. Disponível em: http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/17_OSQ_25_26_Daniel.pdf. Acesso em 12 nov. 2020.

DANTAS, C. R. *et al.* O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**, v. 23, n. 3, p. 509-533, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rlpf/v23n3/1415-4714-rlpf-23-03-0509.pdf>. Acesso em 21 fev. 2021.

DOUGHTY, C. **Confissões do crematório**. Rio de Janeiro: Darkside Books, 2016.

ELIAS, N. **A solidão dos moribundos**. Tradução: Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

EMBALSAMAR. *In*: MICHAELIS. **Moderno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/embalsamar/>. Acesso em: 3 dez. 2019.

FARAJ, S. P. *et al.* Produção científica na área da psicologia referente à temática da morte. **Psicologia em Revista**, v. 19, n. 3, p. 441-461, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v19n3/v19n3a08.pdf>. Acesso em: 21 out. 2019.

FINITUDE: Profissão: sepultador. Locução de: Juliana Dantas. *Finitude Podcast*: 28 abr. 2020. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2kCvbyIMqUEbhZ8XqhRxq1>. Acesso em: 28 abr. 2020

FLORES, V. D. C.; MOURA, E. P. G. Significados do trabalho, prazer e sofrimento no ofício de Agentes Funerários. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, v. 18, n. 1, p. 326-334, 2018. DOI: 10.17652/rpot/2018.1.13337. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpot/v18n1/v18n1a07.pdf>. Acesso em: 21 out. 2019.

FRANCO, C. de. **A cara da morte**: imaginário fúnebre no relato de sepultadores de São Paulo. 2008. 210 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/2058/1/Clarissa%20de%20Franco.pdf>. Acesso em: 26 out. 2019.

FRANCO, C. de. **A cara da morte**: os sepultadores, o imaginário fúnebre e o universo onírico. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

GIBERTI, G. M. **A única certeza da morte é a vida**: investigação fenomenológica sobre idosos que se preparam para a morte. 2018. 180 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-29102018-155400/pt-br.php>. Acesso em: 22 out. 2019.

IRAHA, I. S.; SILVA, S. C.; PAULA, P. P. Sentidos do trabalho dos coveiros: um estudo exploratório. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 2, n. 4, p. 304-319, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15260>. Acesso em: 21 out. 2019.

KNAUSGÅRD, K. O. **A morte do pai**: minha luta 1. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

KOVÁCS, M. J. **Educação para a morte**: temas e reflexões. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

KOVÁCS, M. J. **Morte e desenvolvimento humano**. 5. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

KOVÁCS, M. J.; VAICIUNAS, N.; ALVES, E. G. R. Profissionais do Serviço Funerário e a Questão da Morte. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 34, n. 4, p. 940-954, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-370001272013>. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932014000400940. Acesso em: 21 out. 2019.

LIMA JÚNIOR, A. F. **O trabalho com a morte**: estudo sociológico da morte no Serviço de Verificação de Óbitos de João Pessoa – PB. 2018. 159 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2018. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/11837?locale=pt_BR. Acesso em: 22 out. 2019.

MATTEDI, M. A.; PEREIRA, A. P. Vivendo com a morte: o processamento do morrer na sociedade moderna. **Cad. CRH**, v. 20, p. 319-330, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792007000200009>. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ccrh/a/6dwBVkwTPWVfZK3W8ZH5vJ/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 out. 2019.

MEMENTO MORI. In: DICIONÁRIO de latim. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <https://www.dicionariodelatim.com.br/memento-mori/>. Acesso em: 5 dez. 2019.

MENEZES, R. A.; GOMES, E. de C. “Seu funeral, sua escolha”: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Revista de Antropologia**, v. 54, n. 1, 2011. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/268284018.pdf>. Acesso em: 23 out. 2019.

MESQUITA, B. T. **Como se eu carregasse um monte de cadáver atrás de mim**: os vivos e os mortos no NUTAF da PEFOCE. 2016. 105 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/22803/1/2016_dis_btmesquita.pdf. Acesso em: 22 out. 2019.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: DESLANDES, S. F.; CRUSNETO, O.; GOMES, R.; MINAYO, M. C. S (orgs.). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 30. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 61-78.

MOTTA, A. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. **Rev. bras. Ci. Soc.**, v. 24, n. 71, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092009000300006>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/kN6CbKQT5r5wff4p3wVMGvx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 22 out. 2019.

NASCIMENTO, R. L. *et al.* O sentido do trabalho para o agente funerário. **Revista de Ciências da Administração**, v. 21, n. 53, p. 112-128, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/adm/article/view/2175-8077.2019V21n53p112>. Acesso em 30 abr. 2020.

NEVES, M. F. A. **Por onde vivem os mortos**: o processo de fabricação da morte e da pessoa morta no segmento funerário de Porto alegre. 2014. 147 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/101638>. Acesso em: 21 out. 2019.

NOJO. In: MICHAELIS. **Moderno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/nojo>. Acesso em: 22 fev. 2021.

O ASSUNTO: colapso até para enterrar os mortos. Locução de: Renata Lo Prete. **O Assunto Podcast**, 1 abr. 2021. **Podcast**. Disponível em: <https://g1.globo.com/podcast/o-assunto/noticia/2021/04/01/o-assunto-423-colapso-ate-para-enterrar-os-mortos.ghtml>. Acesso em: 12 ago. 2020.

OLIVEIRA-CARDOSO, E. A. *et al.* O efeito da supressão de rituais funerários durante a pandemia de COVID-19 em familiares enlutados. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v. 28, 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1518-8345.4519.3361>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlae/a/TmXZcXpFLPFPK5Vbzc3YKv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24 set. 2020.

OLIVEIRA, D. C. Análise de Conteúdo Temático-Categorial: Uma proposta de sistematização. **Rev. Enferm.**, v. 16, n. 4, p. 569-576, 2008. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v16n4/v16n4a19.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2019.

PARKES, C. M. **Luto**. São Paulo: Summus, 1998.

PAULA, N. R. O. **O cadáver como objeto de trabalho**: percepções de trabalhadores da PEFOCE sobre o lidar com a morte e suas implicações. 2016. 95 f. Dissertação (Mestrado acadêmico) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UECE-0_57b8aafd0e5aa84919a1bb9571db0e2e. Acesso em: 22 out. 2019.

PRADO, N. N. **Desvendando as estratégias comunicacionais no segmento funerário**: o Grupo Mathias. 2013. 76 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação Social) – Faculdade de Biblioteconomia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/88865>. Acesso em: 21 out. 2019.

QUINTANA, M. As horas. *In*: APPEL, C. J.; QUINTANA, M. **Da preguiça como método de trabalho**. Brasil: Editora Globo, 1994.

RABELO, E. A. **Morte e mundo-da-vida**: análise fenomenológica de experiências de coveiros no Cemitério do Bonfim. 2014. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-9ZGFM2>. Acesso em: 21 out. 2019.

REIS, J. J. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBAS, V.; GOMES, F. A. Trabalhadores da morte – dilemas éticos. **O Mundo da Saúde**, v. 36, n. 1, p. 86-89, 2012. Disponível em: http://www.saocamilosp.br/pdf/mundo_saude/90/12.pdf. Acesso em: 21 out. 2019.

RODRIGUES, J. C. **Tabu da morte**. 2. ed. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2006.

ROSA, D. T. A importância dos rituais de despedida para a materialização da perda. *In*: ESCUDEIRO, A. (org.). **Mortos sem flores**: Ausência dos rituais de despedida. Blumenau, 2020. p. 28-39.

SANTOS, J. L. dos; CORRAL-MULATO, S.; BUENO, S. M. V. Morte e luto: a importância da educação para o profissional de saúde. **Arq. Cienc. Saúde.**, v. 18, n. 3, p. 199-203, 2014. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/saude/article/view/5196>. Acesso em: 21 out. 2019

SANTOS, S. F. **A Construção do Mercado Funerário no Brasil**: agentes, instituições e estratégias de negócios. 2019. 112f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade

de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2019. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/182404>. Acesso em: 24 set. 2020.

SANTOS, V. M. **Autoconceito, gênero e trabalho**: mulheres em profissões masculinas. 2014. 208 f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014. Disponível em: https://pospsi.ufba.br/sites/pospsi.ufba.br/files/vanda_martins_tese.pdf. Acesso em: 15 out. 2019.

SARAMAGO, J. **As Intermittências da Morte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SARTORI, M. I. S. Os rituais fúnebres e sua relevância para a superação do luto. *In*: ESCUDEIRO, A. (org.). **Mortos sem flores**: Ausência dos rituais de despedida. Blumenau, 2020. p. 40-52.

SILVA, C. L. N.; MELO, T. C. de L. “Quem de novo não morre, de velho não escapa”: uma pesquisa bibliográfica acerca das publicações em tanatologia no período de 2012 a 2017 no Brasil. **Ciências Humanas e Sociais**, v. 4, n. 3, p. 173-186, 2018. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/fitshumanas/article/view/5228>. Acesso em: 21 out. 2019.

SILVA, E. F.; LOPES, H. L.; SILVA, A. P. O trabalho vivo de profissionais que lidam com a morte. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 18, n. 1, p. 61-76, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1516-37172015000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 21 out. 2019.

SILVA, F. L. L. *et al.* Estigmatização e riscos no trabalho dos necrotomistas. **Psic.: Teor. e Pesq.**, vol. 32 n. 1, p. 133-141, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722016000100133&lng=pt&tlng=pt. Acesso em 30 abr. 2020.

SOUZA, C. P.; SOUZA, A. M. Rituais Fúnebres no Processo do Luto: Significados e Funções. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 35, p. 1-7, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35412>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/McMhwzWgJZ4bngpRjL4J8xg/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 abr. 2020.

TABU Brasil – Cadáveres. Direção: Tatiana Villela. São Paulo: National Geographic Brasil, 2011.

TANATOPRAXIA. *In*: DICIONÁRIO INFOPÉDIA da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico. Porto: Porto Editora, 2021. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/tanatopraxia>. Acesso em: 15 out. 2019.

ULTIMA visio. Intérprete: Imago Mortis. *In*: IMAGES from the Shady Gallery. Intérprete: Imago Mortis: 2004. Faixa 7.

VINUTTO, J. Amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. Disponível em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/download/10977/6250>.
Acesso em 13 nov. 2020.

APÊNDICE A – Formulário socioeconômico**Nome Completo:****Data de Nascimento:** ____/____/____**Sexo:** Masculino Feminino**Você se considera:**

- Branco(a)
 Negro(a)/Preto (a)
 Indígena
 Pardo(a),
 Amarelo(a) de origem asiática

Escolaridade:

- Sem escolaridade
 Ensino fundamental incompleto
 Ensino fundamental completo
 Ensino médio
 Ensino Superior
 Pós-Graduação

Cargo:

- agente funerário
 sepultador
 outro – especifique: _____

Estado civil:

- solteiro (a)
 casado (a)
 divorciado (a)
 viúvo (a)

Com quantas pessoas reside?

- moro só
 moro com mais 1 pessoa
 moro com mais 2 pessoas
 moro com mais 3 pessoas
 moro com mais de 4 pessoas

Renda mensal:

- Renda familiar de zero até meio salário mínimo (R\$ 522,50)
 Renda familiar de meio até um salário mínimo (R\$ 522,50 a R\$ 1045,00)
 Renda familiar de um até um e meio salários mínimos (R\$ 1045,00 a R\$ 1567,50)
 Renda familiar de um e meio até dois e meio salários mínimos (R\$ 1567,50 a R\$ 2612,50)
 Renda familiar de dois e meio até três salários mínimos (R\$ 2612,50 a R\$ 3135,00)
 Renda familiar maior que três salários mínimos (mais que R\$ 3135,00)

Tempo de trabalho no serviço funerário:

- seis meses a um ano
- 1 a 2 anos
- 2 a 5 anos
- 5 a 10 anos
- 10 a 20 anos
- mais de 20 anos

Tempo de serviço neste local:

- seis meses a um ano
- 1 a 2 anos
- 2 a 5 anos
- 5 a 10 anos
- 10 a 20 anos
- mais de 20 anos

Religião:

- Católico
- Evangélico
- Espírita
- Budista
- Umbanda / candomblé
- Sem religião / ateu
- Outras: especificar _____

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semiestruturada

- 1 – Como você passou a trabalhar com agências funerárias / cemitérios?
- 2 - Enumere as atividades que você realiza em seu dia a dia. Como é o contato com o corpo morto?
- 3 - O que é a morte para você?
- 4 - A morte tinha outro significado para você antes de vir trabalhar no serviço funerário?
- 5 - Com relação às pessoas de seu convívio, elas fazem algum tipo de crítica ou piada? Você se incomoda com isto? Como reage?
- 6 - No seu dia a dia de trabalho, como você lida, em termos de sentimentos, com a morte das pessoas?
- 7 - Alguém importante para você já morreu? Como foi lidar com a perda?
- 8 - Que reflexão você tem sobre a morte após este trabalho: você percebe que está mais adaptado, mais preocupado, ou nada se alterou?
- 9 - Você pretende continuar a trabalhar nos serviços funerários?
- 10 - O que você pensa sobre trabalhar neste local?
- 11 - Segundo sua avaliação, em termos de sentimentos, este é um trabalho leve, pesado, ou como qualquer outro?
- 12 – Você recebeu algum treinamento para trabalhar neste local? Como foi?
- 13 – Como você acha que a sociedade em geral enxerga a sua profissão?
- 14 – Como é lidar com os familiares dos mortos? Você teve alguma preparação para aprender a se comunicar com as pessoas neste momento? Acha isso importante ou necessário?
- 15 – Você complementa sua renda de alguma forma? Com o que?
- 16 – O seu trabalho mudou depois da Pandemia de Covid-19? Como?

Esteja à vontade para acrescentar alguma informação que considera pertinente.

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participantes maiores de 18 anos

Eu, Ana Paula Costa Silva, estudante do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Rondônia, convido-o (a) a participar da pesquisa sobre a percepção e significado atribuído ao fenômeno da morte pelos trabalhadores de serviços funerários, que tem como objetivo descrever os mecanismos e aspectos adaptativos dos profissionais frente ao mesmo, bem como, identificar os diferentes sentimentos desses diante da morte.

A sua participação é voluntária, sendo sua colaboração muito importante para o andamento da pesquisa, que consiste em responder a uma entrevista semiestruturada, com duração estimada entre 30 e 90 minutos, de forma online e/ou presencialmente, conforme viabilidade/possibilidade. Informamos que o seu tempo de resposta será respeitado. Não há resposta certa, nem errada. Você também pode optar por não responder qualquer uma das perguntas quando não o quiser.

Parte da entrevista será registrada pelo formulário *Google Forms* e também por aplicativos digitais como *Skype*, *Google Meet*, *Zoom* ou *WhatsApp*, cujos arquivos serão mantidos somente com a pesquisadora, e depois transcritos inteiramente. Todas as informações coletadas serão mantidas sob responsabilidade da pesquisadora e somente utilizadas para esta pesquisa e para publicações científicas derivadas. Seu nome e de todos os demais entrevistados serão mantidos em sigilo para evitar que outras pessoas os reconheçam e os arquivos das entrevistas serão excluídos depois de transcritos. Serão assegurados a você o anonimato, o sigilo das informações, a privacidade e todas as condições que lhe garantam a proteção à dignidade constitucionalmente assegurada.

Os riscos na participação serão minimizados mediante a atuação do pesquisador pela atenção e zelo no desenvolvimento dos trabalhos em assegurar ambiente seguro, confortável e de privacidade, evitando desconforto e constrangimento. Por outro lado, se você concordar em participar na pesquisa estará contribuindo para o desenvolvimento da ciência nesta área.

Você também pode escolher não participar ou desistir desta pesquisa a qualquer momento. Isto não implicará em quaisquer prejuízos pessoais, e caso desista, o conteúdo da entrevista será descartado. Você não terá nenhum tipo de despesa e não receberá nenhuma gratificação pela participação na pesquisa.

Consentimento:

Declaro ter recebido de Ana Paula Costa Silva, as orientações sobre a finalidade e objetivos da pesquisa, bem como sobre a utilização das informações que forneci somente para fins científicos, sendo que meu nome será mantido em sigilo. Aceito participar da pesquisa por meio da realização de uma entrevista, bem como permito a utilização dos dados originados da mesma. Estou ciente de que poderei ser exposto(a) a riscos de constrangimentos associados ao meio aceite do convite, e que poderei, a qualquer momento, interromper a minha participação, sem nenhum prejuízo pessoal. Fui informado(a) que não terei nenhum tipo de despesa nem receberei nenhum pagamento ou gratificação pela minha participação. Declaro que minhas dúvidas foram esclarecidas suficientemente e concordo em participar voluntariamente das atividades da pesquisa.

Assinatura do(a) participante(a):

Data: ____/____/____

Pesquisadora: Ana Paula Costa Silva

Rua Antônio Coelho dos Santos, 29, Boqueirão, Curitiba, Paraná

Telefone: (69) 99229-2831

E-mail: anapcostasilva@gmail.com

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Orientador: José Juliano Cedaro

Av Presidente Dutra, 2965, Centro. Porto Velho RO

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Universidade Federal de Rondônia

Campus José Ribeiro Filho, BR 364, Km 9,5, Bloco 2C, Sala 216, Porto Velho/RO. Horário de funcionamento: Segunda a sexta, das 08h às 12h

Telefone: (69) 2181-2111

E-mail: cep@unir.br

APÊNDICE D - Termo de autorização

À Secretaria de Infraestrutura

Cristiano Otoni/MG.

Senhor Secretário,

Eu, Ana Paula Costa Silva, aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado Acadêmico em Psicologia da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR), orientada pelo Professor Doutor José Juliano Cedaro, venho através desta, solicitar a autorização para a realização da pesquisa intitulada “No barco de Caronte: a morte sob o olhar dos profissionais de serviços funerários”.

A pesquisa tem como objetivo compreender como os trabalhadores de serviços funerários compreendem e lidam com a morte numa sociedade que a evita.

A coleta de dados será realizada por meio de entrevistas semiestruturadas individuais, em um horário que não traga prejuízos ao desenvolvimento das atividades laborais. A participação será voluntária e as entrevistas somente serão realizadas se houver a adesão dos funcionários. Aos que concordarem participar da pesquisa será entregue um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para ciência de autorização, ressaltando o comprometimento ético de manter os dados pessoais em sigilo.

Informo que a pesquisa será efetuada em conformidade com os preceitos éticos da ciência e com a legislação brasileira vigente para tal questão que são as resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

O início da coleta de dados somente ocorrerá após a análise e a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa do Núcleo de Saúde da Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Os resultados desta pesquisa serão utilizados para fins científicos, ou seja, apresentações e publicações. Na oportunidade, comprometo-me ao final da pesquisa retornar à Instituição e apresentar um relatório com os resultados da pesquisa.

Na oportunidade, coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos que se fizerem necessários. Informo os contatos para esclarecimentos de dúvida ou comunicado de qualquer natureza:

<p>Pesquisadora Responsável</p> <p>Ana Paula Costa Silva</p>	<p>Comitê de Ética em Pesquisa da Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR</p>
<p>Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Psicologia (PPGPSI) da Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)</p>	<p>Campus José Ribeiro Filho, BR 364, Km 9,5, Bloco 2C, Sala 214, Porto Velho/RO. Horário de funcionamento: Segunda a sexta, das 08h às 12h</p>

Telefone: (69) 99229-2831 E-mail: anapcostasilva@gmail.com	Telefone: (69) 2182-2116 E-mail: cep@unir.br
---	---

Ana Paula Costa Silva

Caso concorde com esta proposta, solicito que assine a autorização. Sem mais, despeço-me, agradecendo sua colaboração. Cordialmente,

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, estou ciente da pesquisa a ser desenvolvida pela mestrande Ana Paula Costa Silva e dos procedimentos de coleta de dados, não restando quaisquer dúvidas a respeito da pesquisa. Desse modo, autorizo o pesquisador a realizar a pesquisa, conforme os termos acima mencionados.

Secretário de Infraestrutura

APÊNDICE E - Declaração de compromisso do pesquisador responsável

Eu, Ana Paula Costa Silva pesquisadora responsável pelo projeto intitulado “**NO BARCO DE CARONTE: A MORTE SOB O OLHAR DOS PROFISSIONAIS DE SERVIÇOS FUNERÁRIOS**”, comprometo-me em anexar os resultados e relatórios parciais e final da pesquisa na Plataforma Brasil, garantindo o sigilo relativo à identidade dos participantes e de que os mesmos tenham acesso tanto aos resultados do estudo bem como tenham condições de usufruir dos benefícios decorrentes dos resultados da pesquisa.

Porto Velho, 8 de agosto de 2020.

Ana Paula Costa Silva

APÊNDICE F – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA - UNIR



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: NO BARCO DE CARONTE: A MORTE ATRAVÉS DO OLHAR DOS PROFISSIONAIS DE SERVIÇOS FUNERÁRIOS

Pesquisador: ANA PAULA COSTA SILVA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 36459120.5.0000.5300

Instituição Proponente: Universidade Federal de Rondônia - UNIR

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.258.658

Apresentação do Projeto:

Projeto de pesquisa apresentado por ANA PAULA COSTA SILVA, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia, orientada pelo professor Dr. José Juliano Cedaro, trata-se de um estudo descritivo de abordagem qualitativa a ser desenvolvido com agentes funerários e sepultadores, ou seja, profissões consideradas de "trabalho sujo" (BATISTA; CODO, 2017) por terem contato com o corpo morto, e que por tal razão se veem diariamente expostos à morte, para conhecer qual a relação que estes profissionais estabelecem com a mortalidade humana, como lidam com os aspectos subjetivos da profissão, com a própria mortalidade e também a de desconhecidos e de entes queridos.

Inicialmente a pesquisadora utilizará contatos prévios que estabeleceu enquanto elaborava o projeto de pesquisa. Além disso, será publicado nas redes sociais da pesquisadora a sua busca por agentes funerários e sepultadores. A partir das respostas a esse chamado inicial, explicarei sobre a pesquisa, os objetivos da mesma, e convidarei a participar. Diante da aceitação, conforme disponibilidade dos mesmos, será realizada a entrevista individual na modalidade online, através do aplicativo WhatsApp.

A entrevista iniciará com a identificação e perfil sociodemográfico do participante. Esse tópico coleta de forma breve dados pessoais do entrevistado, como idade, escolaridade, profissão, estado civil, religião, para situar os entrevistados em um contexto social e pessoal e será realizado por meio de um formulário no Google Forms. Aos entrevistados que tenham dificuldade de

Endereço: Campus José Ribeiro Filho - BR 304, Km 0,5, sentido Acre, Bloco de departamentos, sala 210-20
Bairro: Zona Rural CEP: 70.801-050
UF: RO Município: PORTO VELHO
Telefone: (00)2182-2110 E-mail: csp@unir.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA - UNIR



Continuação do Parecer: 4.258.668

alfabetização, realizarei uma chamada virtual e farei a leitura das questões e alternativas de resposta, preenchendo eu mesma conforme o respondido pelo entrevistado. Após o preenchimento do perfil sociodemográfico, será marcada data e horário para entrevista gravada via áudio ou vídeo, que poderá ser realizada via WhatsApp, Skype ou outras ferramentas de web conferência. O roteiro proposto investigará a subjetividade da percepção e vivência do sujeito ante a realização do ofício. Serão realizadas entrevistas semiestruturadas, ou seja, "que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada." (MINAYO, 2001, p. 65).

Os dados serão colhidos a partir de questionário sociodemográfico e entrevista semiestruturada, e serão tratados a partir da Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2011). A pesquisa será realizada de modo online em várias cidades do Brasil, fazendo contato por meio de alguns profissionais que já foram previamente sondados e que se disponibilizaram a participar da pesquisa, caso ela seja aprovada. Utilizaremos então o método bola de neve para ter acesso aos sujeitos da pesquisa, método que se fundamenta em usar a rede social dos indivíduos iniciais para ter acesso ao coletivo. Cada entrevistado pode indicar ou intermediar o contato com outros profissionais para fazerem parte da pesquisa como informantes. É uma técnica não-probabilística, não determinada pela estatística populacional, sendo, portanto, uma amostra reduzida. O número de sujeitos não é definitivo à princípio, pois dependerá da anuência deles, conforme disponibilidade da pesquisadora e dos profissionais em participar da pesquisa. Como técnica para entendimento e interpretação dos dados utilizaremos a Análise de Conteúdo Temática. Segundo Minayo (2010, p. 303), a análise de conteúdo diz respeito a técnicas de pesquisa que "permitem tomar replicáveis e válidas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio do procedimento especializado e científico". Minayo ainda afirma que a análise temática consiste em "descobrir o sentido que compõe uma comunicação, onde a frequência signifique algo para o objeto visado" (p. 303). Oliveira (2008) pondera que a análise de conteúdo possui diferentes técnicas que podem ser abordadas pelos pesquisadores, e cada técnica produzirá diferentes resultados, permitindo, no entanto, analisar e produzir conhecimentos sobre o objeto estudado.

Critério de Inclusão:

- a) maiores de 18 anos;
- b) exercem o ofício há pelo menos seis meses;
- c) dentre as atividades realizadas está o contato com o corpo morto.

Endereço: Campus José Ribeiro Filho - BR 304, Km 0,5, sentido Acre, Bloco de departamentos, sala 210-2C
 Bairro: Zona Rural CEP: 70.801-050
 UF: RO Município: PORTO VELHO
 Telefone: (00)2182-2110 E-mail: oep@unir.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA - UNIR



Continuação do Parecer: 4.258.658

Critério de Exclusão:

- a) estar em exercício do ofício há menos de 6 (seis) meses;
- b) não entrar em contato com o corpo morto.

Objetivo da Pesquisa:

Investigar como os trabalhadores da morte (sepultadores e agentes funerários) compreendem e lidam com a morte no exercício de suas atividades profissionais e na vida pessoal, descrevendo mecanismos de enfrentamento ou adaptação a esse fenômeno e avaliando se a prática profissional favorece o enfrentamento de questões sobre a finitude e busca de sentido para a existência.

Objetivo Secundário:

Investigar qual a concepção de morte para esses trabalhadores e quais sentidos são atribuídos ao fenômeno da morte e do morrer;

Compreender quais motivos os levaram a trabalhar com a morte e o corpo morto; Descrever o funcionamento dos ambientes de trabalho desses profissionais;

Descrever as relações de aproximação e distanciamento da morte necessárias para o exercício das atividades profissionais e nas demais experiências de vida;

Avaliar se a atividade profissional do serviço funerário possibilita uma busca ou compreensão individual do sentido da existência, em face do confronto com a finitude.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Conforme as resoluções 466/2012 e 510/2016, sobre os riscos aos participantes da pesquisa, há a possibilidade de ocorrer algum risco emocional, como desconforto e estresse devido a lembranças pesadas, contudo serão tomados os cuidados necessários para a condução das falas e será respeitado o "tempo" de cada entrevistado.

Benefícios:

As entrevistas, bem como toda a pesquisa, poderá oportunizar aos sujeitos um ambiente acolhedor de comunicação, o podendo falar abertamente sobre sua experiência pessoal, que é socialmente censurada. Terão, portanto, um canal seguro de manifestação de seus sentimentos e necessidades de apoio à profissão, nem sempre ouvidas pelo público ou pelo mercado. Para os residentes em Porto Velho, poderão ser encaminhados para atendimento s no Serviço de Psicologia Aplicada da UNIR, caso sintam necessidade.

Endereço: Campus José Ribeiro Filho - BR 304, Km 9,5, sentido Acre, Bloco de departamentos, sala 210-2C
Bairro: Zona Rural CEP: 70.801-050
UF: RO Município: PORTO VELHO
Telefone: (00)2182-2110 E-mail: csp@unir.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA - UNIR



Continuação do Parecer: 4.258.658

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A estruturação do projeto apresentado em relação aos aspectos éticos permite análise adequada das questões éticas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- a. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – presente e adequado em partes
- b. Termo de Assentimento Esclarecido (TAE) – não se aplica
- c. Termo de Compromisso para Utilização de Dados e Prontuários (TCUD) – não se aplica
- d. Termo de Anuência Institucional (TAI) – presente e adequado para o método de pesquisa Bola de Neve.
- e. Folha de rosto – presente e adequada
- f. Projeto de pesquisa completo e detalhado – presente e adequado
- g. Outro (especificar) – não possui.

Recomendações:

Fazer a adequação no TCLE e no projeto completo da gradação de risco, conforme a resolução 466/12 (no caso mínimo, médio ou alto) informando a posteriori este CEP. Os riscos estão bem avaliados, contudo, faltou mencionar o seu grau.

Quando enviar o relatório parcial informar o acréscimo do item no protocolo de pesquisa. Acessar site do CEP/UNIR para verificar o modelo de relatório parcial/final: <http://www.cep.unir.br/>

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Recomendação de aprovação.

Considerações Finais a critério do CEP:

PROTOCOLO APROVADO

1. De acordo com o item X.1.3.b, da Resolução CNS n. 466/12, o pesquisador deverá apresentar relatórios semestrais - a contar da data de aprovação do protocolo - que permitam ao CEP acompanhar o desenvolvimento do projeto. Esses relatórios devem conter as informações detalhadas - naqueles itens aplicáveis - nos moldes do relatório final contido no Ofício Circular n. 062/2011: conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/index.htm, bem como deve haver menção ao período a que se referem. Para cada relatório, deve haver uma notificação separada. As informações contidas no relatório devem ater-se ao período correspondente e não a todo o período da pesquisa até aquele momento.

Endereço: Campus José Ribeiro Filho - BR 304, Km 0,5, sentido Acre, Bloco de departamentos, sala 210-2C
 Bairro: Zona Rural CEP: 70.801-050
 UF: RO Município: PORTO VELHO
 Telefone: (00)2182-2110 E-mail: cep@unir.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA - UNIR



Continuação do Parecer: 4.258.658

2. Eventuais emendas (modificações) ao protocolo devem ser apresentadas de forma clara e sucinta, identificando-se, por cor, negrito ou sublinhado, a parte do documento a ser modificada, isto é, além de apresentar o resumo das alterações, juntamente com a justificativa, é necessário destacá-las no decorrer do texto (item 2.2.H.1, da Norma Operacional CNS nº 001 de 2013).

Todos os projetos submetidos ao CEP/NUSAU/UNIR são avaliados com base na Resolução 466/12, Resolução 510/16 (quando pertinente) e nas Normas Operacionais emanadas da CONEP.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1545001.pdf	10/08/2020 20:40:22		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_ANAPAULACOSTASILVA.docx	10/08/2020 20:39:56	ANA PAULA COSTA SILVA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	10/08/2020 20:39:43	ANA PAULA COSTA SILVA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_COMPROMISSO_PESQUISADOR.pdf	10/08/2020 11:33:04	ANA PAULA COSTA SILVA	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_SEC_INFRA_MG.pdf	05/08/2020 12:43:21	ANA PAULA COSTA SILVA	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_SEMUSB.pdf	05/08/2020 12:39:50	ANA PAULA COSTA SILVA	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_FUNERARIA_1.pdf	05/08/2020 12:38:52	ANA PAULA COSTA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	27/04/2020 12:18:37	ANA PAULA COSTA SILVA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.docx	27/04/2020 12:17:23	ANA PAULA COSTA SILVA	Aceito
Outros	CURRICULOLATTES.pdf	27/04/2020 12:15:33	ANA PAULA COSTA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto_anapaulacostasilva.pdf	27/04/2020 12:09:03	ANA PAULA COSTA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Campus José Ribeiro Filho - BR 364, Km 9,5, sentido Acre, Bloco de departamentos, sala 216-2C
Bairro: Zona Rural CEP: 76.801-050
UF: RO Município: PORTO VELHO
Telefone: (69)2182-2110 E-mail: cep@unir.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA - UNIR



Continuação do Parecer: 4.258.658

PORTO VELHO, 04 de Setembro de 2020

Assinado por:
Elen Petean Parmejiani
(Coordenador(a))

Endereço: Campus José Ribeiro Filho - BR 304, Km 0,5, sentido Acre, Bloco de departamentos, sala 216-2C
Bairro: Zona Rural CEP: 70.801-050
UF: RO Município: PORTO VELHO
Telefone: (60)2182-2110 E-mail: csp@unir.br